

PROJECTO PARA A CASA DE SAÚDE ALMEIDA PINHO
Reabilitação ou reciclagem

João Paulo Barbosa de Bastos

Junho de 2011



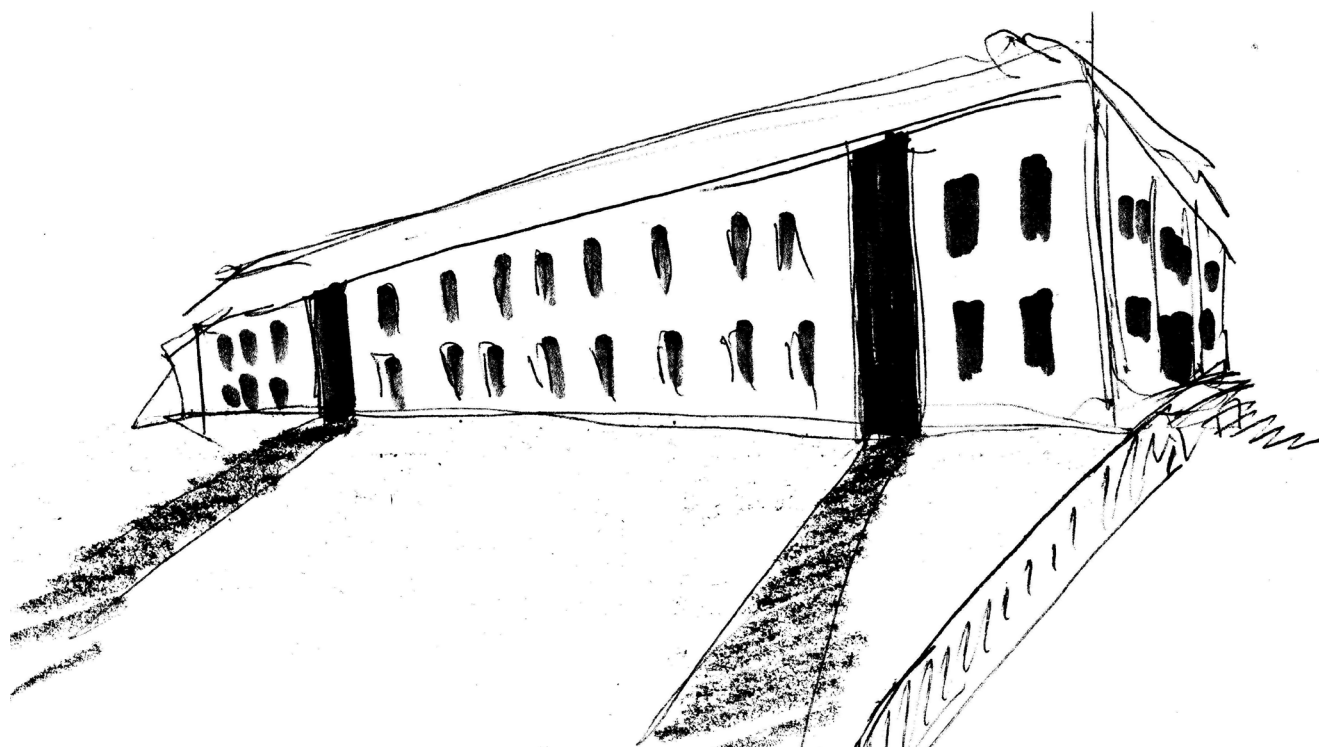
Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura
Apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC

Orientada por: Professor Doutor Gonçalo Byrne

Arquitecta Susana Lobo

PROJECTO PARA A CASA DE SAÚDE ALMEIDA PINHO

Reabilitação ou reciclagem



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Professor Gonçalo Byrne e à Professora Susana Lobo pela orientação prestada, pois tornou possível a realização deste trabalho.

Um agradecimento muito especial aos meus pais. Sem eles nada disto seria possível. Agradeço o apoio, a compreensão e o verdadeiro exemplo que sempre foram para levar a cabo este percurso. Estendo este agradecimento à minha irmã sempre a dar incentivo e disposta a ajudar, ao resto da família nomeadamente aos avós e ao tio Augusto.

Verdadeiramente, os amigos especiais merecem uma palavra de apreço pela amizade. Em todas as ocasiões foram imprescindíveis para ultrapassar obstáculos e estiveram sempre lá...

À Mari por toda a atenção, por acreditar sempre, e por me fazer acreditar que é possível.

Não posso deixar de agradecer aos senhores Ângelo de Pinho e José da Silva Bastos pela vontade em ajudar na árdua tarefa de pesquisa sobre o objecto de estudo. Também a senhora Paula Savino, pela disponibilidade em fornecer autorização para visitar a Casa de Saúde.

SUMÁRIO

Introdução	9
------------	---

I Projecto para Casa de Saúde Almeida Pinho

1 - A Casa de Saúde Almeida Pinho	17
1.1 - Localização	19
1.2 - As origens	21
1.3 - Hospital	29
1.4 - Seminário Apostólico S.João de Brito	31
1.5 - Sanatório	35
2 - O programa	39
2.1 - Transformações no conceito de Hotel	49
3 - Proposta	59

II Reabilitar ou Reciclar

1 - Agir sobre preexistências	73
1.1 - Reabilitação	75
1.2 - Reciclagem	85
1.2.1 - Como reciclar arquitectura	95
1.2.2 - O contexto português	103

Conclusão	107
-----------	-----

Bibliografia	113
--------------	-----

Anexos

Anexo I - Entrevista aos arquitectos Ricardo Carvalho e Joana Vilhena	123
Anexo II - Entrevista ao arquitecto Ricardo Cruz	125
Anexo III - Entrevista ao arquitecto Gonçalo Byrne	131
Anexo IV - Desenhos complementares do projecto	152

Introdução

O arquitecto procura, através do desenho, representar os conceitos teóricos que, conjugados com a prática construtiva, resultam no projecto de arquitectura. Este trabalho partiu desse princípio. A realização de uma proposta de projecto foi a grande motivação para esta dissertação. A escolha do objecto de estudo para esse fim revelou-se fácil e, em certa medida, pessoal. A Casa de Saúde Almeida Pinho é um edifício construído no início do século XX, localizado na freguesia de Macieira de Cambra, da qual sou natural. Este edifício, em particular, sempre me suscitou bastante curiosidade. Por um lado, interessava-me perceber o que esteve por detrás da sua concepção e conhecer o seu percurso na história até aos dias de hoje; por outro, descobrir as causas da sua inoperância e do seu progressivo abandono, assim como o porquê da falta de investimento neste imóvel que engrandece o concelho de Vale de Cambra.

A tarefa mais complicada foi conhecer o edifício. Este, encontra-se abandonado há vários anos, e sempre o conheci assim. Implantado a uma cota

elevada relativamente à via de acesso, numa propriedade cercada a toda a volta por muros altos, está encoberto por densa vegetação e vários dos seus componentes apresentam-se num estado avançado de ruína. Portanto, logo à partida, uma visita ao edifício revelava-se uma tarefa árdua e, de certo modo perigosa. No entanto, esta era a melhor forma de conhecer a situação actual do conjunto e de vivenciar o seu espaço. Foi surpreendente o estado avançado de destruição do edifício. Simplesmente não existia qualquer acesso ao piso superior, das muitas janelas que restavam, nenhuma delas estava a funcionar. Mesmo algumas paredes divisórias estavam parcialmente destruídas. A ruína parcial da cobertura acelerou a deteiorização das madeiras. Para além disso, o vandalismo e diversas pilhagens, a que o edifício esteve sujeito após a desocupação, contribuíram para o estado em que se encontra hoje.

Mas se era difícil conhecer o edifício na sua situação actual, ainda mais complicado era estudar a história das fases precedentes. Junto a familiares mais velhos, que presenciaram o edifício ainda em funções, comecei a conhecê-lo um pouco mais, nomeadamente o facto de terem sido exercidas as funções de Seminário e, posteriormente, de Sanatório. Foi com estas pistas que se partiu para uma pesquisa acerca de toda a história do edifício. Esta, baseou-se, na sua maior parte, em fotografias de várias épocas e em algumas publicações locais. Devido à ausência de informação, algumas conversas de situação revelaram-se muito importantes neste processo, contribuindo com descrições, quer de acontecimentos, quer do próprio espaço. Todos estes elementos assemelharam-se a peças de um puzzle que se foi montando de forma a conseguir descrever e ilustrar a história do edifício.

Para a elaboração de uma proposta, era crucial, efectuar o levantamento, não só da situação actual, mas também das etapas precedentes. Foi, então, num processo inverso (da frente para trás, partindo da situação actual) que se foram descortinando as alterações que o edifício sofreu ao longo do tempo, adaptando-se às funções exercidas.

A contextualização da Casa de Saúde, no espaço e no tempo, uma busca pelas suas origens, personificadas nos beneméritos fundadores, Luiz Bernardo de Almeida e António Almeida Pinho, e o levantamento das três fases funcionais do edifício (Hospital, Seminário, Sanatório) constituem a parte introdutória do

primeiro capítulo, intitulado “Projecto para a Casa de Saúde Almeida Pinho”. Neste capítulo, segue ainda uma reflexão sobre o programa a desenvolver em projecto. Neste caso a instalação de um estabelecimento hoteleiro, programa que se explica por duas razões essenciais: a carência deste tipo de equipamentos na cidade de Vale de Cambra e o facto do edifício em causa possuir, nas suas características, uma boa adaptabilidade a essa função. E numa altura de transformações na arquitectura do hotel, importa estar atento e reflectir sobre o novo rumo dado aos espaços hoteleiros.

Este capítulo termina com a apresentação da proposta de projecto para a instalação de um hotel na Casa de Saúde.

A escolha deste objecto de estudo trouxe outro tema para o debate, que diz respeito à acção sobre preexistências. São conhecidas várias designações para este tipo de intervenção e, neste caso, ficou a dúvida entre reabilitação e reciclagem. O primeiro está já perfeitamente implementado e aceite por todos, sendo a principal actividade da arquitectura sobre preexistências. O segundo, com uma história mais curta, aceite por uns mas interrogado por outros, tem, no entanto, vindo a ser alvo de debate quando se intervém no existente. Também eu me debati com esta dúvida pois, se por um lado estes termos se tocam em vários pontos, por outro possuem características bastantes diferentes. É, então, num segundo capítulo que pretendo clarificar estes conceitos, analisando um e outro termo, dando especial atenção ao tema da reciclagem pela razão de ser um tema menos falado e também pouco documentado. Por fim, pretendo reflectir sobre a designação a dar a esta proposta de projecto para a Casa de Saúde Almeida Pinho, e sobre as consequências dessa mesma acção.

I

Projecto para a Casa de Saúde Almeida Pinho

1 - Casa de Saúde Almeida Pinho

O projecto que se propõe para a Casa de Saúde, procura ser uma forma de integrar a velha preexistência na nova realidade do concelho de Vale de Cambra. Percorrendo a sua história descobrimos uma série de transformações a que o edifício esteve sujeito. Começou por ser construído com o intuito de funcionar como Hospital, cuja função nunca foi exercida. Foi nele instalado o Seminário Apostólico S. João de Brito, pois o edifício revelou ser uma oportunidade economicamente mais viável para os seminaristas que estavam até então instalados em Guimarães. Mais tarde, juntando-se ao combate contra a tuberculose, viu-se transformado em Sanatório. Após tal condição serviu de albergue a retornados do pós 25 de Abril, sendo pilhado e destruído, o que conduziu ao abandono e à progressiva ruína em que o podemos encontrar nos dias de hoje.

Foram estes os ciclos de funcionamento da Casa de Saúde que veremos com mais detalhe a seguir.

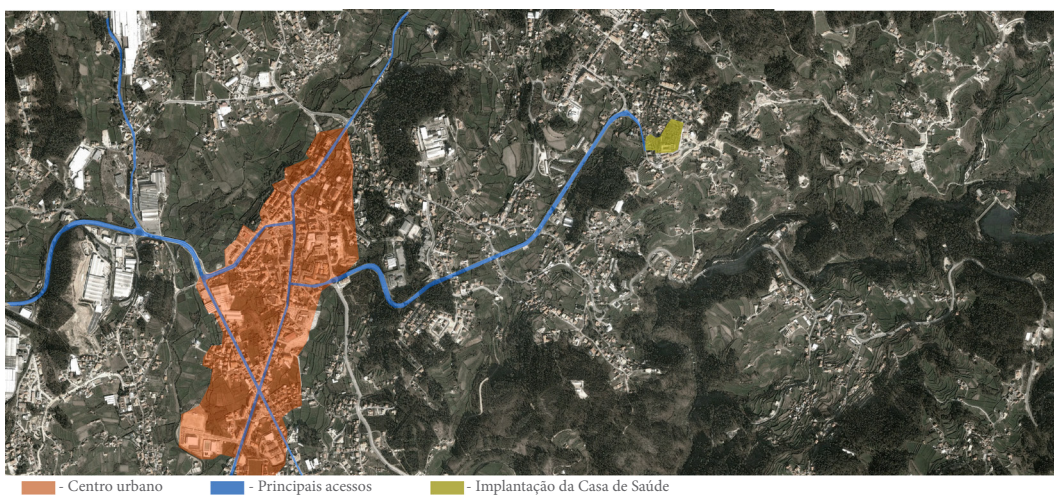


Fig.1 - Mapa de localização da Casa de Saúde Almeida Pinho
(<http://maps.google.pt/>)

1.1 - Localização

O concelho de Vale de Cambra, ocupa uma área de 149 km² dividido por nove freguesias. Em termos de acessibilidades, tem como principais a EN224, que liga a Oliveira de Azeméis e, conseqüentemente, ao IC2, e a EN227, que liga a S. João da Madeira, sendo a estação de caminhos-de-ferro mais próxima a de Estarreja a 29km¹.

Sendo, como o nome indica, um vale, possui uma estrutura física que muito sustentou o desenvolvimento do concelho. O Rio Caima, aliado à indústria, sempre foi a fonte de maior progresso económico da cidade. Este rio nasce na Frecha da Mizarela, uma das mais belas paisagens da cidade, numa queda de água que se despenha por um penhasco com mais de 75 metros de altura (a maior do país), e foi o motor de diversas fábricas à beira rio plantadas, das quais uma central eléctrica. A construção de uma barragem ajudou em muito o regadio aos agricultores permitindo a manutenção das pastagens verdejantes, pelo que apelidavam a cidade de a “Suíça Portuguesa”. A indústria foi, portanto, o principal meio de desenvolvimento da cidade, criou empregos, fomentou a economia e dinamizou o interface sociocultural.

Ferreira de Castro, natural de Oliveira de Azeméis, muitas vezes visitou o Vale de Cambra e sobre ele escreveu: *“de regresso à estrada, vê-se, logo adiante das Baralhas, panorama de amar. É o Vale de Cambra. Quase ignorado até há pouco, a sua beleza adquire dia-a-dia, maior renome. Cercado de montanhas de formas extravagantes, é difícil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espectacular. Quase não tem planos, a vista desce para a imensa cavidade onde refulgem o Caima e o Viges; erra entre os campos agricultados e, depois encontra o contraforte das serranias, onde branqueiam dispersas aldeias humildes. A terra é verde e o céu azul, tudo é verde e azul com raras pintas brancas das moradias que parecem janelas da própria paisagem. Ao crepúsculo, porém, o grande vale sofre metamorfose e as cores misturam-se. De manhã é o milagre. Todos os dias há um milagre de luz sobre a terra*

¹MARQUES, Maria - **Monografia de Vale de Cambra**. P. 12.

*quando o sol nasce em Vale de Cambra*².

Esta descrição reflecte a paisagem que rodeia a Casa de Saúde, que se encontra implantada a meia encosta, posição estratégica para contemplar este cenário descrito por Ferreira de Castro. Conta com uma generosa área envolvente pertencente à propriedade, vedada a toda a volta por um muro de pedra. O acesso principal encontra-se a Poente com uma alameda que aponta na direcção da fachada principal, contando com um acesso mais restrito por uma estreita via que percorre o lado Norte da propriedade. A Sul confronta com o edifício da Fundação Luíz Bernardo de Almeida, que apoia idosos e desfavorecidos do concelho.

1.2 - Origens

O Brasil foi desde sempre um destino preferido pelos emigrantes portugueses, muito devido ao facto de se falar o mesmo idioma e pela proximidade cultural. Dentro do grande fluxo de viagens, destaca-se na segunda metade do século XIX e início do século XX uma forte debandada de portugueses para o Brasil. Segundo as estatísticas, entre 1855 e 1914 foram registadas um pouco mais de 1,3 milhões de saídas. Este grande fluxo caracterizou-se pela procura de emprego e de condições económicas que permitissem melhorar a qualidade de vida dos emigrantes portugueses. O maior número de emigrantes, estava situado na faixa etária entre os 14 e os 40 anos, muitas vezes pais de família que, mais tarde, chamavam as esposas e os filhos para que se juntassem a eles³. A grande maioria planeava o regresso às origens. Retorno que, segundo Jorge Fernandes Alves⁴, se caracterizava em vários tipos: o retorno de fracasso, que é quase sempre característico dos emigrantes que provinham do campo e do mundo rural, que lá prestavam os mesmos serviços e voltavam como haviam saído, senão em pior condição; retorno de conservadorismo, define aqueles emigrantes que embora tenham alcançado algum sucesso, não

² *Ibidem*, p. 40.

³ ALMEIDA, Adelino - **Luiz Bernardo de Almeida**. P. 20.

⁴ Professor catedrático no Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Fig.2 - Luiz Bernardo de Almeida
(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)

aspiram a grandes aventuras e regressam às suas terras para estabelecer um pequeno negócio; o retorno de jubilação encaixa nos emigrantes que alcançaram um êxito superior, mas a quem a idade nega riscos maiores e regressam para viver uma reforma tranquila; já o retorno de inovação constitui um paradigma onde se enquadram os emigrantes que progridem na sua experiência, nos seus conhecimentos e projectam-se em novos comportamentos e novas atitudes voltando ao país de origem para fazer valer essa qualificação⁵.

O Sr. Comendador Luiz Bernardo de Almeida, natural de Macieira de Cambra e responsável pela construção da Casa de Saúde Almeida Pinho em parceria com seu primo António Almeida Pinho, não se enquadra na perfeição num destes modelos, mas, como veremos a seguir, alterna entre os modelos de jubilação e inovação.

Nascido no lugar de Paredes, em 1859, emigrou para o Brasil (Rio de Janeiro) com nove anos, juntamente com sua mãe (Josefa da Conceição) e o primo (António Almeida Pinho). Esta deslocação deu-se a pedido do seu pai (Bernardo Luiz de Almeida) que antes, no ano de 1852, tinha já emigrado para aquele país.

Luiz Bernardo iniciou, então, um percurso de grande esforço e dedicação numa luta contra a pobreza e o analfabetismo, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Enfrentou problemas de saúde que quase o vitimaram: *“no ano de 1873 a febre-amarela, então flagelo daquelas paragens e no ano de 1874 a varíola quase o arrebataram aos carinhos de seus pais e lhe querem roubar o triunfo pela peleja que tinha travado pela vida. Vencedor de terríveis enfermidades continua a labuta na sua oficina, até que no ano de 1881 uma pneumonia dupla quase o vitima, quase o desalenta e faz sentir no seu coração quebrantos dolorosos. Com forças ainda alquebradas, no ano de 1886, vem ele pela primeira vez à sua terra natal visitar os seus parentes, os seus amigos e procurar alívio para a sua saúde abalada.”*⁶

Em termos profissionais, começou por uma pequena oficina metalúrgica, até que fundou o grande complexo industrial de serralharia e fundição, a Fábrica Progresso. Esta fábrica foi de tal modo bem sucedida que o governo brasileiro lhe

⁵ ALMEIDA, Adelino - **Luiz Bernardo de Almeida**. P. 28.

⁶ *Ibidem*, p. 12.



Fig.3 - Villa Áurea
(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)

concedeu a ordem de comenda.

Foi casado com D. Anna Horvath de Almeida, nascida em 1864, em Viena de Áustria, que também havia emigrado para o Brasil com seus pais. D. Anna faleceu a 13 de Fevereiro de 1932, um rude golpe na vida do Sr. Comendador que ainda assim, retomou a vida e casou-se novamente com D. Marinha Silva dos Santos, natural de Lamego. As suas esposas sempre foram consideradas por todos, muito por causa da dedicação que demonstraram pelos mais desfavorecidos.

Quando Luiz Bernardo regressou à sua terra natal, e comparando com as condições que o acompanhavam no Brasil, deparou-se com um grande atraso e uma abundante pobreza entre os seus conterrâneos. Decidiu meter mãos à obra no sentido de melhorar estas condições, e iniciou uma enorme obra de beneficência que muito ajudou a desenvolver o concelho em várias áreas. Esta obra merece destaque neste trabalho pois dela faz parte a Casa de Saúde.

Ose migrantes quando regressavam às suas origens, geralmente investiam nas casas dos seus pais, ampliando e renovando-as. Estas casas pelas suas características próprias criaram um padrão pelo que foram designadas de “casa do brasileiro”. O Dr. Jorge Fernandes Alves descreve sumariamente este padrão generalizado: *“Muravam-se a habitação e terrenos circundantes... alteava-se aquela construção com um primeiro andar, libertando-se o rés-do-chão das cortes do gado, pela construção de edifícios próprios e separados. Nas casas mais ricas construía-se ainda a casa para o caseiro... a habitação do proprietário passava a destacar-se pela altura das janelas muitas vezes com vidros coloridos, com o exterior pintado de cor garrida... elemento fundamental era a água...”*⁷. A própria casa do Luiz Bernardo não se enquadra propriamente neste perfil, pois foi construída de raiz em 1915 para sua residência, luxuosa e confortável. No entanto possui características comuns à designada casa do brasileiro. A casa era ladeada por uma extensa varanda protegida por vidros coloridos e suportada por elegantes colunas de ferro. As escadarias também elas com um desenho leve e elegante eram feitas em fundição ou ferro forjado, de referir que a utilização deste material era novidade em relação à construção comum na região.

⁷ *Ibidem*, p. 47.



Fig.4 - Villa Marinha

(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)



Fig.5 - Centro cultural e recreativo

(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)



Fig.6 - Hospital em dia de inauguração

(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)

O amplo jardim era dividido em canteiros, contando com um lago circular com água corrente, já o abrigo dos animais era colocado em edifícios anexos. A casa de planta em L, apresenta-se exposta a uma maior salubridade contendo espaços bem iluminados e arejados. A casa do seu primo e sócio também possui características demarcadas, como a varanda corrida em redor da casa, o ferro como material de construção, o jardim bem cuidado e com aspecto apalaçado. De referir também que era hábito designar as casas de Villa seguida do nome da esposa do proprietário, a do Sr. Comendador por Villa Marinha e a do seu primo por Villa Aúrea.

Em termos culturais, o Sr. Comendador patrocinou a construção do Centro Recreativo Musical e Literário, que no ano de 1942 já estaria concluído e albergava actividades no campo da música, literatura, cinema e ainda, a prática do bilhar e do pingue-pongue. Também viria a ser a sede da Banda Musical do concelho, subsidiada pelo Comendador desde 1919. A sua obra estendeu-se igualmente ao sector dos transportes. Para além de ter fundado a empresa Transportes Progresso em 1923, destinada a satisfazer as deslocações das pessoas (proporcionando um bom desenvolvimento comercial fazendo carreiras diárias para as cidades vizinhas), ainda emprestou dinheiro ao Estado para que fosse aberta a estrada que liga a S. Pedro do Sul e consistia em mais uma porta aberta à cidade.

No campo da saúde, o grande destaque vai para a Casa de Saúde, na altura construída com a intenção de funcionar como hospital do concelho. Estudou-se também a hipótese de instalar um sanatório de montanha atendendo ao flagelo da tuberculose, mas este projecto foi abandonado quando o próprio hospital foi adaptado para esse fim, com capacidade para duzentas camas. Foram portanto o Sr. Comendador e o seu primo que estiveram na génese desta obra de referência, cuja história se pretende descrever a seguir, enunciando os diversos ciclos de vida deste imóvel.



Fig.7 - Fachada do Hospital da Benemerência do Brasil
(<http://www.museu-emigrantes.org/beneficencia-5-rio.htm>)



Fig.8 - Vista sobre o Hospital de S. José em Fafe
(<http://falafcult.blogspot.com/2010/12/face-nos-anos-70-1-hospital-de-s-jose.html>)



Fig.9 - Desenho original da fachada principal
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)



Fig.10 - Fachada principal
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)

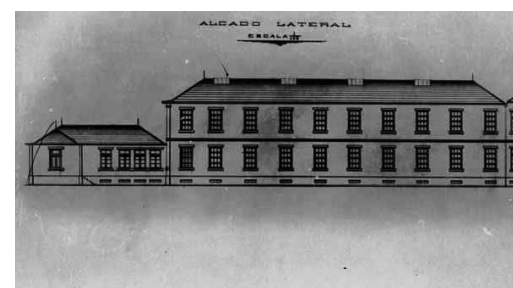


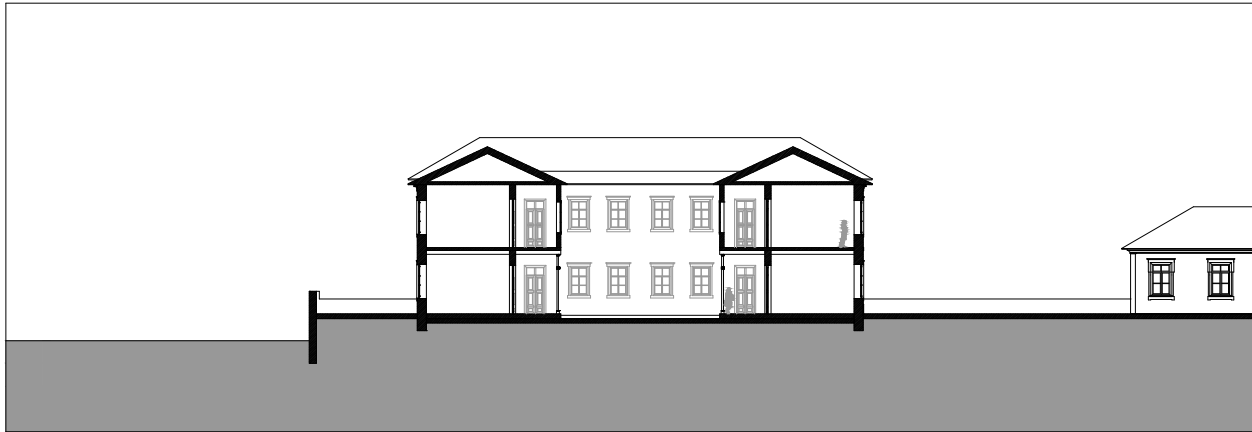
Fig.11 - Desenho original da fachada lateral do Hospital
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)



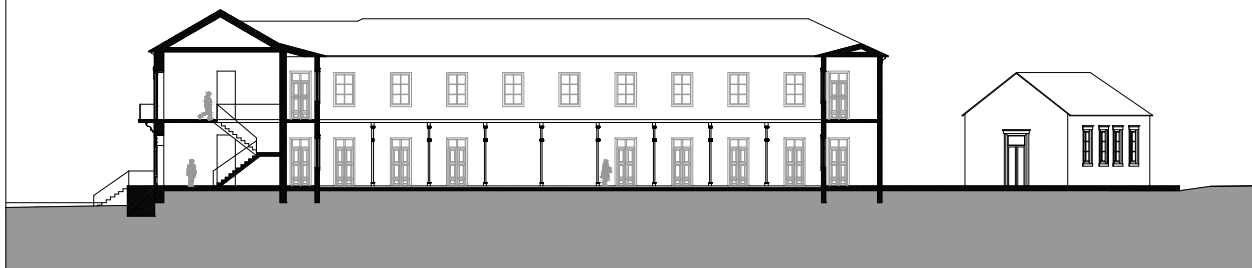
Fig.12 - Galeria de acesso às enfermarias
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)



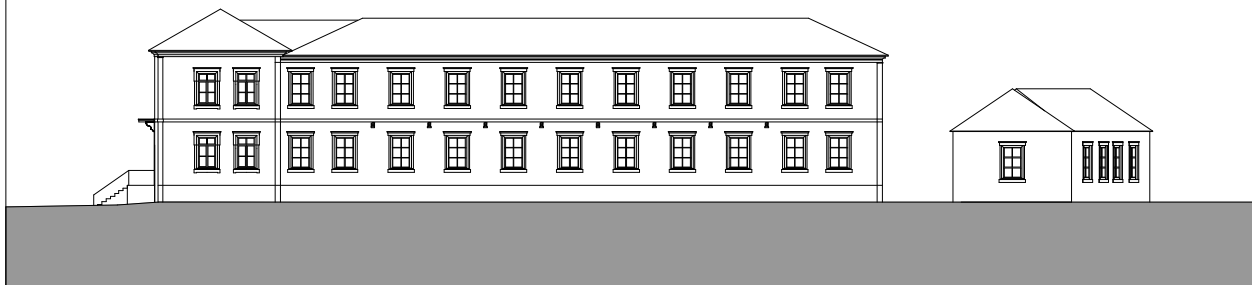
Fig.13 - Vista do Hospital
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)



Corte transversal



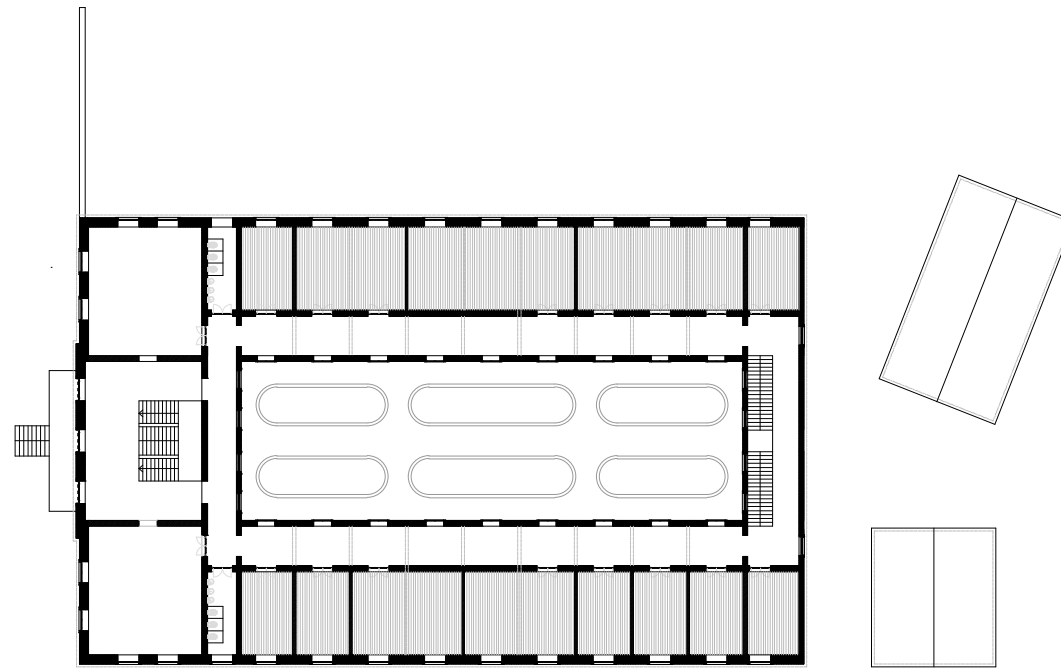
Corte Longitudinal



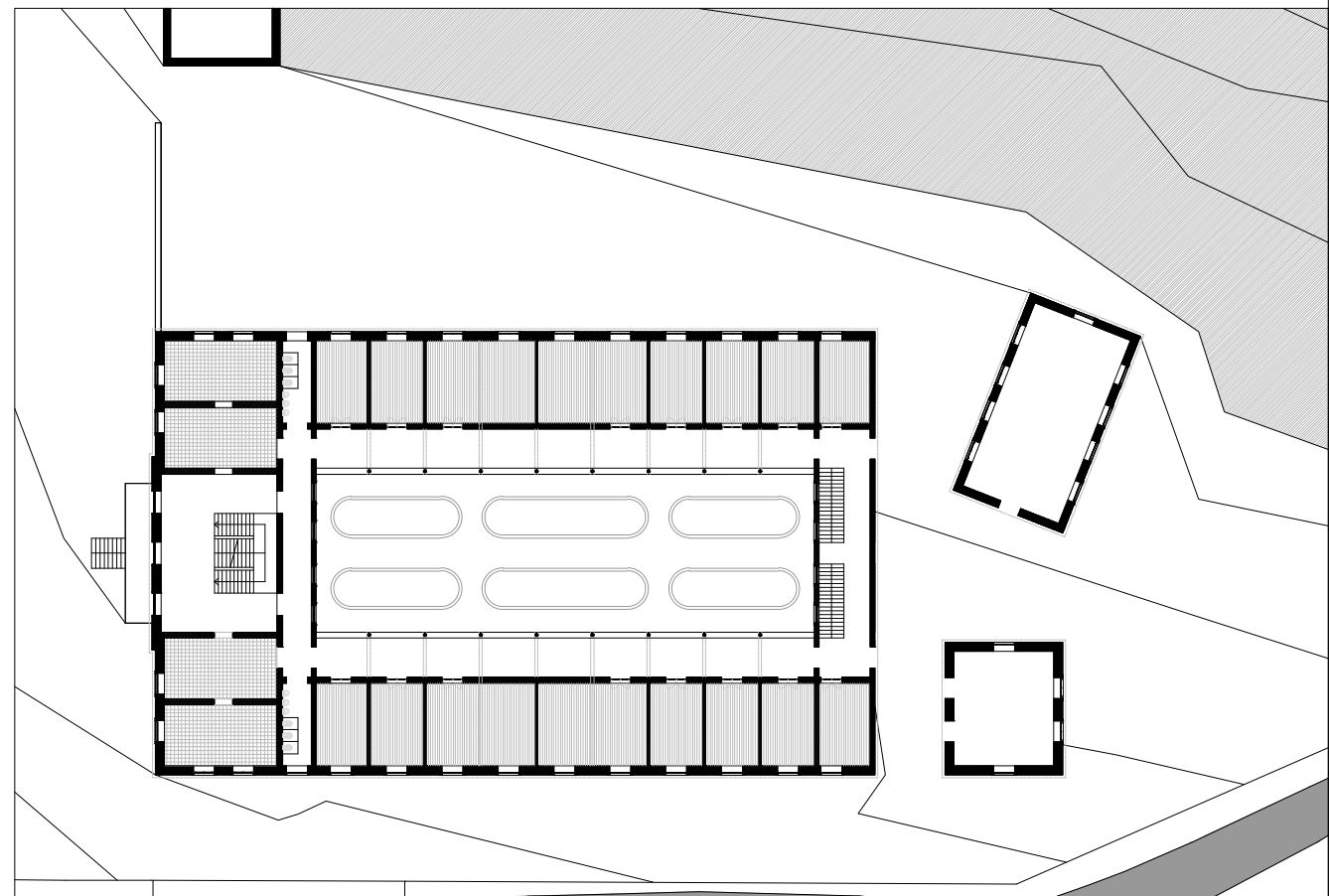
Alçado Lateral Norte



Alçado Principal



Planta Piso 1



Planta Piso 0



1.3 - Hospital

Começamos então pelo início, e não é fácil falar do hospital devido à pouca documentação existente que provavelmente se deve ao facto desta função não ter sido exercida. O hospital chegou a ser inaugurado, em 1925, aumentando a estranheza relativa à sua inactividade. A explicação encontrada para esse facto não foi muito clara. Na data da inauguração, os promotores do hospital souberam da intenção de mudar a sede do concelho, na altura sediado em Macieira de Cambra, para Vale de Cambra. Devido a esse facto, recuaram e decidiram não instalar o hospital até que fosse decidida a sede do concelho⁸. A sede foi mudada e provavelmente por dificuldades financeiras associadas à desistência dos promotores, o hospital não chegou a funcionar, restando apenas activa a farmácia que integrava o complexo.

O projecto original vai certamente buscar influências ao Brasil, muito provavelmente através dos seus fundadores. Há uma relação directa com o Hospital da Benificiência Portuguesa no Brasil, localizado no Rio de Janeiro a escassos quilómetros da Fábrica Progresso. Este edifício deve ter sido visitado pelo Sr. Comendador que decidiu adoptar o mesmo modelo no seu país. A construção do hospital desvia-se, no entanto, um pouco desta referência, apresentando-se mais sóbrio, talvez por dificuldades técnicas na execução ou por motivos de falta de financiamento. A modulação da fachada parece ter sido repetida na Casa de Saúde, dando-lhe o carácter nobre através dos materiais e imponência do desenho. Este não é caso único em Portugal, também o Hospital S. José em Fafe sofre influências daquele hospital brasileiro. Mas este surge quase como uma cópia do original. A intenção foi importar o modelo por inteiro e não apenas retirar influências. Não foi possível saber se existe relação entre o Hospital de Fafe e o de Vale de Cambra, provavelmente sim pois ambos os fundadores eram torna-viagem, podendo, ainda assim, não haver contacto entre eles.

O hospital adquire, para além dos conceitos, também os materiais oriundos do Brasil. O azulejo na fachada, as madeiras, o ferro nos pilares, a estrutura aligeirada da galeria superior revelam claramente o carácter de importação que foi referido.

⁸ Descrição de Angêlo Pinho, funcionário da Câmara Municipal de Vale de Cambra.



Fig.14 - Alameda de entrada para o Seminário
(Arquivo fotográfico digital da Câmara Municipal de Vale de Cambra)

Foram encontrados alguns desenhos que devem corresponder à ideia original para o edifício, ainda assim, comparando com as fotografias, notam-se várias diferenças do desenho até à construção. Primeiro a fachada principal é um pouco redesenhada, a larga escadaria frontal dá lugar a uma pequena escada de acesso a um varandim de entrada. Existe também, no desenho do corte, um apontamento de um corredor do piso superior ao centro, devendo ser iluminado por clarabóias visíveis no alçado. Na fase da construção, este corredor passou para uma posição lateral virado para o pátio, permitindo criar divisões mais amplas que corresponderiam às enfermarias. Ainda no corte, percebe-se um muro que divide o pátio em dois. Este muro explica-se com o motivo de divisão de homens para um lado e mulheres para outro. Ficam estes apontamentos de um hospital que nunca chegou a funcionar pelo que é difícil encontrar forma de o descrever mais detalhadamente.

1.4 - Seminário Apostólico S. João de Brito

A falta de vocações sacerdotais e a necessidade de intervenção missionária no mundo, inspirou o padre Albéric de Foresta (1818-1876), em França, a executar a obra das escolas apostólicas para fomento das vocações religiosas. Esta obra expandiu-se por todo o mundo e chegou a Portugal trazida pela Companhia de Jesus, fundando-se, em 1880, uma escola apostólica em Barro, perto de Torres Vedras. Esta escola foi mudando de instalações. Em 1892, foi instalada em Guimarães, mas por pouco tempo pois, em 1911, foi transferida para Salamanca na vizinha Espanha. No ano de 1932 voltou a Guimarães, funcionando numa casa alugada. Três anos mais tarde foi encontrada uma casa apropriada e de renda mais barata em Macieira de Cambra: o antigo hospital. Passou então a designar-se Seminário Apostólico do Beato João de Brito, tendo como padroeiro o grande missionário português, cuja canonização, a 22 de Julho de 1947, foi uma glória para as missões, para a Companhia de Jesus e para Portugal. O Santo Padre Pio XII proclamou-o protector das missões do Império Português⁹.

⁹ Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito, p. 3-5.



Fig. 15 - Vista do Seminário a partir de Macieira de Cambra
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)

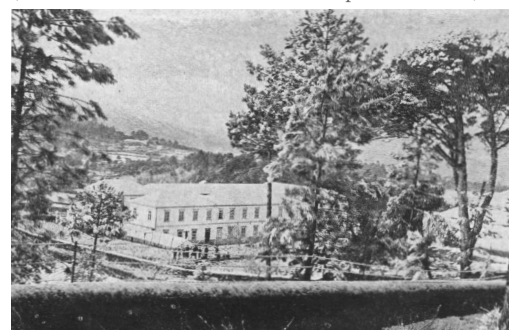


Fig. 16 - Vista do Seminário a partir do jardim
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)



Fig. 17 - Vista noroeste do Seminário
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)

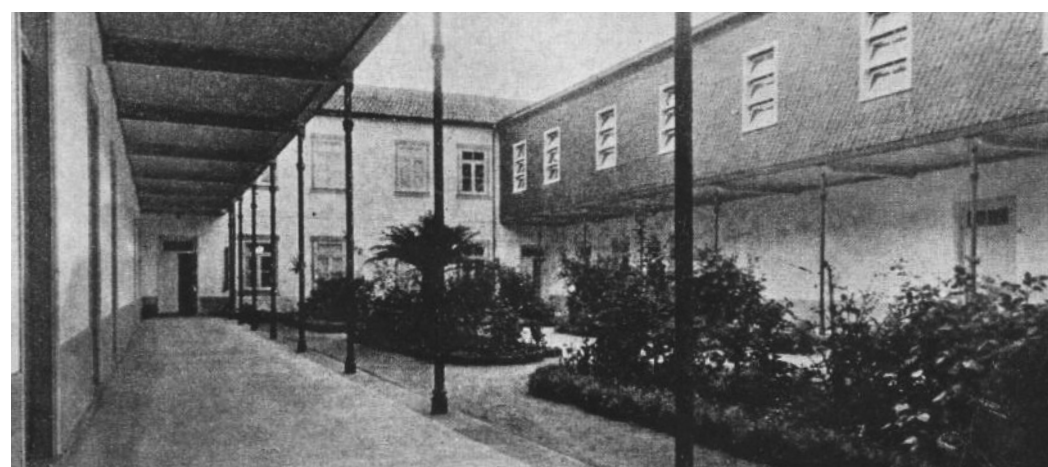


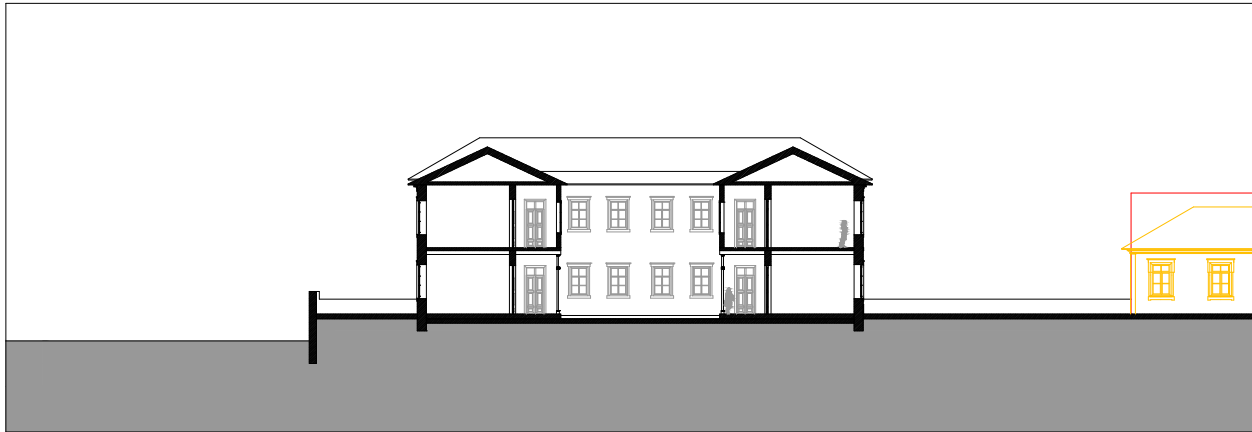
Fig. 18 - Galeria para o pátio
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)



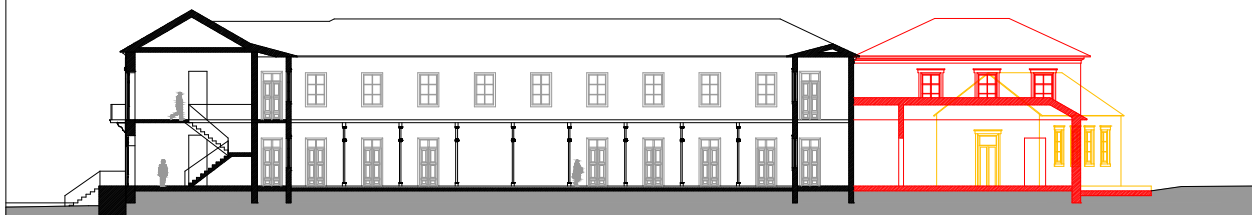
Fig. 19 - Interior da capela
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)



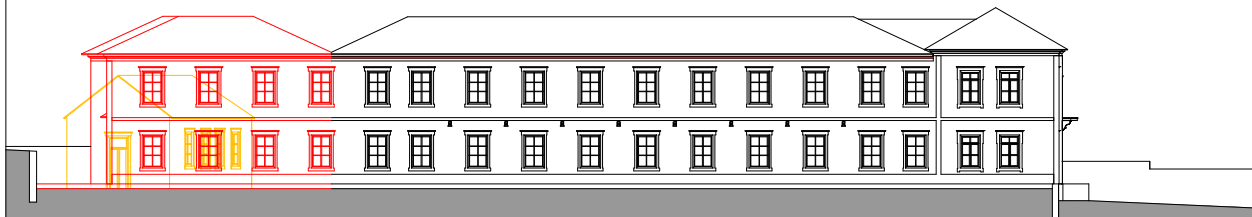
Fig. 20 - Alunos do Seminário no exterior
(Álbum e breve notícia do Seminário Apostólico de S. João de Brito)



Corte transversal



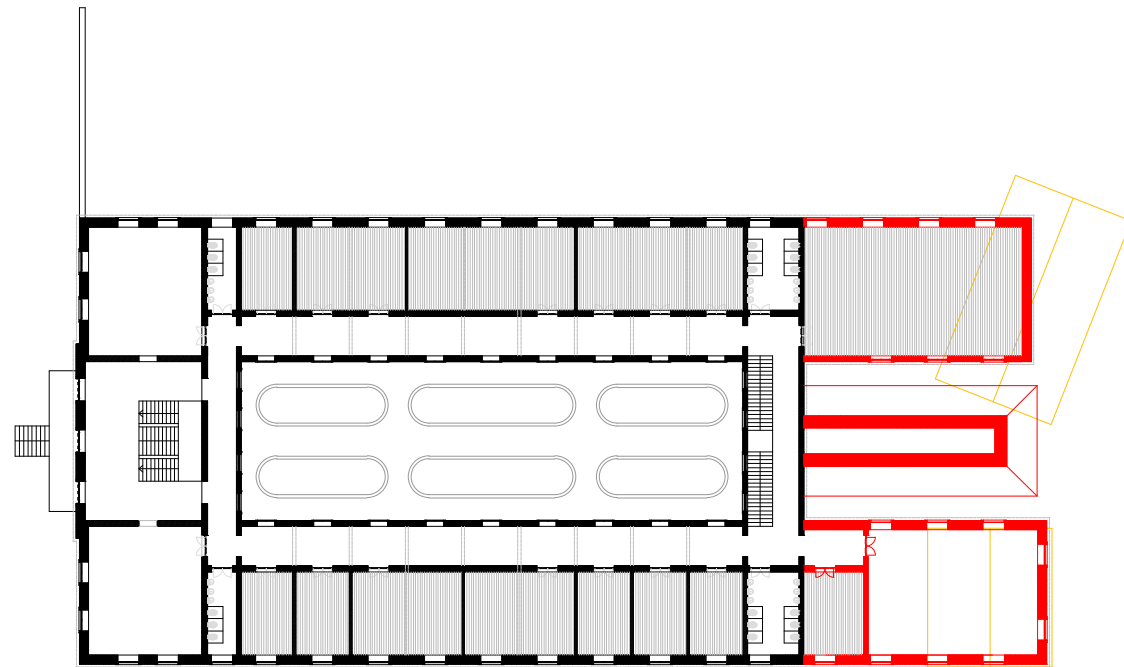
Corte Longitudinal



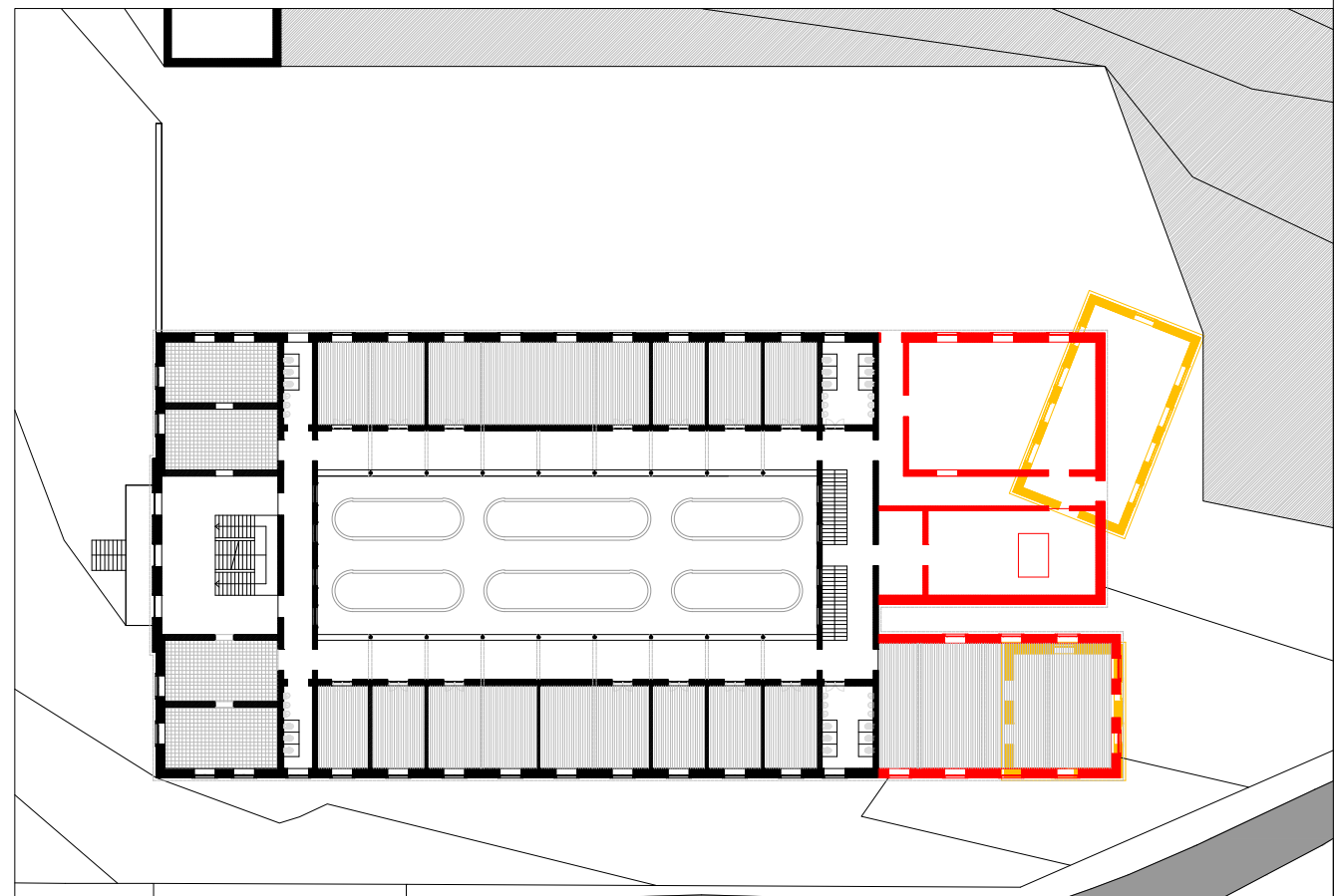
Alçado Lateral Norte



Alçado Principal



Planta Piso 1



Planta Piso 0

Demolição Partes acrescentadas na função de Seminário

Seminário - 1935 Esc.1/500



Estavam passados dez anos após a inauguração do hospital e o edifício, que continuava inoperante, sofre modificações para se adaptar às necessidades dos seminaristas. A forma de identificar estas alterações não se revelou fácil, a documentação continuava escassa, e pela razão de ser a fase intermédia de uso do edifício não permitia comparar com a realidade actual. Através de fotografias consegue-se tirar algumas ilações, mas foi determinante o testemunho de José Maria Bastos, ex-aluno do seminário, para conseguir uma descrição mais detalhada desta ocupação.

As grandes alterações volumétricas são a adição de volumes que prolongam o edifício sobre as traseiras, reservado aos espaços dos refeitórios e cozinhas e aumentando a capacidade dos quartos. No piso inferior, logo à entrada, existia uma sala com uma escadaria central que permitia o acesso ao piso superior, com o primeiro lanço ao centro e a duplicação do segundo lanço pelas laterais. As guardas são trabalhadas em madeira, tudo isto a apostar em receber bem as visitas num espaço nobre. Essas visitas poderiam esperar nas salas que se encontravam do lado esquerdo deste hall. Simetricamente, o espaço do lado direito seria o armazém têxtil ou rouparia. Do hall existia a possibilidade de aceder às duas galerias abertas para o jardim do pátio. A que se apresentava pelo lado direito estava reservada essencialmente para salas de aulas, contando também com a sala de estudo do quinto e último ano de formação e o quarto do perfeito. A do lado esquerdo era composta por uma sala de teatro, a capela principal (onde em certas ocasiões realizavam a eucaristia aberta ao público) e respectiva sacristia, mais salas de aulas e laboratórios de físico-química. Nos quatro cantos do pátio estavam localizadas as instalações sanitárias, duas delas com chuveiros. No final das galerias, correspondendo aos volumes acrescentados, faziam parte a sala de estudo e o refeitório, entre os quais estariam localizadas as cozinhas e dispensa. Outras escadas de acesso ao piso superior estavam colocadas no corredor transversal que antecedia os novos volumes. São duas escadas pelas quais se sobe do centro até o início dos corredores superiores, são utilizadas madeiras mais baratas e é menos refinado o desenho relativamente à escadaria do hall de entrada. Esta dava acesso a uma sala nobre com acesso à varanda localizada sobre a entrada. De um lado da sala correspondendo ao espaço



Fig.21 - Vista da entrada para o Sanatório

(CRUZ, Maria da Graça - Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000.)

sobre a sala de visitas, havia uma capela para os padres, do outro lado acedia-se à biblioteca. Seguindo pelos corredores, o direito era reservado aos quartos dos padres terminando no seu refeitório, servido por um elevador de pratos. Do outro lado ficavam as camaratas dos alunos, uma enfermaria e o quarto do enfermeiro. As instalações sanitárias correspondem ao mesmo espaço do piso inferior. Toda a cobertura é mantida em relação ao original, de duas águas em telha cerâmica. Os volumes acrescentados procuram respeitar o edifício existente. A modulação da fachada é mantida e é usada a mesma linguagem.

Numa viagem pelo exterior, podemos qualificar o complexo de quase auto-suficiente. Cercada de muros, a propriedade é dotada de campos de cultivo com respectivos armazéns, depósitos de água potável e para rega. Também existiam campos de jogos e lazer para complementar as actividades dos tempos livres. O volume anexo, onde antes se localizava o almoxarifado do hospital, foi transformado. Passou a ter dois andares: um para servir de alojamento ao pessoal auxiliar que não fazia parte do seminário e o outro, em baixo, onde se instalaram uma carpintaria, uma oficina de sapateiro e uma tipografia¹⁰.

Foram formadas cinco gerações de seminaristas que protagonizaram diversas missões pelo mundo, contando com figuras ilustres como é exemplo o bispo D. João de Deus Ramalho que exerceu funções em Macau entre 1942-1954, tendo sido formado neste seminário.

No final do ano escolar de 1958 o seminário fechou em Macieira de Cambra e os alunos foram para o novo edifício na localidade de Cernache, em Coimbra que possuía melhores condições para a formação dos seminaristas.¹¹

1.5 - Sanatório – Casa de Saúde Almeida Pinho

O edifício terá começado a funcionar como Sanatório depois do fecho do Seminário (sem ter sido possível confirmar esta data), no sentido de se aliar à luta que o país levava contra o grande flagelo social da tuberculose. A implantação a

¹⁰ De acordo com o testemunho de José Maria Silva Bastos, ex-aluno do Seminário.

¹¹ PROJECTO EDUCATIVO [consult. a 27 Abril de 2011]. Disponível em: <http://62.28.22.201/PDF/ProjectoEducativo.pdf>



Fig. 22 - Vista desde o jardim da fachada norte
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



Fig. 23 - Vista da f
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



Fig. 24 - Doente num banco de jardim
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



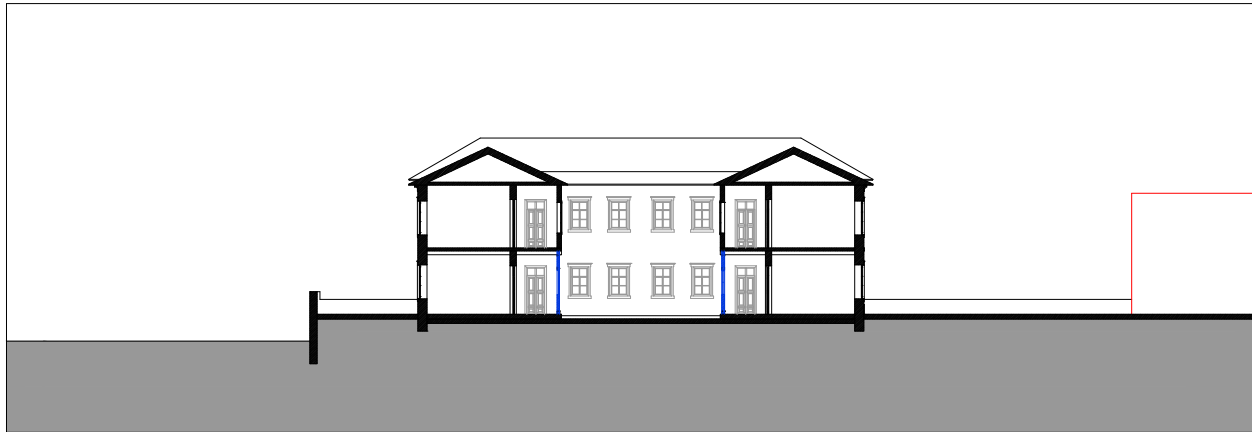
Fig. 25 - Interior da galeria que ladeia o pátio
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



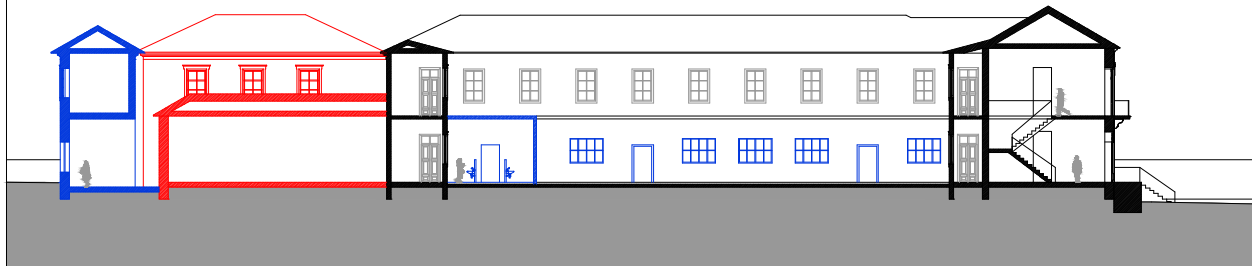
Fig. 26 - Entrada para o jardim
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



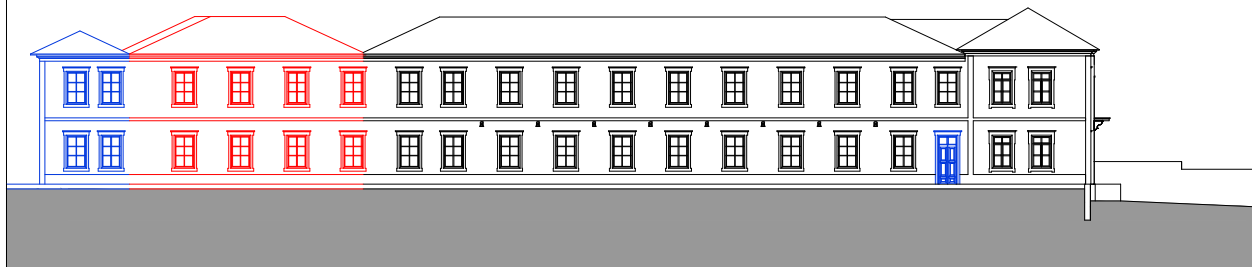
Fig. 27 - Vista do jardim em soalcos
(Imagem cedida por Ângelo Pinho)



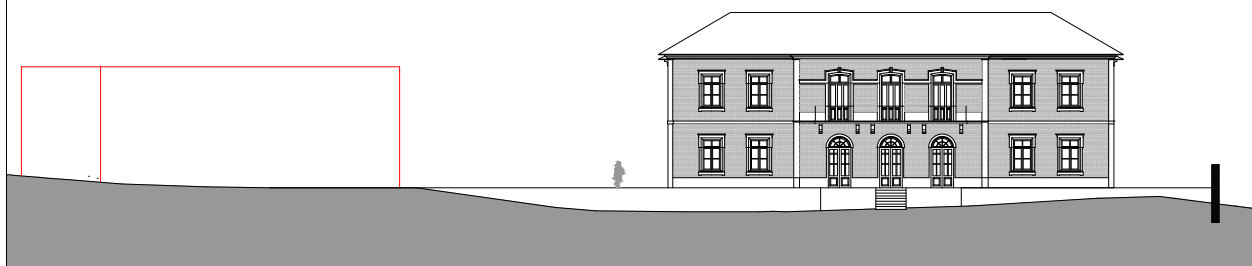
Corte transversal



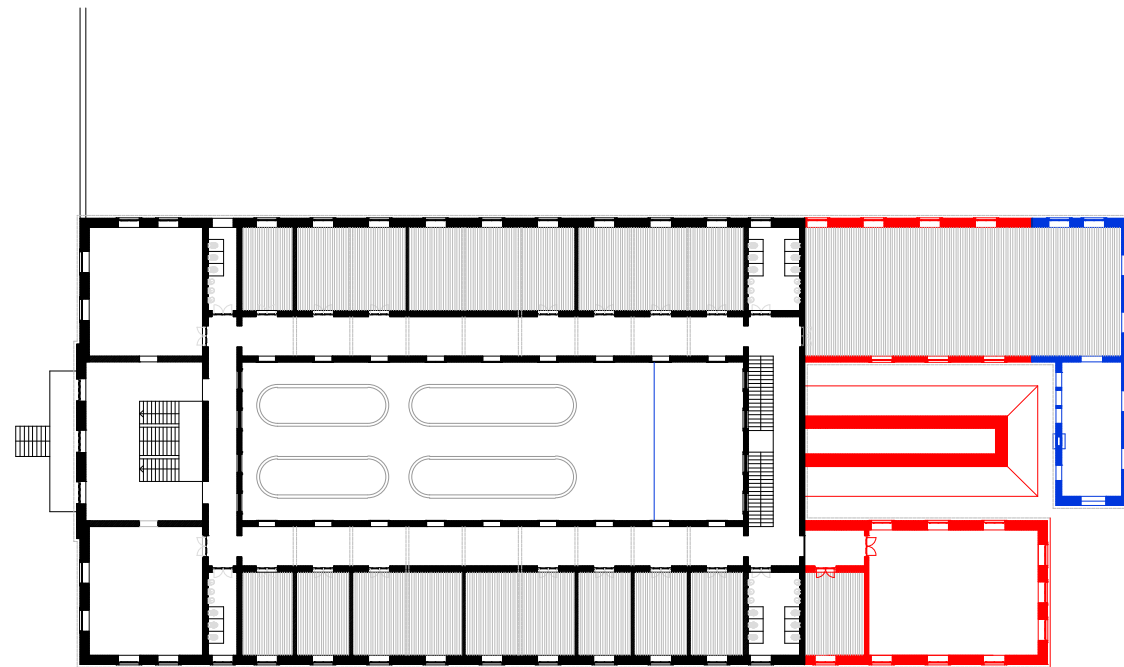
Corte Longitudinal



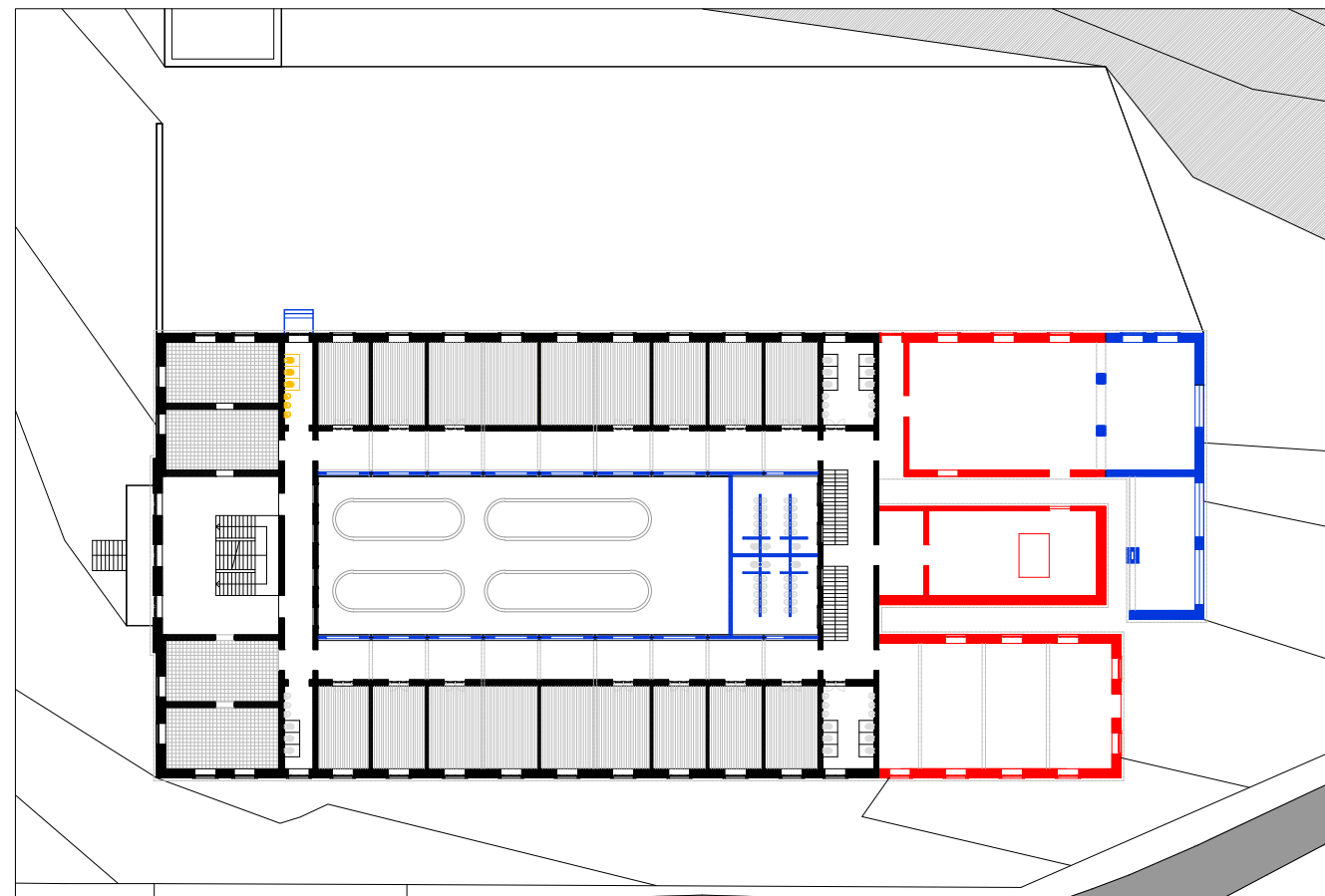
Alçado Lateral Norte



Alçado Principal



Planta Piso 1



Planta Piso 0

Demolição Partes acrescentadas na função de Seminário Partes acrescentadas na função de Sanatório

Sanatório - 1958 Esc.1/500



meia encosta com boa exposição solar foi condição favorável para a decisão de ali instalar um sanatório que de tais características necessitava. Para melhor se adaptar a esta nova função foram feitas alterações que modificaram bastante a arquitectura do edifício. Enquanto a intervenção feita na altura em que funcionou como seminário procura respeitar o existente, a intervenção feita para instalar o sanatório fez o oposto. A galeria exterior do piso térreo foi fechada com uma fina parede que embebeu os pilares de ferro, com umas aberturas que nada tinham a ver com o edifício na sua totalidade. Essa mesma linguagem de aberturas foi utilizada num novo corpo acrescentado ao antigo refeitório, que lhe aumentava a área e disponibilizava uma maior área de cozinha. Foi também inserido, no interior do pátio um pequeno paralelepípedo com instalações sanitárias com um grande número de lavatórios para responder a exigência da lavagem frequente das mãos dos doentes. Todas estas alterações chocam com a realidade existente mas não de forma intencional, percebe-se que a intenção foi a de responder às necessidades desta nova função, rápido e barato. O simples facto de se fechar a galeria inferior transformou o corredor de acesso às divisões num espaço interior, permitindo estender as enfermarias também ao piso inferior, com uma capacidade de duzentas camas na totalidade.

Depois de erradicada a tuberculose e de ter sido fechado o sanatório, o edifício foi ocupado por retornados do pós-25 Abril, sofrendo pilhagens e actos de vandalismo que em muito ajudaram à sua degradação. Juntando o passar dos anos e as intempéries, resta um edifício em péssimo estado. É simplesmente inexistente o acesso ao piso superior e em vários locais nem o próprio piso existe, algumas paredes divisórias estão parcialmente destruídas, partes da cobertura já ruíram, outras estão muito instáveis. As paredes exteriores parecem ser os elementos mais sólidos e com menos patologias. Apesar disso, ainda é perceptível, durante a visita ao edifício, a divisão do espaço e é possível identificar algumas das alterações a que o edifício foi sendo sujeito.

2 - O programa

Para o desenvolvimento do projecto para a Casa de Saúde, optou-se por adaptar a estrutura existente ao programa hoteleiro. Esta escolha foi determinada por duas razões essenciais: a primeira prende-se com o facto de existir uma carência deste tipo de equipamentos, por excelência, no concelho de Vale de Cambra, a segunda é induzida pela dimensão do edifício e pelas suas características, adequadas à introdução da função hoteleira como forma de intervenção.

Relativamente à falta de equipamentos hoteleiros, não será por certo pela falta de condições turísticas da cidade e da região. Já Ferreira de Castro descrevia nos seus escritos a beleza incomparável do Vale de Cambra, e José Beça de Castro reforça essa ideia: *“Este esplêndido clima, a magnífica água, a intensa arborização, os belos panoramas, o sossego da região, a pureza da atmosfera (onde as fábricas não tenham ainda poluído), tornam esta região magnífica para estância de repouso ou para «fins de semana», pois se encontra a 50 km do Porto e bem servida de estradas*

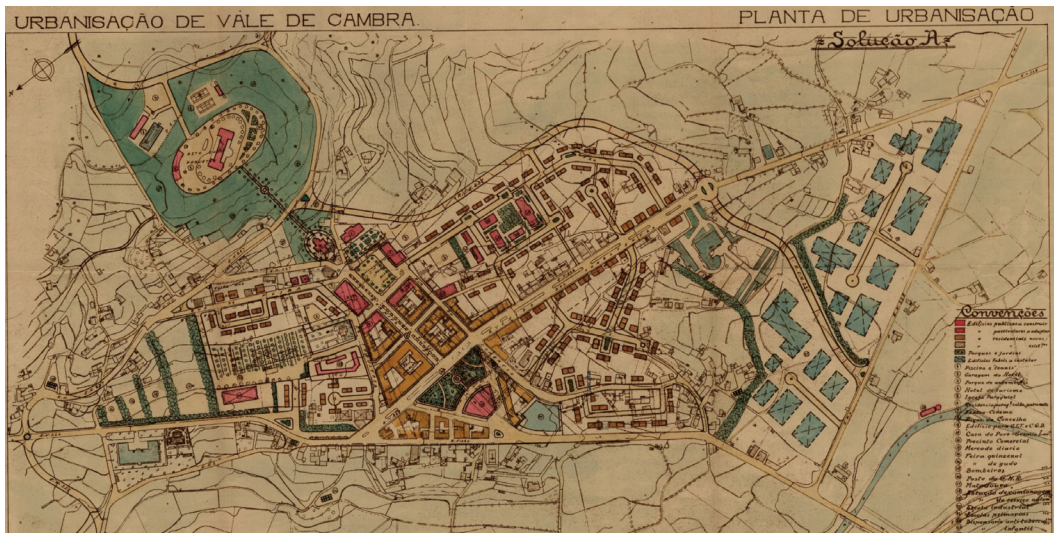


Fig. 28 - Antepiano de urbanização, Solução A. José Beça de Castro, 1949.
 (<http://www.dgotdu.pt/>)

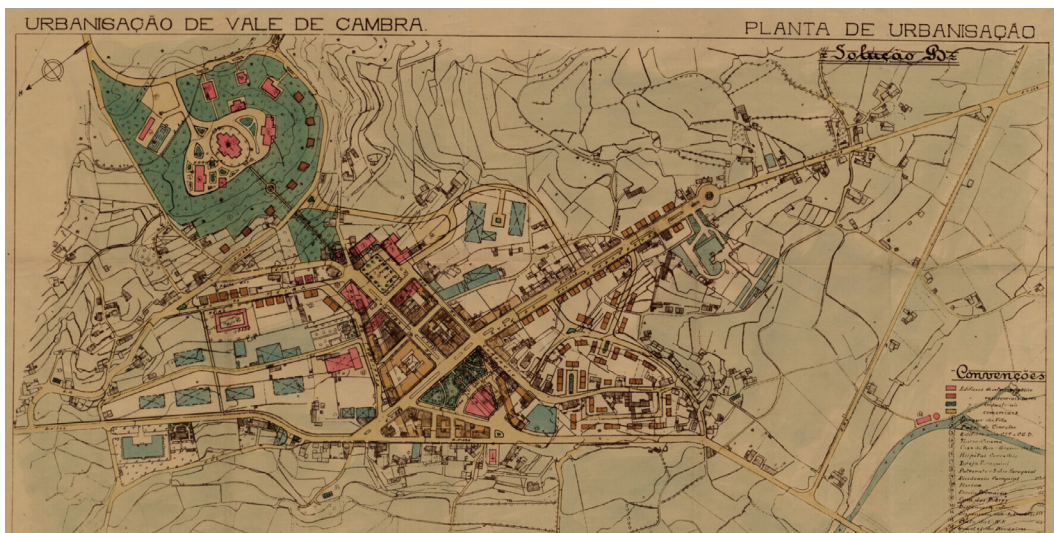


Fig. 29 - Antepiano de urbanização, Solução B. José Beça de Castro, 1949.
 (<http://www.dgotdu.pt/>)



Fig. 30 - Revisão do plano de urbanização. Fernando Soares Vieira, 1953.
 (<http://www.dgotdu.pt/>)

e até carreiras de camionetas”¹². A que se deve então esta falta de investimento no turismo?

Recuando até 1949, data em que foi realizado o antepiano de urbanização da autoria do engenheiro José Beça de Castro, percebemos que a ideia de instalar um hotel na cidade esteve em discussão. Na memória descritiva é referido que “A região é muito visitada, não só pelas suas belezas naturais, como pela boa carne, manteiga e saborosas frutas que nela se encontram. Muita gente também vem para esta região para fazer curas de repouso ou de ares. Bastantes tuberculosos têm aqui encontrado a cura do seu mal. A barragem de Burgães também atrai muita gente e as poucas pensões que há na região, no verão estão sempre cheias. Na vila há duas pensões, mas a importância da vila e o seu movimento já justificam a existência de um hotel médio.” Este antepiano previa duas soluções: a solução A, propunha a instalação do Hotel de turismo no Alto dos Foguetes, perto do núcleo central e numa plataforma que permitia uma bela vista sobre o vale; a solução B, coloca o hospital e suas dependências no Alto dos Foguetes e o Hotel passa para o extremo sul da área residencial de Ramilos, local que, segundo o autor, ainda beneficiaria de uma vista mais ampla e notável do que na anterior localização.

Estas duas propostas foram sujeitas a uma revisão a cargo de Fernando Soares Vieira, em 1953, que propõe repor a primeira localização do Hotel no Alto dos Foguetes. O autor considera importante a proximidade do centro urbano e defende a melhoria das instalações hoteleiras na vila. Acrescenta também a sugestão de instalar uma piscina aproveitando o canal de rega que passava no local, e consistiria num depósito de entrada e saída de água continuamente.¹³

Estes projectos foram abandonados por falta de financiamento da Câmara Municipal e pela falta de garantia de tal investimento. A mesma razão chumbou outras propostas de implementação de um Hotel na cidade. Mais recentemente foi lançada uma nova possibilidade, que consistia em reutilizar a Casa de Saúde. Esta encontra-se implantada no terreno vizinho da Fundação Luiz Bernardo de Almeida, que homenageia o Sr. Comendador. Este facto, associado à proximidade, fez com

¹² CASTRO, José - *Memória descritiva do antepiano de urbanização de Vale de Cambra*. P. 13.

¹³ VIEIRA, Fernando - *Memória descritiva da revisão do plano de urbanização de Vale de Cambra*. P. II,III.

que a direcção da Fundação estivesse interessada em investir no imóvel. Na altura a perspectiva era a de aí instalar uma unidade que fosse rentável, ao invés de alargar as instalações da própria fundação. A ideia era transformar o edifício num hotel, servindo de suporte financeiro para a instituição cuja aposta é mais direccionada ao serviço de domicílio. As negociações revelaram-se, no entanto, difíceis. O artigo está dividido em vinte cinco partes, com os herdeiros espalhados pelo país. Não sendo fácil a localização e posterior negociação com os proprietários e atendendo à elevada quantia de investimento em questão, o projecto foi abandonado, por enquanto.

Mesmo com as sucessivas tentativas falhadas no que diz respeito à construção de um Hotel no concelho, o turismo continuou a evoluir desde então e, hoje, as potencialidades turísticas da região não se limitam à beleza natural e às especialidades gastronómicas.

Vale de Cambra pode ser considerada uma cidade em franco desenvolvimento. Sempre apoiada na vertente industrial, a cidade tem vindo a crescer. Porém apresenta lacunas e o sector do turismo tem sido o seu “calcanhar de Aquiles”, muito por causa da fraca aposta do município neste campo. Isto traduz-se num reduzido número de visitantes e na pouca projecção dos seus valores para o exterior.

Podemos, ainda assim, encontrar algum esforço no sentido de desenvolver as potencialidades turísticas da região. No Plano Director Municipal de 2010 foi feito um estudo acerca das condições e possibilidades a explorar no que ao turismo diz respeito, destacando-se o turismo de negócios e o turismo rural.

De forma genérica, o turismo sempre esteve ligado ao ambiente e a valores patrimoniais. Recentemente têm aparecido novas formas de turismo, como é o caso do sector empresarial. O turismo rural, que pode, em certos casos, estar associado ao turismo de negócios, engloba uma série de especificações que estão sempre ligadas à tradição e ao meio rural. Uma viagem à tranquilidade da paisagem natural marcada pontualmente pelas aldeias típicas que proporcionam uma interacção genuína com os seus habitantes. Normalmente esta viagem associa uma série de actividades de animação e diversão que, ao mesmo tempo, publicita os produtos

locais e as características próprias de cada região, nomeadamente o seu património natural, paisagístico e cultural, os itinerários temáticos, a gastronomia, o artesanato, a caça, o folclore, a pesca, os jogos e os transportes tradicionais.

Podemos identificar algumas áreas de intervenção deste tipo de turismo, das quais destacam-se o turismo de habitação que funciona como um serviço de hospedagem de natureza familiar e que, para além de valorizar o património arquitectónico de casas antigas, permite aos visitantes observar os hábitos do dia-a-dia da população residente numa relação próxima, onde o agro-turismo possibilita uma interacção no seio familiar e oferece um conhecimento das actividades agrícolas com a participação nos trabalhos.

O turismo de aldeia desenvolve um projecto que pretende revelar as designadas aldeias típicas que são alvo de recuperação. Um exemplo é a aldeia do Trebilhadouro, localizada em Vale de Cambra, na freguesia de Rôge, alvo de recuperação, em 2004, a cargo da Câmara Municipal, para turismo rural ou habitação de férias, impulsionado por um festival de artes e cultura organizado no Verão. São várias as aldeias recuperadas pelo país fora que muitas vezes encaram o problema da desertificação e ganham nova vida com a integração nos roteiros turísticos. Muitas vezes encontram-se colocados fora das sedes de concelho os hotéis rurais, em locais com população não superior a 20 000 habitantes, destinados a proporcionar serviços de alojamento e outros acessórios. Estes hotéis devem, pela sua traça arquitectónica, materiais de construção, equipamento e mobiliário, respeitar as características dominantes na região.

Outra das actividades turísticas no meio rural são os acampamentos, com parques instalados em terrenos a esse fim destinados, integrados ou não em explorações agrícolas cuja área não seja superior a 5 000 m².¹⁴

O turismo de negócios procura oferecer condições para a concentração de actividades laborais, lazer e estadia dos respectivos empregados num único espaço. As várias indústrias do concelho, algumas delas com repercussão internacional, fazem

¹⁴ PLANO DIRECTOR MUNICIPAL, DIVISÃO DO TURISMO. Disponível em: http://www.cm-valedecambra.pt/index.php/regulamentos/file/93-pdm_turismo

deste tipo de turismo uma possibilidade real de alargar os horizontes, melhorando as condições da indústria que continua a ser o grande suporte de desenvolvimento e emprego para a população.

A dificuldade consiste, e já foi referido, na falta de equipamentos que sirvam para estes fins. Relativamente às estruturas existentes, para além da aldeia típica do Trebilhadouro, existem quatro pensões de pouca capacidade que apostam mais na realização de eventos, como casamentos, baptizados e aniversários, enquanto actividade principal.

Analisando o Concelho, a Casa de Saúde provavelmente, será a melhor oportunidade para aumentar a capacidade e a qualidade do acolhimento de turistas na região. A sua localização estratégica, num meio rural com o núcleo urbano muito próximo, com uma belíssima paisagem para desfrutar e um grande espaço envolvente que permite mais actividades de lazer, estabelecem as condições essenciais para o projecto poder funcionar. Este edifício, como já foi referido, induz pelas suas características uma maior adaptabilidade ao programa hoteleiro, e pela sua grande dimensão permite acomodar uma razoável quantidade de pessoas, com bons espaços que sirvam as suas exigências na qualidade de clientes de um hotel.

Indo mais fundo, contextualizando num período de transformações na arquitectura do hotel, a ideia é estender o programa do hotel ao turismo de negócios. Num Concelho com grandes empresas sediadas, revela-se necessário um espaço que reúna condições para reuniões ou conferências, com a estadia dos seus empregados num compromisso entre o trabalho e o lazer. No entanto, não se prevê um hotel exclusivo para esta actividade, mas sim pretende ser um complemento que faz sentido no contexto em que se insere.

Para além destas actividades, pretende-se que haja um espaço exterior que possa permitir a realização de eventos e festas ao ar livre, num contexto natural e bucólico. Será também reservada uma área para o desporto, acessível a todos.

2.1 - Transformações no conceito de hotel

A sociedade vive, actualmente, em constante movimento. Para isso conta com uma oferta de transportes diversificada e de fácil acesso. Este facto traduz-se num aumento da actividade turística e, conseqüentemente, num esforço para dinamizar e acrescentar qualidade a este sector. Com efeito, *“Em 2007, as chegadas de turistas internacionais cresceram num valor estimado de 6%, tendo atingido um novo record de aproximadamente 900 milhões - um feito notável, atendendo que a marca dos 800 milhões tinha sido atingida apenas dois anos antes.”* Isto significa, portanto, um aumento de instalações, e, *“os melhores vinte grupos hoteleiros anunciaram que irão inaugurar mais 8500 hotéis com 1,1 milhão de novos quartos até ao final de 2015, o que representa um aumento de 20% em termos de oferta”*.¹⁵

Como tal, assistimos a um “boom” no sector turístico, em especial na hotelaria. Este crescimento em número conduziu a um aumento de competitividade, obrigando os empresários a procurarem soluções para cativar os clientes. O arquitecto assume, neste contexto, uma presença central no papel de transformador da arquitectura do hotel. A este respeito realizou-se, em 2008, inserido no programa do ALLGARVE’08, a exposição “Reacção em cadeia: transformações na arquitectura do hotel”, que reuniu vários projectos, nacionais e internacionais, demonstrativos dessas transformações, apoiados por uma série de entrevistas em vídeo com as opiniões de arquitectos e de empresários do sector.

Esta exposição centrou-se em três momentos essenciais: por um lado, e como encontramos no título da exposição, a “Reacção em cadeia”; por outro, a aposta na hospitalidade; e, por fim, uma antologia literária e ensaística designada “Hotéis como Casas/ Casas como Hotéis”.

A reacção em cadeia, pode entender-se como uma “reacção encadeada à cadeia de hotel”, uma fuga à standardização e à banalidade das redes hoteleiras que, como refere o arquitecto Álvaro Siza, *“quando se concebe um hotel, e sendo da mesma cadeia, ter de se fazer o mesmo ambiente quer em Paris, Tóquio, Porto...”*¹⁶. É, para

¹⁵ PEREIRA, Luís - *Reacção em cadeia: Transformações na Arquitectura do Hotel*. P. 13.

¹⁶ *Ibidem*, p. 159.

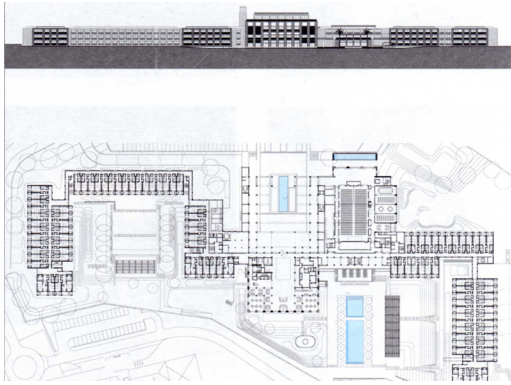


Fig. 31 - Hotel Victoria - Vilamoura
(PEREIRA, Luis - Reacção em cadeia. P. 24.)



Fig. 32 - Vista aérea do complexo
(http://www.promontorio.net/images/projects/photos/2tivolvictoria_3.jpg)

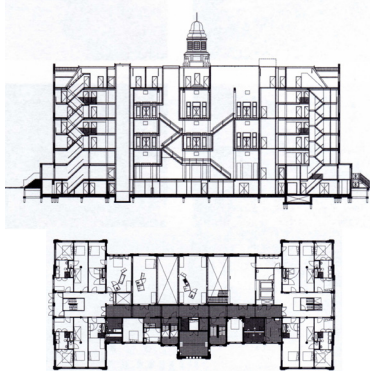


Fig. 33 - Lloyd Hotel - Amsterdão
(PEREIRA, Luis - Reacção em cadeia. P. 40.)



Fig. 34 - Quarto nas águas furtadas - Lloyd Hotel
(<http://www.mvrdr.nl/#/projects/085lloydhotel>)

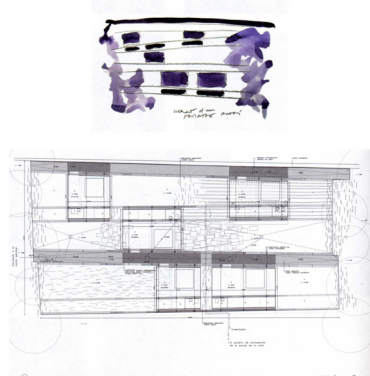


Fig. 35 - Pavilions in Les Cols Restaurant - Girona
(PEREIRA, Luis - Reacção em cadeia. P. 128.)



Fig. 36 - Pavilions Les Cols
(<http://www.flickr.com/photos/twose/280038050/>)

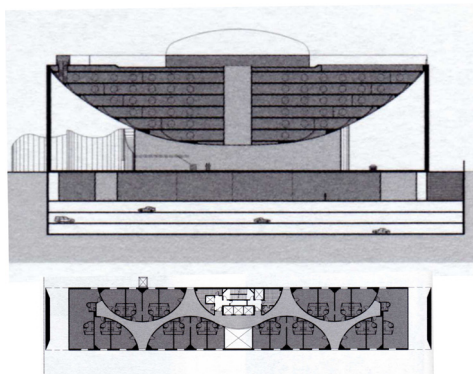


Fig. 37 - Hotel Unique - São Paulo
(PEREIRA, Luis - Reacção em cadeia. P. 66.)



Fig. 38 - Corredor do Hotel Unique
(<http://mail.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/05.053/2487>)

Siza, uma desilusão, pois quem viaja também vai em busca da cultura e de se inserir no ambiente da cidade. A reacção a esta abordagem é bem expressa na quantidade de exemplos que figuraram na exposição. Aqui, manifestam-se inovações sobretudo nas tipologias do quarto e/ou corredor do hotel. Dos muitos exemplos apresentados, destacamos, no que diz respeito à grande escala, o Hotel Victoria, em Vilamoura, dos Promontório arquitectos, que “*evocando o espírito dos grandes hotéis anteriores à última grande guerra, aspira a uma intervenção contemporânea, sem esquecer o seu esplendor clássico*”¹⁷. Relativamente à diversidade na hierarquia tipológica do quarto de hotel, destaca-se o criativo Lloyd Hotel, em Amsterdão, dos MVRDV. Ao todo são 120 quartos, “*todos eles diferentes e variando entre uma e cinco estrelas. Vão dos económicos aos dispendosos. Dos simples aos exuberantes. Dos espaços de trabalho aos ninhos românticos. Dos clássicos aos modernos. Dos de cama individual aos de cama gigante para dez pessoas. Dos de cama de rede aos de cama normal. Dos que têm quarto de banho com chuveiro aos que têm chuveiro no meio do quarto. Dos que estão na escuridão das caves aos que se escondem no sótão*”¹⁸. Numa relação especial com a Natureza, referimos os Pavilions Les Cols Restaurant, em Olot, a cargo dos RCR Arquitectos, que, para além de proporcionarem uma estadia ao visitante propõem a vivência de uma experiência de requinte em contacto com o exterior. “*Os visitantes dão consigo sozinhos na noite e no vazio, encontrando abrigo no calor das paredes, cuja opacidade associada aos reflexos do vidro numa superfície laminada cria um virtuoso jogo de luzes e água, reavivando a sensação de aspectos da natureza há muito esquecidos*”¹⁹. O Hotel Unique, em São Paulo, do arquitecto Ruy Ohtake é um exemplo onde a reinterpretação da tipologia corredor está bem presente. “*No desenho das plantas dos andares, retomei o desenho da fachada. Com isso, evitei o monótono corredor recto, transformando-o em desenho sinuoso, que busca a luz e a vista exterior*”²⁰. Numa intervenção de cariz mais moderado podemos enquadrar o Grande Hotel do Porto, dos arquitectos Cremascoli, Okumura e Rodrigues. Nele, “*optou-se então por uma intervenção mais moderada, que respeitasse a identidade*

¹⁷ *Ibidem*, p. 24.

¹⁸ *Ibidem*, p. 40.

¹⁹ *Ibidem*, p. 128.

²⁰ *Ibidem*, p. 66.

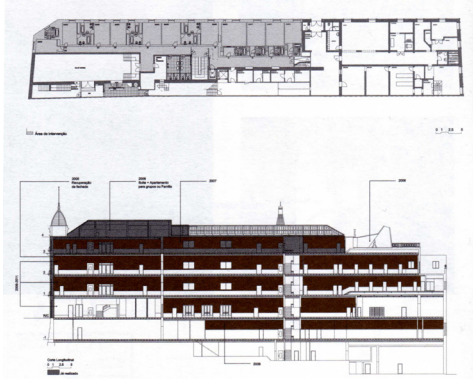


Fig. 39 - Grande Hotel do Porto - Porto
(PEREIRA, Luis - Reacção em cadeia. P. 22.)



Fig. 40 - Fachada do Grande Hotel do Porto
(<http://images.channels.nl/1/images/hotel/max500/111/1116637.jpg>)

do local, realizada de forma dedicada e neutra no contacto com o exterior, onde se considerou ainda a necessidade da adaptação do espaço a uma realidade actual”²¹. Estes exemplos representam, em distintos aspectos, algumas das transformações a que se tem assistido na arquitectura do hotel. São maneiras diferentes de interpretar o desenho do quarto, do corredor, da própria maneira de vivenciar o espaço. Como disse a arquitecta Susana Lobo, “*não se reduzindo à vertente estética de uma abordagem meramente decorativa, estas propostas desafiam os estereótipos da indústria, questionando, a partir dos fundamentos da arquitectura e do design, a identidade da própria situação contemporânea*”²². E assim também se procura, em parte, com esta exposição, antever o futuro dos hotéis e as suas inevitáveis transformações.

O segundo ponto que esteve em destaque neste processo de transformação foi o da hospitalidade. Os projectos patentes na exposição, identificam uma nova geração de hotéis que “*deslocam o hotel para algo mais focado no conceito de experiência, singularidade e autenticidade, respondendo por sua vez, a um público crescentemente viajado, conhecedor e exigente. Assistimos ao regresso à ‘hospitalidade’, sobrepondo-se à ‘indústria’, a uma tentativa de personalização da experiência, valorizando a diferenciação e a memória, por oposição à homogeneização das cadeias, em que cada hotel era rigorosamente idêntico, independentemente do lugar, obrigadas a segmentar e diferenciar as suas marcas. O forte ênfase nos ‘standards’ das grandes cadeias, começa a ser integrado numa atenção a mais e melhor ‘design’ e à introdução de soluções inovadoras, sensíveis e criativas, onde os arquitectos e designers têm um importante contributo, pela própria natureza do seu trabalho*”²³.

Precisamos perceber o sentido da palavra hospitalidade para concluir a sua importância no ramo hoteleiro. Paulo Martins Barata remete-nos para a *Odisseia de Homero*²⁴ para definir os três significados da palavra: o primeiro é receber com

²¹ *Ibidem*, p. 22.

²² LOBO, Susana - A room with a view [Em linha]. [Consult. a 20 Agosto de 2010]. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=35

²³ ALLGARVE [Consult. a 10 Maio de 2010]. Disponível em: <http://www.google.pt/#hl=pt-PT&source=hp&biw=1280&bih=645&q=react%C3%A7%C3%A3o+em+cadeia:+transforma%C3%A7%C3%B5es+na+arquitectur+a+do+hotel&aq=f&aqi=&aql=&oq=&fp=2582bd9d399896c7>

²⁴ *Ibidem*, p. 155.

amabilidade e maior zelo um estranho; o segundo prende-se com a protecção e resguardo do utente; o terceiro é guiar e orientar. Parece óbvio que o atendimento seja feito com hospitalidade, mas deve ainda acrescentar surpresa, pequenos pormenores que façam a diferença e incentivem o cliente a voltar.

Para atingir essa diferença, será preciso um entendimento, um compromisso, entre os arquitectos, os designers e os promotores, que conduz a uma inovação na arquitectura, conjugada com uma gestão equilibrada dos recursos financeiros. Como diz Antonio Catalán, fundador e presidente do AC Hotels, “*É muito difícil deixar um arquitecto sozinho a fazer um hotel. Cada cadeia, por metro quadrado, custa o mesmo fazendo-o bem ou mal. (...) Eu creio que um bom arquitecto dá um valor diferencial importante*”²⁵. Por outro lado, o arquitecto José Carlos Cruz, conta uma história em que trabalhou com um promotor que insistia em saber, devido à sua experiência na hotelaria, como deveriam ser feitas as coisas, a preparação da cozinha, mas, diz José Cruz, que ele não possuía a visão do utilizador, sempre ficara remetido à cozinha e nunca tinha experienciado o contrário, de se sentar e ser servido no restaurante²⁶. Isto reflecte a necessidade de uma interdisciplinaridade na concepção de um hotel. Na entrevista com José Miguel Júdice, sobressai a noção de luxo. José Júdice dá o exemplo do hotel *The Point*, situado a cerca de 400 km de Nova Iorque, que tem uma capacidade de apenas doze quartos, a dois mil euros por noite. Ali qualquer desejo é realizado e no seu entender isso é o conceito de luxo, a capacidade de realizar todo e qualquer capricho do cliente. Depois acrescenta, “*Portugal não tem serviço, mercado e gente disposta a investir para isso. Portanto, a nossa opção é uma opção de hotéis de conforto e de charme. É a ideia de hotéis que sejam experiências inesquecíveis, mas sem qualquer intenção de competir com os grandes hotéis de luxo do mundo, porque essa não acredito que seja viável em Portugal*”²⁷. E passa por aí a hospitalidade, conforto, charme e elegância e experiências únicas, que façam sentir bem o visitante. Já o luxo, passa para o campo da excentricidade.

²⁵ PEREIRA, Luís - *Reacção em cadeia: Transformações na Arquitectura do Hotel*. P. 159.

²⁶ *Ibidem*, p. 157.

²⁷ *Ibidem*, p. 156.

Fazendo uma incursão nestas transformações, o que mais ressalta é a intenção de servir bem o cliente, com grande hospitalidade, e isso pode ser conseguido através do projecto de arquitectura. Parte daí o projecto para a Casa de Saúde. Olhando para os exemplos apresentados na exposição, o Grande Hotel do Porto é uma referência para o projecto que se propõe pelo tipo de intervenção. A moderação e o respeito pelo existente faz parte das intenções de projecto, para além de ser dado um novo uso à Casa de Saúde, a proposta pretende valorizar o que de melhor o edifício encerra.

É assim que se pretende intervir, no sentido revalorizar o edifício, reutilizando-o. A intenção passa, também, por aumentar a capacidade de alojamento turístico da região, apostando na hospitalidade, no bem estar e na diversidade de actividades e de espaços para que qualquer cliente se sinta motivado a visitar Vale de Cambra.



Fig. 41 - Área de implantação
(<http://maps.google.pt/>)



Fig. 42 - Vista aérea
(<http://www.flba.pt/>)



Fig. 43 - Vista a partir da Fundação Luiz Bernardo de Almeida
(Foto do autor)



Fig. 44 - Vista do enquadramento da janela
(Foto do autor)



Fig. 45 - Vista da Galeria
(Foto do autor)

3 - Proposta

Ao visitar a Casa de Saúde pode-se concluir que, de todo o edifício, o que se mantém em melhor estado são as paredes exteriores. Todas as madeiras estão em péssimo estado, muito por causa da cobertura se encontrar parcialmente destruída, o que permitiu a entrada da água da chuva. Há muita destruição, nomeadamente de algumas paredes divisórias, dos preenchimentos dos vãos, entre outros. A intervenção começa por atender a essas circunstâncias, fazendo uma análise do existente, com particular atenção às características que vale a pena preservar.

Para já, e para melhor contextualizar a intervenção, das três fases funcionais que este edifício exerceu a que mais qualidade evidencia, e melhor se adequa às intenções do projecto, é a que corresponde à segunda ocupação, a de Seminário Apostólico. Nesta altura foram feitas alterações que equilibraram a volumetria do edifício e foi mantida a relação com o pátio, que vinha já do edifício original. Sendo assim, em primeiro lugar é feita uma limpeza dos acrescentos feitos para a instalação

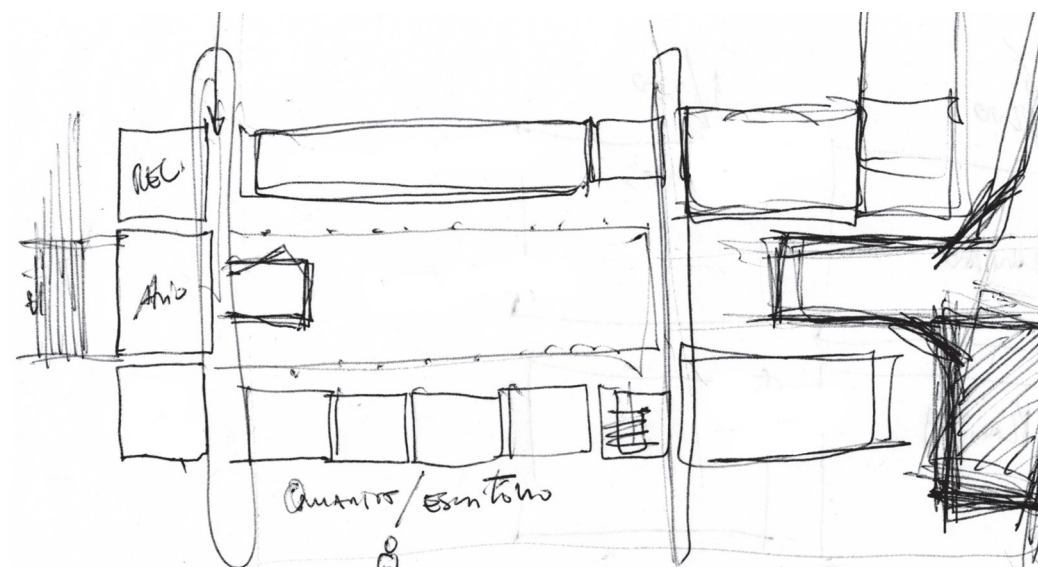


Fig. 46 - Esquízo de projecto
(Desenho do autor)



Fig. 47 - Entrada principal
(Imagem do autor)

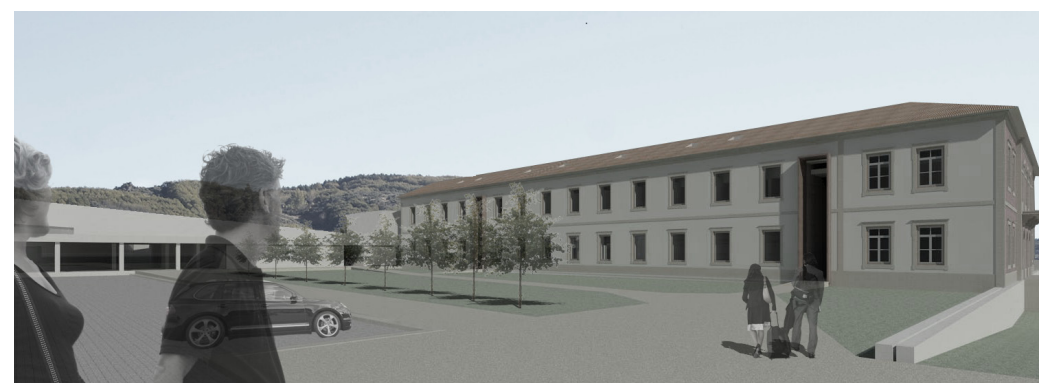
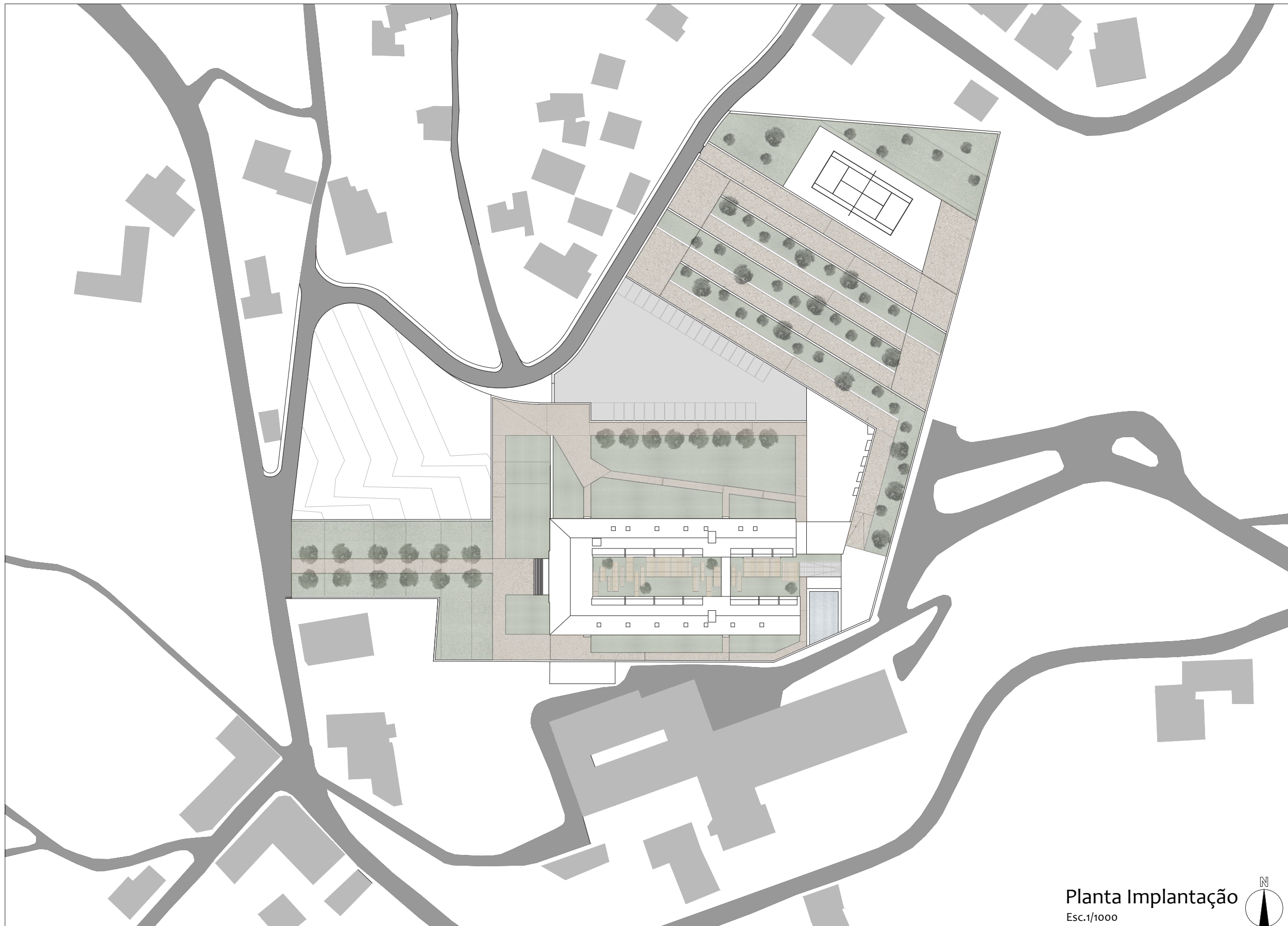
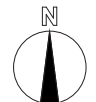


Fig. 48 - Vista da entrada secundária
(Imagem do autor)



Planta Implantação
Esc.1/1000



do sanatório, com especial destaque para a parede que vedou as galerias do pátio central, deixando os pilares de ferro originais a nú.

Já sabemos que o miolo do edifício não resistiu ao passar dos anos. Mas do interior ressalta o eixo visual que vai desde a janela exterior passando pela porta da divisão até à janela virada para o pátio, que se revelou um dos momentos bonitos e emocionantes da viagem pelo edifício e se pretende que seja mantido.

A proposta pretende instalar um hotel que seja vocacionado para a vertente empresarial, com a possibilidade de realização de conferências, acções de formação, reuniões e outras actividades, complementadas com actividades de lazer e relaxamento, com a instalação de um Spa e uma área para a prática de desporto, ligada ao hotel por um jardim. A ideia é construir um complexo que sirva qualquer utente e, atendendo à elevada actividade industrial do concelho, colocar ao dispor das empresas uma unidade que conjuga uma actividade negocial com a descontração desfrutando do lazer que pode melhorar o sucesso no trabalho.

O esquema geral da proposta procura não interferir muito com o existente, mas sim intervir aproveitando as potencialidades disponíveis. Dá-se preferência em manter a mesma relação que temos com o edifício à longa distância, quando nos aproximamos percebemos o que é novo pelo tipo de linguagem.

Relativamente à entrada principal, é mantida a pequena alameda que reforça a axialidade do movimento ascendente, terminando na fachada principal, que é mantida, alargando-se a escadaria da mesma forma como fora previsto no desenho original. Para a entrada automóvel é utilizada uma via mais estreita, a norte do terreno, que vai dar a uma antiga entrada, junto ao edifício anexo onde funcionou o almoxarifado do hospital que se prevê ser demolido pela falta de relação com o complexo hoteleiro e, sobretudo, para privilegiar a vista sobre o edifício principal, criando um momento lento de chegada, desde parar o carro, seguir a pé pelo largo, situado numa posição intermédia equilibrando a relação de diferentes escalas, até a entrada, pelos volumes que “rasgam” a fachada acentuando os eixos orientadores da circulação interior.

Em termos de volumetria, é acrescentado um novo volume que se pretende



Fig. 49 - Vista do interior da galeria de acesso aos quartos
(Imagem do autor)

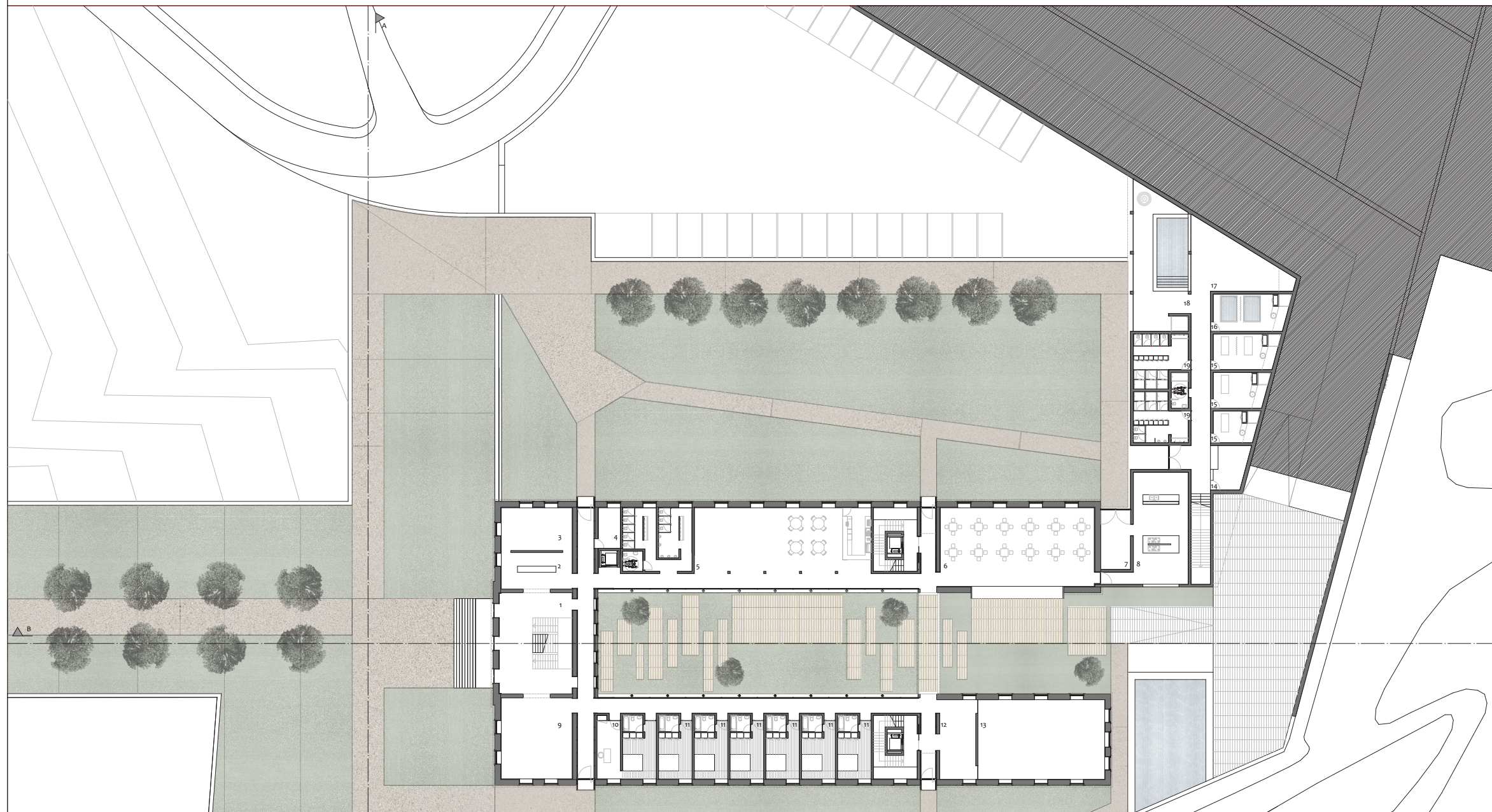


Fig. 50 - Vista do interior do pátio
(Imagem do autor)



Corte A

Corte B

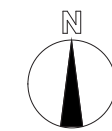


LEGENDA

- 1-Átrio
- 2-Recepção
- 3-Back Office
- 4-Área Técnica
- 5-Sala de Convívio
- 6-Restaurante
- 7-Dispensa
- 8-Cozinha
- 9-Sala de jogos
- 10-Quarto/escritório
- 11-Quarto
- 12-Foyer
- 13-Sala polivalente
- 14-Recepção do SPA
- 15-Sala de Massagens
- 16-Flutuário
- 17-Ginásio
- 18-Piscina
- 19-Balneários

Planta Piso 0

Esc.1/500



de reduzido impacto, numa posição de remate ao largo, servindo para albergar um Spa que complementa as actividades que o hotel tem para oferecer e que, pela sua posição, pode funcionar independente do hotel.

Entrando no edifício, pretende-se manter o espaço do átrio de entrada onde a escadaria de acesso ao piso superior ganha destaque, sendo reconstruída uma vez que desapareceu qualquer vestígio da mesma. Este espaço abre-se para ambos os lados. Para a esquerda temos a recepção e o *back office*, para a direita uma sala de reuniões que pode ser aberta e funcionar como sala multimédia.

Este piso é percorrido por duas galerias que seriam outrora abertas para o pátio, mas que agora, por razões de conforto e controle térmico, são fechadas com vidro deixando livre a leitura do pátio e dos pilares de ferro preexistentes. A galeria da ala direita contém uma série de quartos que correspondem ao módulo de quarto que se vai repetindo, à excepção de um quarto, que também se vai encontrar em outros locais do edifício, que inclui um espaço para escritório que servirá administradores, formadores e outros empregados de empresas que venham a organizar eventos no hotel. Essa galeria desemboca numa sala que se prevê polivalente, vocacionada para acções de formação, conferências, congressos, reuniões e outras actividades que necessitem de um espaço com maior área. Essa sala, de pé direito duplo, é antecedida de um pequeno foyer que permite a transição entre a sala e os corredores de acesso.

Do lado oposto, a galeria também fechada com vidro é dedicada aos espaços comuns. A partir do bloco de sanitários, surge a sala de convívio com o espaço aberto ao qual se segue o espaço da cafetaria que conta com uma esplanada exterior no pátio. No final entramos no espaço do restaurante, que, por sua vez, conta com uma grande abertura para o exterior, dando continuidade ao espaço em dias de bom tempo.

Logo a seguir ao restaurante ficam as cozinhas e resolve-se a articulação com o novo volume destinado ao Spa, que surge como um complemento das actividades do hotel e pode ser usado separadamente ou não do hotel. As dependências do Spa são dispostas em apenas um piso, com o objectivo de minimizar o impacto da nova construção. A entrada é feita junto à ligação ao edifício existente e logo

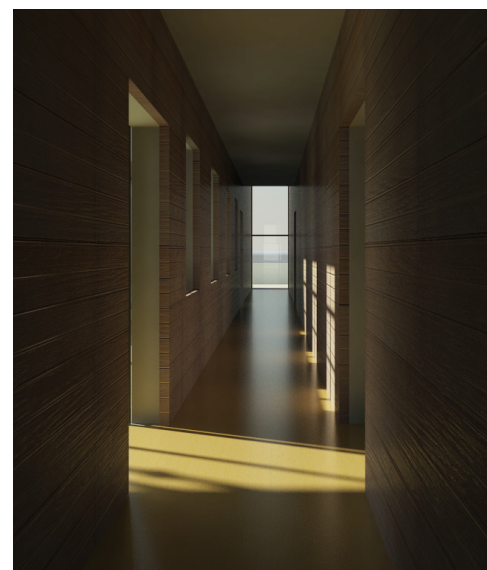


Fig. 51 - Vista do interior do corredores que cruzam as galerias
(Imagem do autor)



Fig. 52 - Vista do interior do módulo do quarto
(Imagem do autor)



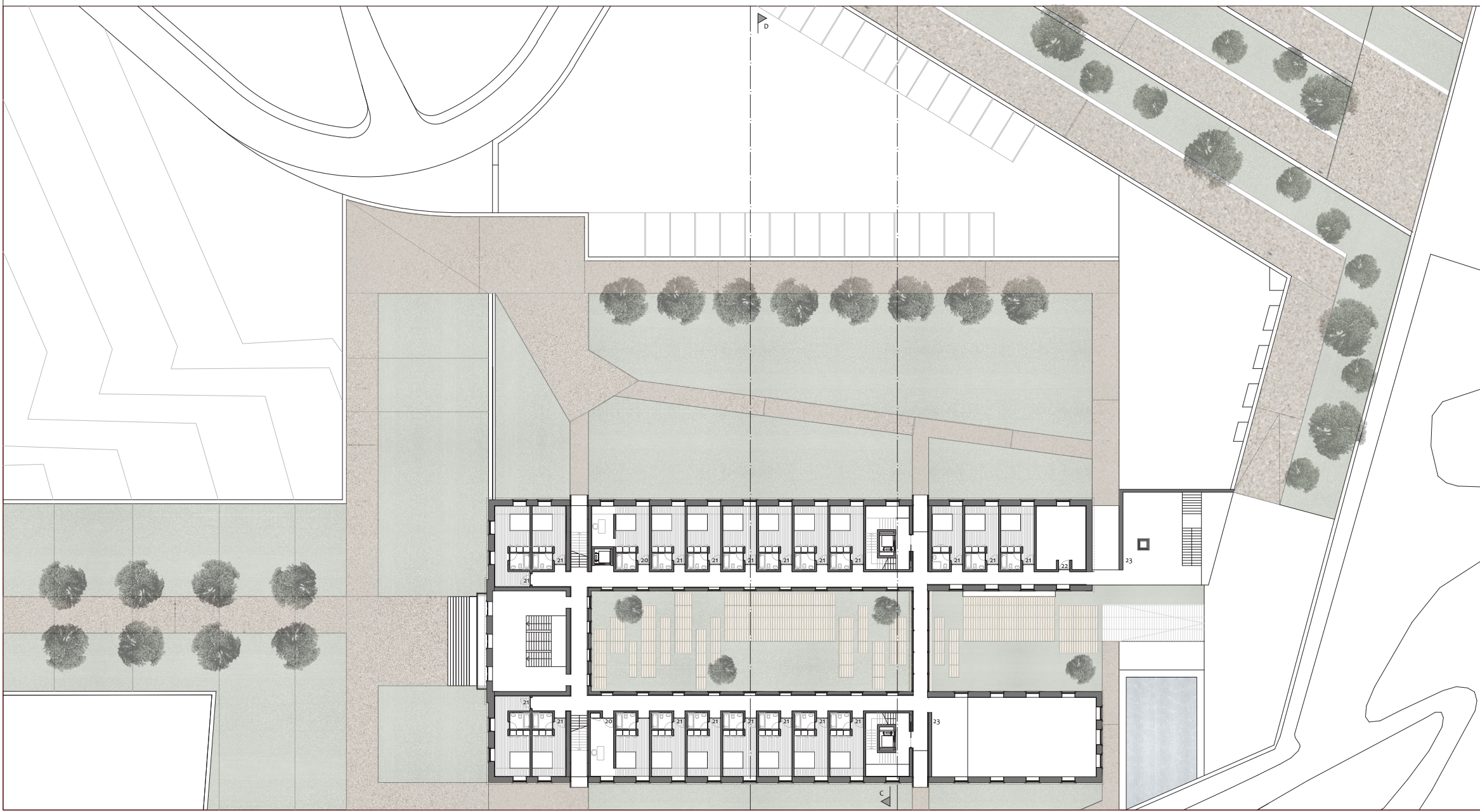
Fig. 53 - Vista sobre o pátio
(Imagem do autor)



Corte C



Corte D

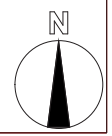


LEGENDA

- 20-Quarto/escritório
- 21-Quarto
- 22-Área de Serviço
- 23- Sala de estar

Planta Piso 1

Esc.1/500



nos deparamos, em frente, com a recepção. Para o lado direito, encontramos uma escadaria que dá acesso, a um primeiro nível, ao espaço exterior e consequentemente à piscina. Continuando a subir, faz ligação com o primeiro piso destinado aos quartos do hotel. Se seguirmos para o lado oposto à escada existe um corredor que distribui para as divisões do Spa. Virados para o grande largo de entrada ficam os balneários e as instalações sanitárias, seguidos da piscina interior e zona de banhos. Ao fundo do corredor, dividido da piscina por um envidraçado, surge o ginásio em forma, trapezoidal, que é iluminado no canto por luz zenital que erradia, por reflexo nas paredes, mais luz para o espaço. Parcialmente enterradas, e apenas iluminadas pela luz zenital, estão as salas de massagem e a sala dos flutuários que se pretendem mais tranquilas para usufruir do relaxamento, daí a ausência de relação com o exterior.

De volta ao corpo principal, o acesso aos pisos superiores é feito por dois blocos de acessos, com escadas e elevador, ao fundo de cada galeria, mas também pela escadaria do átrio que acede ao primeiro piso desdobrando em duas escadas no corredor transversal que acede ao segundo piso. É previsto um elevador integrado junto ao bloco de sanitários, para que fique mais próximo da recepção.

Na parte superior do edifício, e devido ao elevado pé-direito, procedeu-se a uma “ginástica” para incluir dois pisos, possibilitando uma maior rentabilidade com a inclusão de um maior número de quartos.

No primeiro andar, vai-se repetindo o módulo do quarto, com a excepção de dois quartos que integram escritório. O módulo preveligia sempre o eixo da porta com a janela, que se revelou um dos aspectos a manter no edifício, e a porta de entrada nos quartos é recuada marcando um ritmo no corredor, sendo o volume da casa de banho que vai marcando esse ritmo. No final das galerias, de um lado termina com uma pequena sala que tem vista para a sala polivalente e permite ver se está a acontecer alguma actividade. Do outro lado, localiza-se um espaço de arrumos, seguindo-se uma sala de estar, já no novo volume, correspondendo ao espaço sobre a cozinha, e mais à frente acede-se ao Spa. As galerias encontram-se ligadas por um passadiço que fica suspenso permitindo a abertura do pátio à zona



Fig. 54 - Vista da piscina exterior
(Imagem do autor)



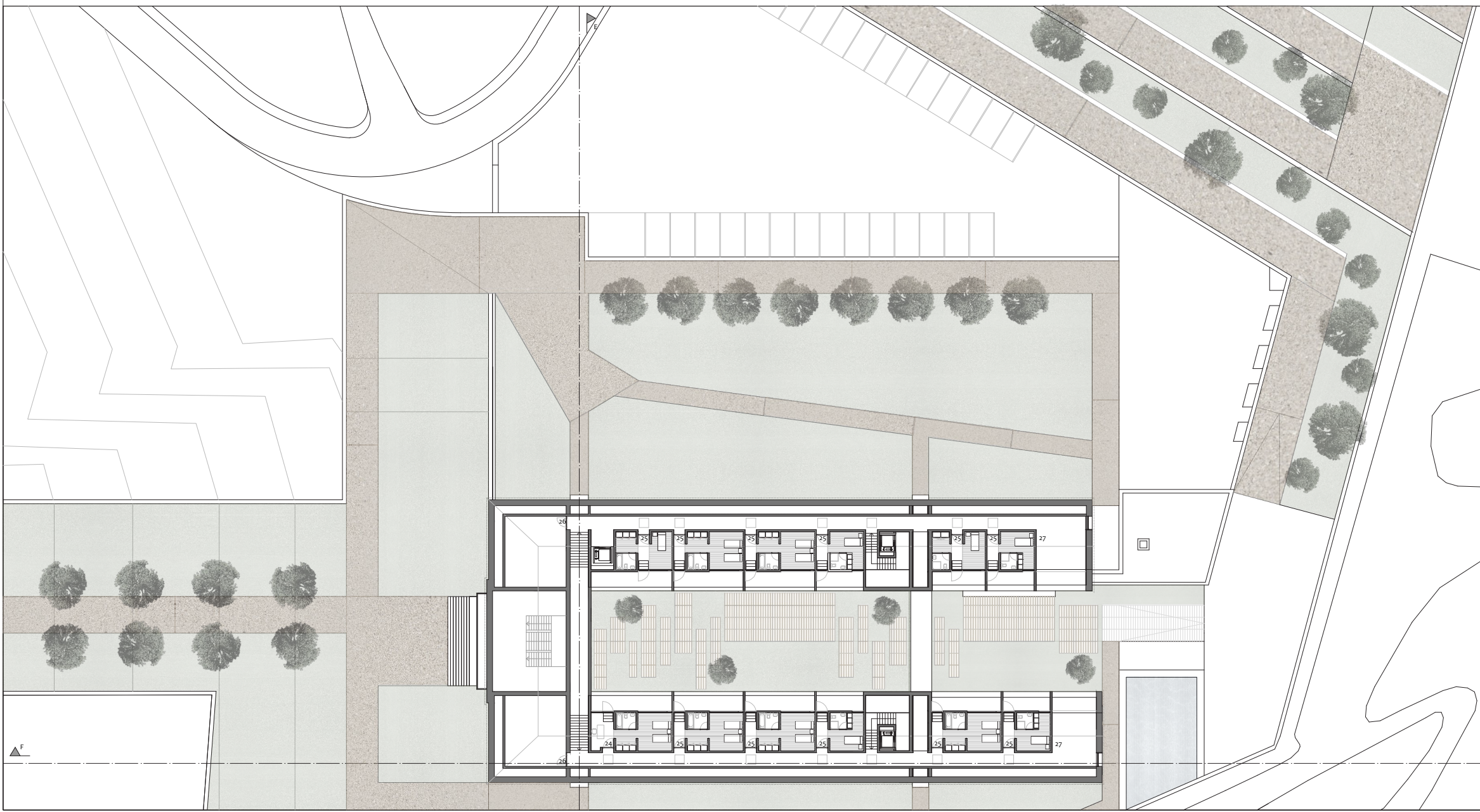
Fig. 55 - Vista da varanda dos quartos
(Imagem do autor)



Corte E



Corte F

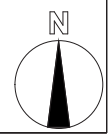


LEGENDA

- 24-Quarto/escritório
- 25-Quarto
- 26-Área Técnica
- 27- Sala de estar

Planta Piso 2

Esc.1/500



da piscina e do acesso ao jardim.

No último piso a modulação dos quartos é diferente. Por razões estruturais, o volume destinado às instalações sanitárias corresponde ao do piso inferior, mas o quarto é diferente por estar orientado para interior do pátio. Esta relação é estabelecida com uma varanda em cada quarto, acessível por quatro degraus que representam o desnível que permite encaixar o último piso. Aproveita também as duas águas do telhado que têm repercursões no espaço interior orientando o espaço paralelamente ao corredor ao invés dos outros quartos que se desenvolvem perpendicularmente. O corredor de acesso aos quartos passa para o lado oposto ao do piso inferior e a iluminação é feita zenitalmente com aberturas ritmadas, correspondentes ao espaço de entrada dos quartos. A entrada é feita através de uma antecâmara que, ao fundo, tem o acesso à varanda. O quarto desenvolve-se para o lado esquerdo, com a casa de banho e o vestíbulo a anteceder o espaço de dormir. Esse espaço é iluminado com uma grande abertura para a respectiva varanda. Um dos quartos possui uma maior antecâmara pelo que se destina a instalar um pequeno escritório, como foram surgindo nos outros pisos. Neste piso existem, também, cinco quartos individuais que poderão ser alternativas mais económicas para alguns clientes. Estas galerias terminam nas duas pontas com duas salas de estar que privilegiam a vista sobre a paisagem. São ainda previstas duas áreas técnicas, com depósitos, caldeiras e outros equipamentos de serviço.

Nos arranjos exteriores, para além da alameda e do grande largo de chegada, construiu-se um percurso que vai desde o campo de jogos, na parte mais alta do terreno, por plataformas e rampas (evocando a memória dos jardins do Sanatório) até à zona da piscina exterior, penetrando o pátio do edifício por uma rampa e estabelecendo uma relação directa do hotel com o jardim. O pátio é preenchido por relva e sucessivas tiras de pedra, que alargam nas zonas de esplanada, sendo pontuado com pequenas árvores. A piscina exterior, que aparece neste percurso, é colocada para além do edifício a uma cota mais alta, por forma a libertar as vistas sobre a paisagem.



Fig. 56 - Vista noturna
(Imagem do autor)



Fig. 57 - Vista desde a piscina
(Imagem do autor)

Relativamente aos materiais todo o edifício é rebocado a branco, com excepção para a fachada principal onde é mantido o revestimento a azulejo, é introduzido o aço corten e o betão aparente, que materializam a nova intervenção. Quanto aos interiores serão usadas as madeiras, que tanto caracterizaram este edifício, o gesso cartonado e, pontualmente, pedra mármore. A cobertura será reconstruída, revestida a telha, predominante na região. Nos arranjos exteriores, o parque de estacionamento será empedrado com cubo de granito e os percursos pedonais serão em saibro compacto. Junto à piscina será utilizado um deck de madeira.

II

Reabilitat ou reciclar

1 - Agir sobre preexistências

A arquitectura sempre agiu sobre preexistências. Paisagem, infra-estruturas, construções, têm vindo a ser alteradas ao longo do tempo. No entanto, o acumular de construções leva a que cada vez mais sejam feitas intervenções em edifícios velhos e obsoletos. A estas acções são dadas várias designações que normalmente contêm o prefixo “re”, correspondendo a uma repetição. Renovação, restauração e reabilitação são as mais comuns. Mais recentemente tem-se usado o conceito de reciclagem. No decorrer do trabalho, fiquei particularmente dividido entre designar a intervenção na Casa de Saúde de reabilitação ou de reciclagem. Ambos os termos possuem pontos em comum, mas também contam com divergências.

Neste capítulo pretende-se esclarecer um e outro termo percebendo-os e tentando chegar a uma conclusão a este respeito.

Manuel Gausa destingue os dois termos da seguinte forma, define a reciclagem como sendo a introdução de estruturas antigas num novo ciclo; a reconstrução como construir de novo algo que já existia e a reabilitação como o

habilitar de uma construção decrépita²⁸. Para Gausa, “*Reciclagem significa aceitar que algo chegou ao fim do seu ciclo de vida e que um novo ciclo deve ser iniciado com base numa condição existente. A cultura da reciclagem, adequado ao século XXI, é diferente da cultura de reabilitação, própria para o final do século XX, que teve como objectivo habilitar algo que era válido no seu tempo e que, após um período de abandono, era para ser restaurado ao seu estado original. A reciclagem permite a construção de bases já existentes (que não exige a criação ou importação de novos produtos), transformando-o em um material que é coerente em si mesmo. A história e a cultura de um lugar são um dado fundamental na base dos quais um novo ciclo é iniciado. Reciclagem urbana afecta não só o aspecto físico da cidade, mas também o comportamento de seus habitantes, uma nova atitude por parte dos seus gerentes, o desenvolvimento de novas economias.*

Reciclar é inovar”²⁹.

É apresentada aqui uma opinião acerca desta discussão que apresenta os termos bastante opostos e liga a reabilitação com o passado, considerando a reciclagem o futuro. Devemos olhar com mais atenção para um e outro termo a sua evolução no tempo, para podermos chegar a uma conclusão.

1.1 - Reabilitação

A reabilitação (*re* - de novo + *habilitar* – tornar apto) é em grande parte influenciada pelas teorias de conservação e de salvaguarda do património. Essa influência começa com a introdução, no século XIX, do conceito de “Monumento Histórico”, atribuído a Aubin-Louis Millin (1759-1818)³⁰. A sua grande preocupação era o facto de existirem inúmeros objectos de interesse para as artes e para a história sem a possibilidade de os armazenar. Daí que a classificação de certos edifícios como monumentos permitiria a sua preservação³¹. Por sua vez, Alöis Reigl (1858-1905)

²⁸ GAUSA, Manuel - **Diccionario Metápolis Arquitectura Avanzada**. P. 500.

²⁹ *Ibidem*, p. 500.

³⁰ Segundo Françoise Choay, Aubin-Louis Millin foi o primeiro personagem da história a atribuir o estatuto de Monumento Histórico aos edifícios.

³¹ RODERS, Ana - **Re-architecture**. P. 88.



Fig. 58 - Eugène Viollet Le-Duc
(http://1.bp.blogspot.com/_OxcmLwS2ydY/THM6sZa-eSI/AAAAAAAAACM/5Bbdnw-9lNc/s1600/Violet+le+Duc.jpg)

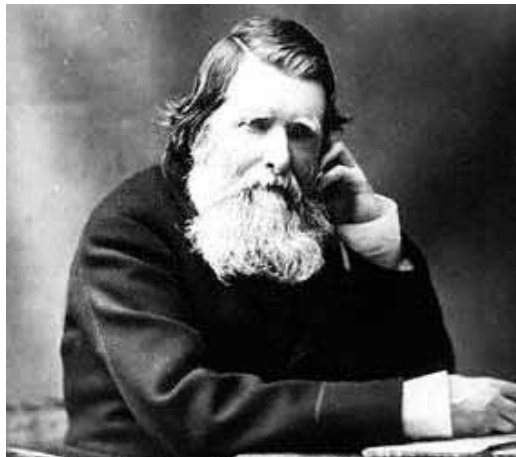


Fig. 59 - John Ruskin
(<http://www.thefamouspeople.com/profiles/images/john-ruskin-1.jpg>)

distinguiu “Monumento”, considerado um acto celebrativo realizado especificamente para exercer essa função, de “Monumento Histórico”, que, pelas suas características e valores adquiridos ao longo do tempo, só posteriormente é reconhecido como valor patrimonial³². Estavam dados os primeiros passos para a salvaguarda e manutenção dos edifícios mais relevantes.

A partir deste ponto foram várias as personagens que introduziram opiniões diferentes a este debate. O francês Eugène Viollet-le-Duc (1814 – 1879) foi um dos primeiros. Autor da monumental obra, de dez volumes, intitulada *Dictionnaire raisonné de l'architecture* escrita, em Paris, entre 1859 e 1868, defendia a “Unidade de Estilo” como princípio para agir sobre o existente, em que o restaurador deveria sentir-se como que o autor da obra original e continuá-la, imaginando as estruturas e a decoração que não haviam sido feitos mas que se julgavam previstos. Esta premissa foi utilizada pelos seus seguidores, dando origem a uma nova classe de arquitectos-restauradores-criativos. Segundo o autor, restaurar um edifício: “*não é manter, reparar ou reconstruir, é restaurá-lo num estado completo que pode nunca ter existido em algum momento*”³³.

John Ruskin (1819-1900) surge como o grande opositor deste raciocínio. Desenvolvendo uma teoria anti-restauracionista, considera a arquitectura como elo de ligação com o passado e, para ele, a glória de um edifício está na sua idade. Nesse sentido, associa um novo conceito biológico aos edifícios em que define o seu “nascimento”, “vida” e inevitável “morte”. Com esta “morte” torna-se impossível o restauro, como refere Ruskin, “*tão impossível como ressuscitar os mortos*”³⁴. O autor apoia a evolução do edifício até à ruína pois uma intervenção poderia perverter o seu valor enquanto testemunho do passado.

Apesar de aceitar a ruína dos edifícios, Ruskin admite a possibilidade de conservação sem grande visibilidade: “*cuidem adequadamente dos seus monumentos e não será preciso restaura-los*”³⁵. Também valoriza a arquitectura civil como elemento importante no tecido urbano e, tal como as grandes obras, esta deveria ser

³²*Ibidem*, p. 90.

³³NETO, Maria - **Memória propaganda e poder, o restauro dos monumentos nacionais**. P. 42

³⁴*Ibidem*, p. 45

³⁵*Ibidem*, p. 45



Fig. 60 - Camillo Boito
(<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/it/0/07/Camilloboito2.jpg>)

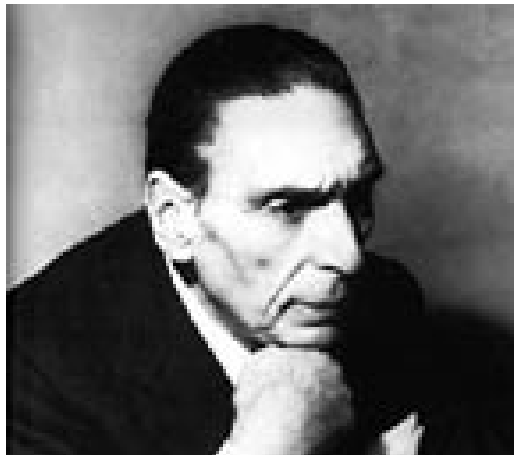


Fig.61 - Gustavo Giovannoni
(<http://www.zam.it/images/9442/1.jpg>)

igualmente preservada.

Entre uma posição e outra, o italiano Camillo Boito (1836-1914) aceita o restauro como método de intervenção por vezes necessário, mas reduzido a uma expressão mínima, opondo-se à arbitrariedade da “Unidade de Estilo” para defender que as novas intervenções nunca deveriam ser confundidas com a estrutura original. Para ele todas as fases históricas da evolução de um edifício são válidas, assim como o é, também, a preservação da própria ruína enquanto tal. Ao “Restauro Estilístico” de Viollet-le-Duc e ao “Anti-Restauro” de Ruskin, Boito contrapõe o conceito mais abrangente de “Restauro Moderno”, em que se valoriza, sobretudo, a ideia de conservação.

As suas teorias seriam fixadas na “Primera Carta del Restauro”, documento inaugural publicado na sequência do IV Congresso dos Engenheiros e Arquitectos, de 1883, realizado em Roma, onde são definidos os pontos fundamentais a ter em consideração no restauro de monumentos históricos. Desta “Carta” ressalta a importância que é, então, dada ao princípio de diferenciação entre o existente e a nova intervenção, quer em termos estilísticos, quer em termos materiais, e ao registo, informação e divulgação das diferentes fases do trabalho de restauro, como sustentação de um processo científico.

Gustavo Giovannoni (1873-1947) iria dar seguimento às teorias de Camillo Boito, reelaborando-as no que seria designado de “Restauro Científico”, centrado mais nos valores documentais que em questões de forma. Mas o seu contributo principal seria o de alargar o conceito de monumento ao urbanismo, ao tecido urbano, e, dessa forma, à arquitectura corrente enquanto parte de um todo a valorizar. No seu entender, os “grandes edifícios” não deveriam ser isolados do seu contexto e os “edifícios menores” seriam essenciais para a compreensão do ambiente global que os enquadra.

Estes princípios seriam sancionados na primeira carta internacional de protecção e salvaguarda do património: a Carta de Atenas.

A Carta de Atenas foi redigida em 1931, no decorrer da conferência internacional sobre o restauro dos monumentos, cujos princípios gerais são: o de proceder a uma adequada manutenção dos monumentos, abandonando as

reconstituições, excepto assim se verifique indispensável em consequência de degradação ou destruição recomendando respeito pela obra histórica ou artística do passado, sem eliminar estilos de nenhuma época. É também recomendado que os monumentos recebam usos que respeitem o seu carácter histórico ou artístico por forma a assegurar a sua longevidade. Relativamente ao restauro dos monumentos, foi aprovado o uso de técnicas modernas, nomeadamente o betão armado para a consolidação da estrutura, mas que devem ser dissimulados para não alterarem o aspecto e o carácter do edifício em causa. É reforçado o interesse no uso destas técnicas quando estas evitam a desmontagem e recolocação das partes a conservar.³⁶

Esta carta introduziu, pela primeira vez, regras para a acção sobre os monumentos, visando a sua salvaguarda e, ao mesmo tempo, a reabilitação dos mesmos.

Trinta anos mais tarde, em 1964, a propósito da segunda Conferência Internacional para a Conservação de Monumentos Históricos, realizada em Veneza, é redigido um outro documento importante, a Carta de Veneza. Esta volta a influenciar em larga escala a intervenção, quer no objecto isolado quer no conjunto de edificado. Desta Carta destacam-se o restauro e conservação do património, que consta nos artigos: “6º- *A conservação de um monumento implica a conservação de uma zona envolvente à sua escala. Quando ainda exista o enquadramento tradicional este deverá ser conservado, não devendo ser permitidas construções novas, demolições ou quaisquer arranjos susceptíveis de alterar as relações de volume e cor;* 7º- *O monumento é inseparável da sua história, da qual é testemunho e também do meio onde está inserido. Consequentemente, a deslocação de um monumento, na sua totalidade ou apenas de uma parte, não pode ser permitida, a não ser que a sua salvaguarda o exija, ou quando razões de relevante interesse nacional ou internacional o justifiquem;* e 12º- *Os elementos destinados a substituírem as partes que faltem devem integrar-se harmoniosamente no conjunto e, simultaneamente, serem distinguíveis do original por forma que o restauro não falsifique o documento artístico ou histórico*”³⁷.

³⁶ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel - **Património Arquitectónico e Arqueológico: cartas recomendações e convenções internacionais**.P. 43-47.

³⁷ *Ibidem*, p. 103-107.

Esta Carta, reforça alguns aspectos da Carta de Atenas de 1931, e torna claro que as novas intervenções a serem feitas devem ser de linguagem diferente, acompanhando a contemporaneidade e evitando imitar o passado em prejuízo de o falsificar.

As Cartas acabam por influenciar a visão comum sobre o património e delas nasceram organizações que promovem acções de defesa do mesmo.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), criada em 1945, tem como principal objectivo contribuir para a paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo, promovendo o pluralismo, reconhecendo e conservando a diversidade, promovendo a autonomia e a participação na sociedade do conhecimento³⁸. Produziu uma série de recomendações e convenções que muito ajudaram a classificar o património cultural e arquitectónico por todo o mundo.

O ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios) foi fundado em 1965, em Varsóvia, no seguimento da Carta de Veneza, e é uma organização dedicada à conservação, protecção e valorização dos monumentos conjuntos e sítios de todo o mundo³⁹. Existem vários documentos, até a actualidade, que registam os deferimentos acerca das acções sobre o património.

São, portanto, grandes organizações internacionais que promovem a conservação e restauro do património mundial. As regras estabelecidas têm repercussão nas instituições de cada país.

Todas estas Cartas, Convenções e Organizações visam a conservação, manutenção e salvaguarda do património cultural e arquitectónico, lançando as premissas que influenciaram aquilo a que hoje designamos de reabilitação. E reabilitar é jogar com o passado, restabelecer algo que os edifícios perderam perante o passar do tempo. O arquitecto Ricardo Cruz diz que: “*reabilitação pressupõe um retorno a um determinado estágio anterior com uma componente actual e renovadora*”⁴⁰. Daí

³⁸ UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/unesco/unesco.php>

³⁹ ICOMOS. Disponível em: <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/ICOMOS-folheto.pdf>

⁴⁰ Entrevista ao arquitecto Ricardo Cruz. Ver anexo ??

que talvez seja a principal actividade hoje em dia no que toca a intervir em preexistências, aliando, uma conjugação entre contemporaneidade e história, à existência de um grande número de construções abandonadas. O engenheiro Nuno Vasconcelos, ex-presidente do IHRU, dizia: “há duas opções: ou reabilitamos ou deixamos morrer as coisas”⁴¹. Será que só nos restam estas duas opções? Será que reciclar também é uma alternativa? É o que vamos tentar perceber a seguir.

1.2 - Reciclagem

O termo reciclagem, no sentido etimológico, deriva da palavra inglesa *recycle* (*re* – repetição + *cycle* – ciclo). Poderíamos comparar com um ciclo de vida, com o “nascimento”, a “vida” e a “morte”, acrescentando o “renascer para a vida”, repetidamente.

Na generalidade, quando falamos de reciclagem é para designar um processo de colheita, separação e reutilização de materiais já utilizados, ao invés de os desprezar e acumular em aterros e lixeiras. Este conceito começa a ganhar maior importância na década de oitenta quando os “media” alertam para a necessidade de se criar uma consciência colectiva relativamente ao progressivo esgotamento dos recursos não renováveis e a acumulação descontrolada de resíduos sólidos.

A reciclagem está cada vez mais implementada, sob a forma de reutilização de materiais e energias, essencialmente. Os ecopontos são cada vez mais frequentes e a informação acerca do assunto abunda por toda a parte. As campanhas de sensibilização para esta prática acompanham a preocupação com as questões de sustentabilidade e protecção ambiental, que não são mais do que preocupações com o futuro da humanidade.

E daqui não restam dúvidas, é uma prática aceite, necessária, recomendada e até legislada. Se repararmos bem a reciclagem está em toda a parte. A própria Natureza também se auto-recicla. O ciclo da água é um exemplo. Casos como vulcões, incêndios florestais, inundações, e terremotos acabam por transfigurar a superfície terrestre, aos nossos olhos de forma catastrófica, mas, em parte, regeneradora.

⁴¹ TOMÁS, Nuno Miguel - Entrevista a Nuno Vasconcelos. *Ingenium*. P. 30-33.

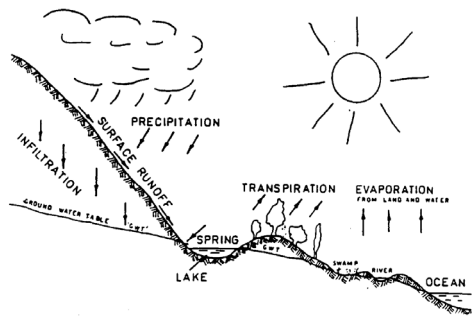


Fig.62 - Ciclo da Água
 (http://www.cd3wd.com/cd3wd_40/vita/wtrtreat/PO/WTRTREAT.HTM)

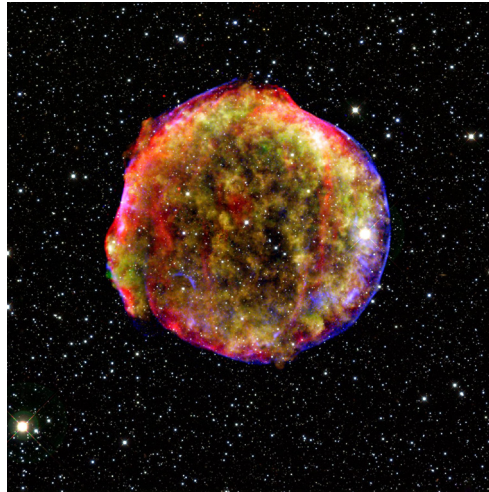


Fig.63 - Explosão de Supernova
 (<http://davidcamargo.wordpress.com/2008/12/05/ecoluminoso-de-supernova-em-1572/>)



Fig.64 - As cores vibrantes da folhagem no Outono em New England
 (<http://pintsinthepaint.wordpress.com/2009/08/28/its-always-sunny-in-philadelphia/>)



Fig.65 - Exibição da película "24 hour Psycho", Glasgow
 (<http://www.cbc.ca/news/tiff2010/2010/09/douglas-gordons-stunning-24-hour-psycho-update-screens-at-tiffs-lightbox.html>)

Alguns dos fenómenos naturais acabam por se tornar esteticamente apelativos, dando-se picos de turismo em *New England* quando as folhas morrem e ganham cores brilhantes⁴². Um exemplo mais remoto, mas não menos impressionante, são as supernovas que explodem a milhares de anos-luz de distância e dão origem a novas estrelas. A Natureza, portanto, tem como princípio de sustentabilidade a reciclagem, regenerando-se ciclicamente.

O Homem também começou a olhar a reciclagem como uma necessidade. E foi através das artes que este conceito ganhou maior projecção. Os artistas começaram a apresentar materiais reciclados nas suas obras de arte, resultando numa forma de sensibilização para as potencialidades desta nova prática amiga do ambiente. Podemos enquadrar aqui a reedição de clássicos, tanto na música como na moda, design de automóveis e elementos do quotidiano. E entende-se, pois gerou-se uma situação de superabundância e muitos artistas jovens perguntam-se constantemente o porquê da insistência em fazer coisas novas. Há tantos bons desenhos e tantas ideias novas que se desenvolveram tão pouco e estão por explorar que faz sentido reciclar, pegando no que está esquecido e dado como terminado e dar-lhe uma nova interpretação. A reinterpretação de temáticas e objectos do passado, não é mais do que reciclagem, dando o exemplo de Douglas Gordon, vencedor do prestigioso prémio *British Turner Prize*, que reciclou o clássico de Hitchcock “Psycho”, projectando a película em câmara lenta como uma nova obra de arte por ele realizada intitulada de “24 hour Psycho”⁴³. Já o DJ Mixmaster Morris refere que “temos de encarar a ideia de que já se fez música suficiente no século XX, e chegou o momento de colocar a tradição numa base de dados para que a gente possa trabalhar com ela digitalmente.”⁴⁴ As evoluções tecnológicas acompanham de perto estas práticas e são cada vez mais os meios disponíveis para obter uma utilização sustentável dos recursos protegendo o meio ambiente.

O escultor Bill Lishman construiu uma obra que designa de “Autohenge” que consiste numa réplica à escala real do Stonehenge usando 46 automóveis

⁴² LYNCH, Kevin – *Wasting away*.P. 122.

⁴³ SCHWARTZ, Ineke - Reciclar y renovar. *Fisuras de la cultura contemporánea*. P. 14.

⁴⁴ *Ibidem*, p.13-14



Fig.66 - Stonehenge
 (http://www.megalithic.co.uk/a558/a312/gallery/Stonehenge/Stonehenge_Aerial/Stonehenge_aerial_0433.JPG)



Fig.67 - Autohenge
 (<http://www.williamlishman.com/photos.htm>)

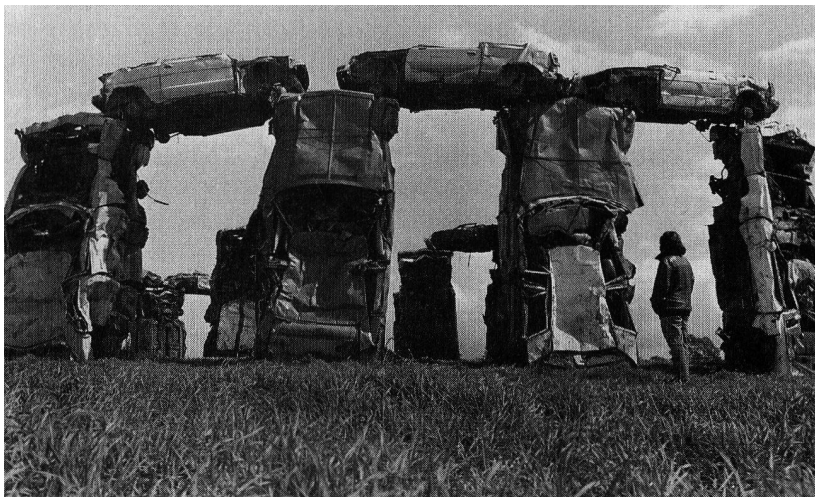


Fig.68 - Autohenge
 (LYNCH, Kevin – *Wasting Away*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990. p. 145)

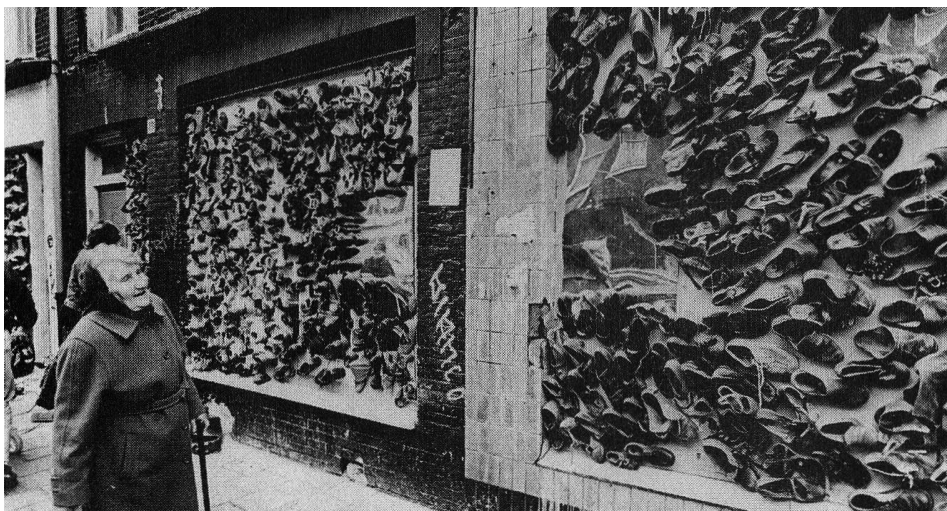


Fig.69 - O artista Willem Nell decorou edifícios abandonados de Amsterdão com sapatos velhos
 (LYNCH, Kevin – *Wasting Away*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990. p. 144)

acidentados. Lishman transformou aquilo que nos repugna, o lixo, a sucata, num motivo de atracção⁴⁵. Destaca-se aqui a sensibilização para o aproveitamento dos resíduos. Também Willem Nell decorou seis edifícios abandonados com sapatos velhos em Amesterdão⁴⁶. Tudo isto causa alguma estranheza, mas ao mesmo tempo estupefacção e admiração pelo uso de materiais que, à partida, se encontravam rejeitados e esquecidos e aparecem de novo sob as mesmas ou distintas utilizações.

Já quando transpomos este conceito para a arquitectura a aplicação parece não ser muito clara e consensual. Para Ole Bouman não restam dúvidas: *“Claro que a arquitectura é reciclada: paisagem, cidade, infra-estruturas, edifícios, materiais dos edifícios. Porque a arquitectura é a arte do espaço e o espaço por si nunca é desperdiçado, e segue sem se dizer que isto é reciclagem. Nem sequer requer uma estratégia ou exercício do querer; a vida por si recicla a arquitectura. Arquitectura nunca é pura e simplesmente original. Pelo contrário, muito pouco em arquitectura é original; é abarrotada com o existente. Não existe a Tábula Rasa, arquitectura tem sempre de ter em conta uma existência numerosa de forças, desejos, programas e outras circunstâncias. Se adicionarmos a isto a reciclagem que implica requisitos ambientais específicos, toda a questão parece completamente irrelevante”*⁴⁷. Este conceito, segundo Bouman, está implícito na arquitectura e a história documenta algumas intervenções que podemos associar com esta prática. Como refere Françoise Choay *“Móveis ou imóveis, as criações da Antiguidade não representam assim o papel de monumentos históricos. A sua preservação é, com efeito, uma reutilização. Ela apresenta-se sob duas formas distintas: reutilização global, acompanhada ou não de reordenações; fragmentação em bocados e fragmentos utilizáveis para fins e locais diversos (...). Mas os monumentos antigos não são apenas «reciclados»: são, com uma mesma simplicidade desenvolta, desmantelados em bocados e fragmentos e reinseridos de seguida em novas construções, para as embelezar e decorar”*⁴⁸. Estas

⁴⁵ LYNCH, Kevin – **Wasting Away**. P. 145

⁴⁶ *Ibidem*, p.144

⁴⁷ NESS Kee & YHO Suoi - Dicionario por fasciculos IV. Fisuras de la cultura contemporánea. P. 68. cit. Ole Bouman, Archis nº10 1998.

⁴⁸ CHOAY, Françoise - **Alegoria do património**. P. 11.



Fig.70 - Vista aérea do Anfiteatro de Nîmes
(<http://www.pegue.com/artes/nimes.jpg>)



Fig.71 - Concerto dos Mettlica no Anfiteatro de Nîmes
(<http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://img294.imageshack.us/img294/6561/metallicanimes.>)



Fig. 72 - Reconstituição do anfiteatro de Arles preenchido com habitações
(<http://www.francescicorni.com/disegni.php?disegniPage=8>)



Fig.73 - Realização de uma Tourada no anfiteatro de Arles
(http://4.bp.blogspot.com/_wThHr_04D2g/TRx9S7ZeCmI/AAAAAAAAAPk/ww4ESsUEzo/s1600/arquitectos.jpg)



Fig.74 - Ilustração do Palácio de Diocleciano em Split, Croácia
(http://historiadaarte.pbworks.com/f/800px-SPLIT-Hebrard_overall_color_restitution.jpg)

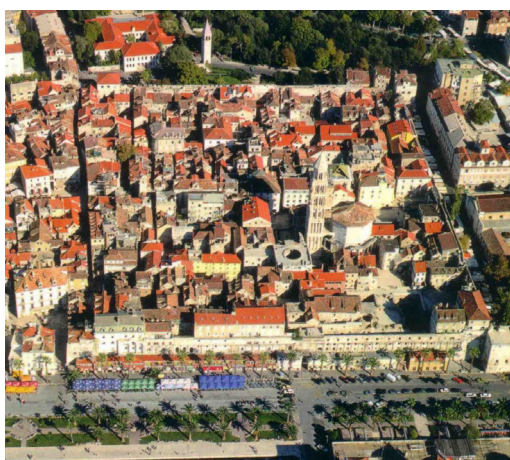


Fig.75 - O espaço do Palácio que é hoje embeido na cidade.
(http://2.bp.blogspot.com/_wThHr_04D2g/TRx9vPA_UWI/AAAAAAAAAP8/iPJ139y2PKE/s1600/zpalac1.jpg)

intervenções podem considerar-se mais ou menos conscientes ou adequadas, mas, uma vez que na altura os edifícios eram considerados todos iguais, não havendo aqueles protegidos pelo seu estatuto e importância patrimonial, só seriam preservados caso a sua finalidade e utilização fosse mantida. Caso contrário, os edifícios que manifestassem abandono e destruição eram desmantelados para serem reutilizados os seus componentes, ou actualizava-se a sua função. Estas acções foram consideradas bárbaras por alguns estudiosos que julgam que essas construções poderiam ter permanecido até hoje, ilustrando épocas anteriores, caso não tivessem acontecido tais intervenções. Para melhor ilustrar estas acções há que referir alguns exemplos, como os anfiteatros de Nîmes e Provença que, no século XII, foram convertidos em fortalezas. Mais tarde, o anfiteatro de Provença viu os seus arcos exteriores serem tapados para dar origem a mais duzentas habitações e, no século XVIII, foram construídas duas capelas no interior da arena. Já o anfiteatro de Nîmes, desde 1863 que recebe touradas, dando seguimento ao seu estatuto de entretenimento. Mais recentemente, acolhe espectáculos diversos, desde concertos de música, a circos e outros eventos. Outro exemplo é o palácio de Dioclecianos em Split na Croácia, que viu o seu interior ser invadido, e tornou-se a catedral e zona residencial para os seus habitantes. A cidade penetrou as muralhas e embebeu o palácio na malha urbana⁴⁹. A intenção sempre foi clara, adaptar as necessidades de uma sociedade às mudanças culturais e económicas que sempre acompanharam a história. Com este exemplo começamos a falar mais em reciclagem urbana, ao qual devemos juntar o exemplo provavelmente mais longo de reciclagem que podemos identificar, a cidadela de Erbil no Iraque. Esta conta já com 7000 anos de história, ou até mais. A curiosidade recai na implantação numa colina de 30 metros que se foi formando ao longo do tempo com as ruínas antecedentes. A cidade foi-se regenerando e reciclou os seus componentes, inclusivé conta com as suas ruínas como alicerce⁵⁰. David Michelmores, um especialista em conservação e documentação do património, enquanto guia uma visita pela cidadela refere, a um certo ponto, que *“esta parede é mais velha do que o resto do edifício. Pensamos que eles eram muito*

⁴⁹ RODERS, Ana - **Re-architecture**. P. 83.

⁵⁰ ERBIL CITADEL. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/tentativelists/5479/>.



Fig.76 - Vista aérea da cidade de Erbil
(http://www.cd3wd.com/cd3wd_40/vita/wtrtreat/PO/WTRTREAT.HTM)

*flexíveis sobre o uso dos edifícios*⁵¹ A cidade, no entanto, encontra-se em mau estado e durante a década de 1990 sofreu várias demolições às mãos de Saddam Ussein. Precisar-se-á agora de um novo ciclo para que não “morra” por falta de intervenção.

Vimos exemplos que traduzem a existência de reciclagem na arquitectura, qualquer intervenção faz sempre parte de um ciclo, havendo sempre o antes e o depois, ou seja aquilo que havia e aquilo que passa a haver consecutivamente. Se, para além disto, aceitarmos que os edifícios têm uma vida própria, que envelhecem, percebemos ainda melhor que numa determinada altura o ciclo vai ser interrompido e dar-se-á início a um novo. Tudo isto nos remete para a dimensão “tempo” na arquitectura, nomeadamente a durabilidade de um edifício, tanto a nível estrutural, como a nível funcional. O arquitecto Gonçalo Byrne aborda o assunto da seguinte forma: “*com o passar do tempo, a firmitas perde força e a estrutura do edifício fica abalada, a venustas perde características, mas quando se perde a utilitas o edifício não tem como sobreviver*”⁵². A função de um edifício é, portanto, determinante para a sua própria sustentabilidade, ainda que a estrutura esteja em boa condição, a falta de um uso conduz ao fim de um ciclo.

A durabilidade de um edifício, no entanto, não é determinada com rigorosa certeza. Pressupõe-se que o edifício seja para toda a vida. Piet Volvaard recorda o tempo em que as bicicletas eram indestrutíveis e as casas eram casas para sempre⁵³. Esta “eternidade” tem sentido quando a vida estrutural corresponde, realmente, a um largo período funcional de vida e à manutenção do mesmo. A habitação é um bom exemplo. Volvaard chama a atenção para as casas do centro histórico que parecem desafiar a passagem dos séculos, tendo em conta que a maioria das funções dos edifícios têm um curto tempo de vida⁵⁴. Ainda assim, tendo em conta a evolução socioeconómica das cidades e a constante mutação da cultura mundial, nada é um dado garantido. Há um grande número de edifícios que tem a sua “esperança média de vida” ameaçada.

⁵¹ LORENA, Sofia - *Erbil, restam dez anos para salvar esta cidadela*. [Consult. 12 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.publico.pt/Mundo/Iraque/Erbil/erbil-restam-dez-anos-para-salvar-esta-cidadela_1452692?all=1.

⁵² Gonçalo de Sousa Byrne em conversa informal.

⁵³ VOLLAARD, Piet; VINK, Jacques - Consumir preferencialmente antes de... *Fisuras de la cultura contemporánea*. P. 137

⁵⁴ *Ibidem*, p.137

A pergunta sobre quanto tempo deve durar uma edificação é difícil de responder. Depende do uso, depende dos materiais, depende da manutenção.

A nossa sociedade, que vive numa constante e veloz mutação, poderá adequar-se melhor a uma arquitectura mais efémera. E com isto não se quer dizer que os edifícios não sejam de longa duração, mas as funções que exercem, essas sim, têm tendência para ver os seus ciclos mais curtos. As construções, por vezes, também podem justificar uma menor perenidade dependendo da utilização. A questão é se não haverá desperdício material em reciclar em curtos períodos de tempo. Mas vendo bem, de que vale construir para toda a vida se, mais tarde ou mais cedo, os imóveis entram em obsolescência. É uma questão complicada. Haverá prós e contras. No entanto, o caminho a seguir poderá ser o da flexibilidade das construções. Pensar a intervenção, não só no presente, mas também naquilo que pode vir a ser.

Flexível ou não, a verdade é que a reciclagem está aí e tem tendência para progredir. Como diz Lawrence Reiner: *“a reciclagem está aqui para ficar e expandir-se. É uma resposta ao elevado custo da construção nova; é uma protecção dos recursos escassos; é uma poupança de tempo; é uma poupança de energia; e é rentável para todos os interessados.”*⁵⁵

1.2.1 - Como reciclar arquitectura

A pergunta relevante a colocar é, como se recicla arquitectura? Para o arquitecto Gonçalo Byrne a *“reciclagem é a retoma de um ciclo, agora essa retoma é que pode ser muitas coisas. Pode ser reciclar um uso, sem interferir, no caso concreto, no edifício. O edifício está em bom estado, por algum motivo deixou de funcionar e vamos dar início a um novo ciclo com um outro uso. Pode ser também reciclar os materiais de um determinado edifício, por exemplo demolir o edifício todo, meter o betão para um lado, triturá-lo e retirar-lhe o ferro, moer o tijolo. etc., pegar nesses materiais e reutiliza-los em diversas formas. E pode ser também reciclagem da tipologia, que*

⁵⁵ REINER, Lawrence - **How to recycling buildings**. P. xii.

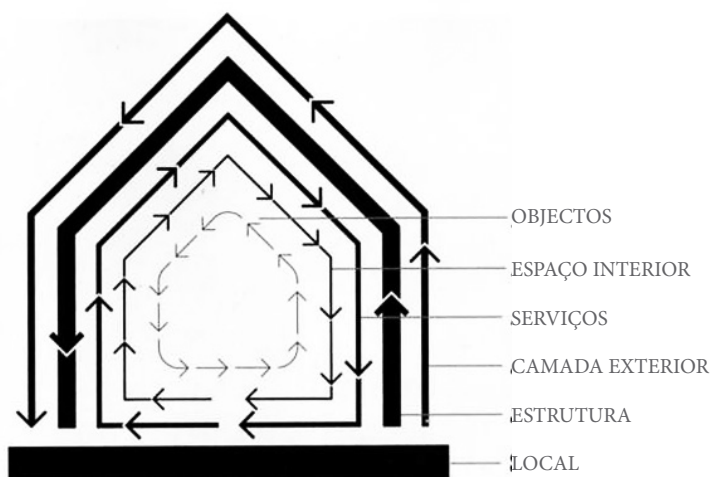


Fig.77 - Estratos de um edifício

(BRAND, Stewart – *How buildings learn*. Londres: Penguin books, 1994. p. 13)

curiosamente por definição é resistente à reciclagem, porque o conceito da tipologia baseia-se numa ideia de perenidade. Mas ainda assim considera-a reciclável dentro de certos limites”⁵⁶.

É certo que estas possibilidades podem acontecer em separado ou, também, em conjunto. Mas importa tentar perceber este processo de reciclar a arquitectura.

Poderíamos começar por dizer que este processo envolve um estudo aprofundado, aliás como toda a obra arquitectónica. A pesquisa de campo deve sempre estar presente e, neste caso, poderemos chamar-lhe triagem. Essa triagem deve começar por perceber todas as condições que envolvem o projecto. Recolher essa informação é uma das peças importantes para que se atinja o sucesso da intervenção. Também é conveniente analisar os ciclos precedentes, entendendo aquilo que o edifício já foi para que possa ser lançada uma nova hipótese. Olhando para o objecto em causa, importa analisar o edifício nos seus vários componentes. Esta pode ser feita por estratos, como sugere Brand Stewart, e assim reconhecemos a essência material do objecto em causa. Este refere no seu livro “*How buildings learn*” que a intenção é: “*examinar os edifícios como um todo – não só o todo no espaço, mas o todo no tempo. Alguns edifícios são projectados e geridos como um todo espacial, nenhum como um todo temporal. Na ausência de teoria e prática standard do assunto, podemos começar a investigar: o que acontece de qualquer forma aos edifícios ao longo do tempo?*”⁵⁷. Para distinguir dentro do próprio edifício o seu comportamento durante o tempo, divide-o em camadas, acrescentando às quatro de Francis Duffy, mais duas. O **local** definido como a localização geográfica, o lote delimitado que durará por gerações efémeras de edifícios. O local é eterno. Quanto à **estrutura**, a mudança da fundação e dos elementos estruturais é cara e perigosa, por isso as pessoas não o fazem. A sua duração varia de trinta a trezentos anos, mas poucos são os que ultrapassam os sessenta. A **camada exterior** está a mudar a cada vinte ou mais anos, para acompanhar a moda ou as novas tecnologias. O recente foco nos custos de energia levou a que as peles fossem reinventadas permitindo melhor ventilação e insolação. Os **serviços**, designados por “*entranhas*” do edifício, englobam todas as cablagens,

⁵⁶ Entrevista a Gonçalo Byrne. Ver anexo ??

⁵⁷ BRAND, Stewart – **How buildings learn**. P. 2.

canalizações, sistemas de AVAC (aquecimento, ventilação e ar condicionado) e as partes móveis como elevadores ou escadas rolantes. Estes desgastam-se normalmente a cada sete a quinze anos. Muitos edifícios são demolidos mais cedo, se os seus sistemas desactualizados se encontram profundamente enraizados, impedindo uma fácil substituição. O **espaço interior** contém paredes, tectos, pisos e portas. Nos turbulentos espaços comerciais podem ser mudados a cada três anos ou menos; já as casas mais tranquilas podem esperar trinta anos. E **objectos**, como cadeiras, mesas, telefone, lâmpadas, tudo o que se usa desde diária a mensalmente.⁵⁸

A análise dos edifícios por estratos é benéfica para o arquitecto que vá reciclar uma pré-existência. Procede-se, assim, de forma mais precisa à selecção das condições do próprio edifício. É, também, uma forma de entender o edifício ao longo do tempo, sabe-se que os edifícios têm diferentes durações, mas é muito importante perceber que cada um encerra em si constituintes de diferentes durabilidades.

Depois é necessário avançar para uma estratégia, que engloba viabilidade, financiamento e adaptabilidade. Neste caso destacam-se as relativamente recentes SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana). A Porto Vivo, em actividade na cidade do Porto, contou com um representante na conferência realizada no auditório da Exponor acerca de reabilitação urbana. Nesse debate foi descrito o papel desta instituição e a ideia é que seja um mediador entre o investidor e as possibilidades de investimento. É feito um estudo sobre as zonas mais problemáticas da cidade e à partida, são sugeridas possibilidades de intervenções nos edifícios alvo. Também pode ser sugerida uma possibilidade por parte do investidor, que será posta na mesa e discutida e, se necessário, aconselhada a mudar de zona ou por outra hipótese de programa. A ideia é que a sociedade faça uma gestão das oportunidades e reconheça o que melhor se adapta a cada ponto específico da cidade. Segundo aquele representante, existe uma base de dados designada por Bolsa de Imóveis onde é possível inserir ou encontrar anúncios que venham a ser bons investimentos recomendados, permitindo um maior interesse por estas zonas degradadas e problemáticas que se acumulam por aí. Encontrando uma estratégia viável, que se adapte às condições do local e que tenha por trás um patrocínio, conduz a uma

⁵⁸ BRAND, Stewart – **How buildings learn**. P. 13.



Fig. 78 - A enorme cratera resultante da extração de minério em Mirny
(http://www.obviousmag.org/archives/2005/10/mina_de_mirny.html#axzz1CvTQmEFh)

grande possibilidade de atingir sucesso.

Depois desta pesquisa e criação de uma estratégia, que obviamente é comum a qualquer tipo de intervenção, poderíamos resumir este processo de reciclagem numa fusão entre os três pilares da arquitectura e os três princípios para o desenvolvimento sustentável. O cruzamento destas duas condições representará uma vida cíclica sustentável das construções. A “*firmitas*”, “*utilitas*” e “*venustas*” são condições que têm de existir, tratando-se de edifícios pré-existentes e muitas vezes em mau estado é natural uma ou mais lacunas neste aspecto. De entre elas, a “*utilitas*”, que já foi referida como essencial à manutenção de um edifício, revela-se a tarefa mais difícil, pois também depende de mais factores. Mas o compromisso com as SRU, os municípios e os investidores faz ultrapassar este problema. Adicionando o desenvolvimento sustentável, pressupõe-se que haja uma redução de custos e uma maior adaptabilidade à sociedade, e aí a vertente cíclica da reciclagem é mais efémera e portanto mais flexível. A componente ambiental pretende ganhar extrema força neste processo, vai desde a energia, aos recursos materiais, sempre de uma forma amiga da natureza. Após a triagem, pode ser efectuada uma desconstrução cuidada e selectiva dos materiais constituintes do edifício, ao invés da demolição e aterro. A vertente energética deverá ser sensível ao aproveitamento das energias renováveis, nomeadamente a solar, a eólica, hídrica, geotérmica e biomassa.

A reciclagem pode ser assim definida como uma prática associada à transversalidade de conceitos e talvez aqui marque um pouco a diferença alargando-se às preocupações ambientais. O que na arquitectura encaixa perfeitamente, uma vez que “*O sector da construção é responsável pelo consumo de metade dos recursos mundiais e por cerca de 50% das emissões de CO2 (no aquecimento, iluminação e arrefecimento dos edifícios através de combustíveis fósseis)*”⁵⁹. Algo tem de ser feito no sentido de travar esta tendência. A reciclagem, em todas as suas vertentes pode ser um meio de conseguir esse objectivo.

⁵⁹ LOPES, Cidália; LEITE, Inês de Almeida - Entrevista com Luís Malheiro. *Espaços*. P. 22-28.



Fig. 79 - Sanatório da Covilhã
(Documentário Ruínas disponível em <http://mubi.com/home>)



Fig. 80 - Estalagem abandonada
(Documentário Ruínas disponível em <http://mubi.com/home>)

1.2.2 - O contexto português

“A reutilização de edifícios deverá ser a principal actividade dos arquitectos na próxima década. Esta suposição prende-se com o facto de as cidades portuguesas terem os seus centros em estado de semi-abandono. Mas também porque desde a integração de Portugal na EU, os equipamentos sociais e culturais necessários têm sido, progressivamente, construídos. Reciclar será por isso uma inevitabilidade”⁶⁰.

Em Portugal, e poderíamos começar por analisar a reciclagem dos materiais da construção, concluímos que esta não é uma prática muito implementada. Apesar de algum esforço, o nosso país situa-se na cauda da Europa, reciclando apenas 5% da totalidade de resíduos, longe da média europeia de 50%.⁶¹ Já a reutilização de velhos edifícios parece querer crescer no nosso país. Segundo a estatística da construção e habitação de 2009, efectuada pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), ficamos a saber que *“em 2009 cerca de 22,1% dos edifícios concluídos diziam respeito a reabilitações (Alterações, Ampliações e Reconstruções), o que representa um crescimento de 1,4 pontos percentuais face a 2008 (20,7%)”⁶²*. Embora em crescimento, a estatística revela que a intervenção em edifícios preexistentes ainda é pouco explorada. O documentário “Ruínas” de Manuel Mozos retrata bem essa necessidade. Jean-Pierre Rehm diz acerca do filme: *“ (...) O objectivo do filme é claro: Qual a relação entre lugares e memórias e entre narrativas e espaços? Outros locais e outras construções seguem, todos abandonados: um bairro silencioso, um restaurante, um cinema, um complexo balnear, uma igreja, uma casa abandonada e uma fábrica em ruínas. Os habitantes actuais são invisíveis, esses lugares estão situados num tempo suspenso pelo poder exclusivo da imobilidade. No entanto existem alguns seres vivos, os de ontem: Vozes de homens e mulheres, de um sítio ou outro, recitam. (...)”⁶³* Quando a câmara percorre os diversos espaços revela-nos aquilo que vemos hoje, um cenário de

⁶⁰ Entrevista efectuada aos arquitectos Ricardo Carvalho e Joana Vilhena. Ver anexo ??

⁶¹ COSTA, Sílvia - Resíduos da construção e demolição. Coimbra: [s. n.], 2010 p. 18.

⁶² ESTATÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO 2009. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICA_COESpub_boui=95301573&PUBLICACOESmodo=2

⁶³ REHM, Jean-Pierre - Ruínas. Disponível em: <http://www.osomeafuria.com/films/3/9/>.

completo abandono e progressiva ruína, mas também e metaforicamente, aquilo que resta das construções que parece “falar” narrando o que já outrora se passara naqueles espaços nas diversas narrativas que acompanham as imagens.

Desde sanatórios, escolas, estalagens, estações ferroviárias, entre outros que em tempos contaram com um ciclo de vida estão agora condenadas ao completo abandono e esquecimento. Mas o filme comprova que, tal como a escultura de Lishman, estas construções também podem ser arte, por aquilo que são, pela memória que evocam e pelas sensações que provocam. Predomina o silêncio, mas há um diálogo entre a narrativa e as sucessivas imagens. A narrativa descreve o que se já lá passou e faz imaginar a vida que já lhe esteve associada.

O filme mostra esta série de exemplos que retratam a realidade de um país. É uma situação que merece atenção e requer cuidados, precisa de intervenção.

Conclusão

E regressamos novamente à questão: que tipo de intervenção? Reabilitar ou reciclar?

Relativamente à definição de Manuel Gausa, não poderei estar totalmente de acordo. Ambas as definições são perfeitamente válidas. Ambas são actuais e são uma prática regular e cada vez mais frequente. Certo que, por definição, reabilitar pressupõe devolver a um edifício um estado anterior, enquanto a reciclagem parte desse estágio anterior para o transformar numa nova fase. Talvez aí a reciclagem seja o futuro, e essa ideia é reforçada pela vertente ambiental. Essa deverá ser a grande diferença relativamente à reabilitação. A crescente e contínua preocupação com a salvaguarda do ambiente, que tem sido implementada em várias áreas, estendeu-se também à Arquitectura. Para além da reciclagem dos materiais, a reciclagem do espaço e das tipologias tem vindo, a pouco e pouco, ser discutida na actividade dos arquitectos.

No fundo, e depois da análise a estes dois termos no último capítulo, eu

diria que o termo reciclagem é mais abrangente, na medida em que implica uma transversalidade de conceitos, cruzando os princípios fundamentais da arquitectura com as condições socio-culturais e a salvaguarda ambiental. Será por isso que a reciclagem tem mais condições para evoluir e tem mais probabilidade de crescer em actividade no sector. Não se exclui, no entanto, a reabilitação, enquanto conceito que pode estar incluído no processo de reciclagem.

Basicamente falamos de intervir em preexistências, e essa intervenção, hoje, tornou-se pertinente como nunca antes o foi e com tendência para se acentuar. Só em Portugal existem 680 000 casas vagas que, para as respectivas necessidades, serviriam para os próximos dezasseis anos⁶⁴. Daí que algo tenha de ser feito para aproveitar estes edifícios. Mais ou menos degradados, o fundamental é que os edifícios funcionem. Muitas vezes implica adequarem-se à sua época, daí que velhas fábricas, sanatórios, estações ferroviárias e, por último, as habitações (e digo por último porque são as que mais resistem à passagem do tempo) estejam abandonadas. Se a mão-de-obra mais barata deslocalizou a indústria, se já se erradicou a tuberculose, o que fazemos com as estruturas que sobram?

Neste campo a actividade predominante é a reabilitação, mas tudo aponta para que a reciclagem venha a ganhar terreno nos próximos anos nas suas várias áreas de acção. Mas a designação da intervenção não é o que mais importa aqui. Como diz Elisabeth Thompson, *“Chamar de renovação, reabilitação, restauro, re-uso ou reciclagem: qualquer que seja o termo, a reivindicação dos velhos edifícios por adaptações ou uso continuado tornou-se num elemento importante na prática da arquitectura e na actividade da construção”*⁶⁵. Daí que o que realmente importa é agir, e agir sobre estes edifícios abandonados e obsoletos é uma realidade que tem de ser encarada com grande seriedade e responsabilidade.

Esse foi o objectivo que serviu de base para este trabalho. Independentemente do tipo de intervenção, o propósito foi dar destaque ao edifício. Atrair atenções sobre ele e lançar o debate relativamente ao seu futuro. É curioso referir que muito recentemente foi feita uma limpeza da densa vegetação que rodeava e encobria o

⁶⁴ CÓIAS, Vítor - O património arquitectónico e a reabilitação urbana. [Consult. 18 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.gecorpa.pt/Comunicacoes_artigos/CNC%20Maio%2009.pdf

⁶⁵ THOMPSON, Elisabeth Kendall – **Recycling Buildings**. P. vi

edifício, e logo se começou a ouvir falar de hipotéticas obras. Este facto revela a importância que a Casa de Saúde tem junto da opinião pública e reforça a vontade generalizada de voltar a ver o edifício funcionar. Há, contudo, plena consciência de que está em causa um investimento de valores avultados, mas para já o importante é não deixar cair a Casa de Saúde no esquecimento. Pelo contrário, é necessário destacar as potencialidades que o edifício possui e mostrar que, apesar do seu estado, ainda tem muito para oferecer à cidade de Vale de Cambra.

Relativamente à proposta de projecto apresentada neste trabalho, ela pretende abrir a discussão em duas frentes. Por um lado, o debate sobre a forma de reutilizar a Casa de Saúde. O excesso de construção tornou-se um problema cada vez maior e é preciso olhar para os edifícios abandonados como uma possibilidade económica e sustentável de substituir um edifício construído de raiz. Por outro lado, a questão da instalação de um Hotel na cidade. Já em tempos passados essa possibilidade foi discutida e José Beça de Castro apresentou as suas propostas em 1949. Agora, e num tempo de transformações na arquitectura do hotel, decidiu-se voltar a esta questão no sentido de dinamizar o turismo na cidade que tem sido pouco explorado. Estes dois temas encaixaram bem e resultaram numa boa oportunidade de reutilizar a Casa de Saúde e dar, ao mesmo tempo, um impulso ao turismo da região.

Este projecto, portanto, surge quase como uma forma de dar “voz” ao edifício que “anseia” por uma intervenção. Para concluir, fica o desejo que a curto, médio, ou longo prazo, a Casa de Saúde seja alvo de uma intervenção, retomando o ciclo que, outrora, foi interrompido.

Bibliografia

ÁLBUM E BREVE NOTÍCIA DO SEMINÁRIO APOSTÓLICO DE S. JOÃO DE BRITO. Macieira de Cambra, 1949. Propriedade privada de Ângelo de Pinho.

ALLGARVE [Em linha].[Consult. a 10 Maio de 2010]. Disponível em: <http://www.google.pt/#hl=pt-PT&source=hp&biw=1280&bih=645&q=react%C3%A7%C3%A3o+em+cadeia:+transforma%C3%A7%C3%B5es+na+arquitectura+do+hotel&aq=f&aqi=&aql=&oq=&fp=2582bd9d399896c7>.

ALMEIDA, Adelino - **Luiz Bernardo de Almeida**. Vale de Cambra : Fundação Luiz Bernardo de Almeida, 2007. 108 p.

ALMEIDA, Álvaro - **Caima, rio agro-industrial e turístico**. [S.I. : s.n.], 1995. 180 p.

“Arquitectura Ibérica”. 29 (2008). 141 p.

BRAND, Stewart – **How buildings learn: What happens after they’re built**. Londres : Penguin books, 1994. ISBN 0-670-83515-3. 243 p.

CHOAY, Françoise - **Alegoria do Património**. Lisboa : Edições 70, 2006. ISBN 972-44-1205-9. 245 p.

CÓIAS, Vítor - O património arquitectónico e a reabilitação urbana [Em linha], 2009. [Consult. 18 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.gecorpa.pt/Comunicacoes_artigos/CNC%20Maio%2009.pdf

CONFERENCIA DICTADA POR EL ARQUITECTO PORTUGUÉS GONÇALO BYRNE, Madrid, 2010 [Em linha].[Consult. 6 Novembro de 2010]. Disponível em: <http://vimeo.com/16108583>.

COSTA, Sílvia – Resíduos da construção e demolição. Coimbra : Faculdade de ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010. Tese de Mestrado.

CRUZ, Maria da Graça - **Macieira de Cambra: Fotografias da Família Sousa**. In Vale de Cambra, meio século de imagens. 2000. ISBN 972-98210-2-X Vol. 3.

DIAMONSTEIN, Barbaralee - **Buildings Reborn: new uses, old places**. New York : Harper&row, 1978. ISBN 0-06-011068-6. 255 p.

ENTREVISTA AO ARQUITECTO GONÇALO BYRNE. Mais Arquitectura. 9 (2007) 20-33.

ERBIL CITADEL [Em linha].[Consult. 10 Dezembro 2010]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/tentativelists/5479/>.

ESTATÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO 2009 [Em linha]. 2009. [Consult. 15 Outubro 2010]. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICA_COESpub_boui=95301573&PUBLICACOESmodo=2.

FERREIRA, António - **Vale de Cambra: as suas belezas naturais e o seu engrandecimento**. [S.I. : s.n.], 1942. 160 p.

GALINO, Fernando; SANZ, Anna - Intervenir en arquitecturas portantes. Tectónica: Rehabilitación. Madrid. ISSN: 1136-0062. 18 (2005) 5-31.

GAUSA, Manuel - **Diccionario metápolis arquitectura avanzada**. Barcelona : Actar, 2001. ISBN 8495273934. 624 p.

GRACIA, Francisco - **Construir en lo construido: la arquitectura como modificación**. Madrid : Editorial Nerea, 1996. ISBN 84-86763-65-7. 323 p.

ICOMOS [Em linha].[Consult. 10 Dezembro 2010]. Disponível em: <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/ICOMOS-folheto.pdf>.

LEITE, Inês; LOPES, Cidália – Entrevista com Luís Malheiro. Espaços. 42 (2005) 22-28.

LION, Edgar – **Building Renovation and Recycling**. New York : John Wiley & Sons, 1982. ISBN 0-471-86444-7. 132 p.

LOBO, Susana - A room with a view [Em linha]. [Consult. a 20 Agosto de 2010]. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=35

LOBO, Susana - Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX. Coimbra : [s. n.], 2006. 105 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel - **Património Arquitectónico e Arqueológico: cartas recomendações e convenções internacionais**. Lisboa : Livros Horizonte, 2004. ISBN 972-24-1307-4. 351 p.

LORENA, Sofia - Erbil, restam dez anos para salvar esta cidadela [Em linha]. [Consult. 12 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.publico.pt/Mundo/Iraque/Erbil/erbil-restam-dez-anos-para-salvar-esta-cidadela_1452692?all=1.

LYNCH, Kevin – **Wasting away**. San Francisco : Sierra Club Books, 1990. ISBN 0-87156-675-3. 270 p.

MARQUES, Carlos Vaz - Entrevista a Gonçalo Byrne [Em linha]. [Consult. 15 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.tsf.pt/PaginaInicial/AudioeVideo.aspx?content_id=889118.

MARQUES, Maria - **Monografia de Vale de Cambra**. Vale de Cambra : Câmara Municipal, 1993. 228 p.

MOZOS, Manuel – Ruínas [Em linha]. [Consult. 10 Janeiro 2011]. Disponível em: <http://mubi.com/home>.

NESS Kee & YHO Suoi - Dicionario por fasciculos IV. Fisuras de la cultura contemporánea. Madrid. ISSN 1134-9409. 7 (1999) p. 68.

NETO, Maria - **Memória propaganda e poder, o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)**. Porto : FAUP, 2001. ISBN 9729483450. 362 p.

PEREIRA, Luís - **Reacção em cadeia: transformações na arquitectura do hotel**. Porto : Fundação Serralves, 2008. ISBN 978-972-739-203-2. 292 p.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL, DIVISÃO DO TURISMO [Em linha]. 2010. [consult. 3 Dezembro 2010]. Disponível em: http://www.cm-valedecambra.pt/index.php/regulamentos/file/93-pdm_turismo.

PROJECTO EDUCATIVO [Em linha]. [consult. a 27 Abril de 2011]. Disponível em: <http://62.28.22.201/PDF/ProjectoEducativo.pdf>

REINER, Lawrence – **How to recycle buildings**. New York : McGraw-Hill, Inc., 1979. ISBN 0-07-051840-8. 244 p.

RODERS, Ana Rita - **Re-architecture: lifespan rehabilitation of built heritage**. Netherlands : Bouwstenen Publicatieburo, 2007. ISBN 9038617860

SCHWARTZ, Ineke - Reciclar e renovar. Fisuras de la cultura contemporânea. Madrid. ISSN 1134-9409. 7 (1999) 12-19.

SHOPSIN, William - **Restoring old buildings for contemporary uses**. New York : Whitney Library of design, 1989. ISBN 0-8230-7425-0. 207 p.

THOMPSON, Elisabeth Kendall - **Recycling Buildings**. New York : McGraw-Hill, Inc., 1977. ISBN 0-07-002335-2. 213 p.

TOMÁS, Nuno Miguel - Entrevista a Nuno Vasconcelos. Ingenium. Lisboa. ISSN 0870-5968. 113 (2009) 30-33.

UNESCO. [Em linha]. [Consult. 10 Dezembro 2010]. Disponível em: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/unesco/unesco.php>.

VOLLAARD Piet; VINK Jacques - Consumir preferencialmente antes de... Fisuras de la cultura contemporânea. Madrid. ISSN 1134-9409. 7(1999) 136-145.

VAZ, Raquel - Património: intervir ou interferir?: Stª Marinha da Costa e Stª Maria do Bouro. Coimbra: Departamento de arquitectura da FCTUC, 2009. 100 p. Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura

Anexos

Anexo I - Entrevista aos arquitectos Ricardo Carvalho e Joana Vilhena, efectuada por correio electrónico a 31 de Agosto de 2010

Ricardo Carvalho e Joana Vilhena (RCJV) são os responsáveis pelo projecto do MUDE, novo museu da Moda e Design de Lisboa. Neste projecto o antigo edificio que albergou um banco estava no entanto devoluto e em elevado estado de ruína. É essa ruína que os arquitectos respeitam e aproveitam para criar o ambiente do museu, ela está sempre presente a “nú”. Pela dimensão da sustentabilidade, apresenta vários materiais reciclados da construção civil (telas, paletes, régua,…) que propõem um espaço mutável dentro do cenário da existente ruína.

Julguei pertinente recolher a opinião destes arquitectos no que refere à reciclagem em arquitectura.

João Bastos (J.B.) - Em tempos de crise, a palavra reciclagem parece ter vindo a ganhar terreno no âmbito da arquitectura, considera importante que a reutilização do pré-existente venha a ser uma prática recorrente mais atenta às potencialidades que por aí permanecem abandonadas?

RCJV- A reutilização de edificios deverá ser a principal actividade dos arquitectos na próxima década. Esta suposição prende-se com o facto de as cidades portuguesas terem os seus centros em estado de semi-abandono. Mas, também, porque desde a integração de Portugal na EU, os equipamentos sociais e culturais necessários têm sido, progressivamente, construídos. Reciclar será, por isso, uma inevitabilidade.

J.B. - Ao deparar-se com uma realidade existente, vê a “triagem” como um processo essencial na selecção das oportunidades de projecto lá presentes?

RCJV- Se por “triagem” entende “escolha” ou “opção”, podemos dizer que não acreditamos em projectos contra uma situação, cliente ou instituição. A percepção sobre a presença dos arquitectos é aferida no processo, sem qualquer preconceito inicial relativamente ao programa, lugar ou destinatário.

J.B. - A prática de reutilização quer do espaço quer dos materiais deve ser mais explorada na arquitectura? Quase que podíamos falar em adicionar à classe energética uma classe ecológica que avaliasse a melhor ou pior prática de reciclagem.

RCJV- A arquitectura ainda não explorou plenamente essas possibilidades. E essa exploração prende-se muito com uma maior abertura do mercado de construção a situações fora das que estão instituídas. Como habitualmente sucede, estamos ainda na fase da elaboração de protótipos, para que num segundo momento o mercado os possa reproduzir. A cortiça e o adobe são dois exemplos de arquitectura sustentados pela investigação. A construção corrente irá seguramente adoptá-los.

Anexo II - Entrevista ao arquitecto Ricardo Cruz, efectuada através de correio electrónico a 17 de Março de 2011

O arquitecto Ricardo Cruz representou o atelier Utopia Projectos na conferência intitulada “Reabilitação dos Centros Urbanos”, realizada em Novembro de 2010 na Exponor, e apresentou uma comparação entre reabilitação e reciclagem identificando-se mais com o conceito de reciclagem aplicando-o nos seus projectos. Revelou-se importante questioná-lo para ajudar a esclarecer as diferenças ou semelhanças entre estes termos.

João Bastos (J.B.) - Há muito que ouvimos falar de reabilitação na arquitectura, mais recentemente surgiu também a reciclagem como forma de intervenção. Quais são as principais diferenças que causam um certo conflito entre ambos os termos?

Ricardo Cruz (R.C.) - Reabilitação pressupõe um retorno a um determinado estágio anterior com uma componente actual e renovadora. Reciclar pressupõe um ciclo em que pensamos o fim de vida daquilo que produzimos. Reciclar implica estimar desde já que aquilo que estamos a produzir é a renovação de um antigo ciclo que terá necessariamente o seu fim.

J.B. - Estive presente na conferência intitulada Reabilitação dos Centros Urbanos, realizada no dia 25 de Novembro de 2010 na Exponor, na qual o arquitecto apresentou a sua preferência pela prática de reciclagem, exemplificada nos vários projectos mostrados. A reciclagem tornou-se, então, uma possibilidade, uma necessidade ou uma urgência?

R.C. - As três. Possibilidade porque as preocupações ambientais são maiores que nunca e os custos ambientais estão cada vez mais elevados o que à partida cria um ambiente favorável para a reciclagem. Necessidade pelo contexto actual que não nos deixa alternativas a um desenvolvimento sustentável. E urgência pois os recentes dados das alterações climáticas e a crise dos valores da energia não nos dão muito tempo para margem de manobra.

J.B. - O que significa para si reciclar arquitectura?

R.C. - Se falarmos de reciclar arquitectura como o que fazer com a cultura arquitectónica do passado consideramos que se devem encarar os ciclos de Arquitectura anteriores, verificar se estão válidos ou não (tal como olhamos para um objecto), e aplicar as necessárias transformações para que as mesmas “Arquitecturas” se adequem à realidade. Quando nos referimos a reciclar enquanto acto de projecto, trata-se do conjunto de ferramentas que temos para reaproveitar actos, materiais e objectos de modo a obter uma construção e vivência mais sustentáveis.

J.B. - Como se transpõe essas premissas para um projecto de arquitectura?

R.C. - Reaproveitando materiais de construção de outros locais, reocupando edifícios inteiros inserindo novos usos, no fundo, dotando de novos ciclos aquilo que já foi realizado. A

reabilitação, o restauro, a construção nova com materiais existentes são tudo modos de reciclar, mas mantendo um horizonte de tempo e tendo a clara consciência que o nosso trabalho será também, de certa forma, transformado por alguém no futuro. É no fundo Lavoisier aplicado ao projecto...“nada se perde, nada se ganha, tudo se transforma...”

J.B. - Julga que um compromisso ou fusão entre os três pilares da arquitectura (*firmitas, utilitas, venustas*) e os três princípios do desenvolvimento sustentável (Economia, Ambiente, Sociedade), poderá ajudar a definir e entender o processo de reciclagem na arquitectura?

R.C. - Sem dúvida. Existe sustentabilidade técnica, utilidade, e uma estética da reciclagem na Arquitectura. A economia, o ambiente e a sociedade encaixam neste processo como uma luva. Parece-me que a conceptualização está extremamente bem montada.

J.B. - Estará esta prática directamente associada a uma arquitectura mais efémera, com os seus ciclos a sucederem-se a grande velocidade que acompanha as também velozes mutações da nossa Sociedade?

R.C. - Sim. Muitos autores falam da aceleração da História e a arquitectura não é, nem vai ser, excepção. Mas isso do carácter efémero é bom. Só é mau se não soubermos converter o efémero em eterno. Aí entram os processos da reciclagem. Com as ferramentas da reciclagem podemos ter objectos feitos a partir de objectos e que se adequam continuamente ao devir histórico.

J.B. - Este processo envolve também a reciclagem dos materiais. No que diz respeito à reciclagem dos resíduos de construção e demolição, Portugal encontra-se na cauda da Europa com uns meros 5%, longe da média europeia de 50%. Que podemos fazer para inverter esta situação?

R.C. - Isso resulta do baixo volume de reabilitação, conservação e restauro na construção em Portugal. Podemos mudar isso ao projectar a construção nova com materiais e objectos existentes e reabilitando, restaurando e conservando edifícios antigos com novos usos ou estratégias de uso inovadoras.

J.B. - Lawrence Reiner refere no seu livro “How to recycle buildings” que a reciclagem é uma resposta aos elevados custos da nova construção, é uma poupança dos escassos recursos, é uma poupança de tempo, é uma poupança de energia, e é rentável para todos os interessados. Qual será a razão por permanecer pouco explorado este conceito?

R.C. - Excelente livro. No meu entender, é o desconhecimento do potencial dos edifícios antigos, o desconhecimento das técnicas de reabilitação, uma certa cultura social dos anos 80, 90, e até ao início de século marcada por uma nova vaga modernista que desprezava a história. Veja-se como Aldo Rossi desapareceu do debate arquitectónico...e como o seu trabalho, juntamente com o

de Grassi e os chamados “tipológicos”, seria importante recuperar...Esqueceu-se a cidade histórica e o resultado está à vista...As Escolas de Arquitectura fundamentam os seus cursos em projecto de edifícios novos na sua maioria, as Escolas de Engenharia fazem-no exactamente da mesma forma e agora temos de mudar o leme para o contexto real.

Anexo III - Entrevista ao arquitecto Gonçalo Byrne realizada no Departamento de Arquitectura da FCTUC a 2 de Março de 2011

O arquitecto Gonçalo Byrne conta com uma vasta obra construída, várias publicações e exposições e tem colocado em debate a questão da reciclagem na arquitectura. Era importante para este trabalho recolher a opinião do arquitecto acerca deste tema e na forma como interfere com as opções de projecto.

João Bastos (J.B.) - O que significa para si a reciclagem como prática na arquitectura?

Gonçalo Byrne (G.B.) - Reciclar quer dizer retomar o ciclo, quer dizer pegar em qualquer coisa e por a andar. Agora o que é que se passa nesta retoma do ciclo, aí é que é o problema, porque pode ser muitas coisas. Pode ser reciclar um uso, sem interferir, no caso concreto, no edifício. O edifício está em bom estado, serviu para isto, isto agora já não funciona e agora vamos por o ciclo a andar com um outro uso.

Pode ser outro aspecto, que é, por exemplo, reciclar os materiais daquele edifício. Por exemplo, demolir o edifício todo, meter o betão para um lado, triturá-lo e retirar-lhe o ferro, moer o tijolo... , pegar nesses materiais e p-los a fazer outras coisas, quer dizer o ferro funde-se e, hoje em dia, construir com materiais reciclados  uma prática já não só bastante corrente como, já, até no nosso país imposta por lei para alguns materiais. Mas depois há, por exemplo, materiais que não têm reciclagem possível. Por exemplo os amiantos, as chapas de fibrocimento são depositados em contentores estanques e vão para os chamados locais de lixo tóxico. Não é propriamente uma reciclagem porque aí não se remete para um ciclo, aí fecha-se um ciclo. Isto relativamente à reciclagem de materiais. Agora, eu, pessoalmente, o termo que uso mais quando falo em reciclar arquitectura é um termo que eu não vi ainda, até hoje, ninguém escrever sobre ele, mas que eu acredito que  possível falar, que  reciclar tipologias arquitectónicas, ou seja, o que é que é uma tipologia arquitectónica e o que é que  reciclar uma tipologia arquitectónica?

Uma tipologia arquitectónica por definição é resistente  definição de reciclagem, porque o conceito de tipologia baseia-se numa ideia de perenidade da tipologia. Portanto, a tipologia  uma coisa que tem grande duração, que tem longa “durata”. Bom, mas o que é que acontece, em teoria, se nos considerarmos a tipologia no sentido clássico com que ela foi interpretada, sobretudo a partir dos anos sessenta, em que o conceito de tipologia  couraçado,  blindado, e de certo modo agora estou a exagerar nos termos, porque é considerado que há certas formas históricas que supostamente resistem sem ser necessário adaptar. Ora, é aqui que eu acho que há alguma dificuldade, porque quando se fala efectivamente em reciclar tipologias, tem de se aceitar que a tipologia não é um conceito esttico. É um conceito

que admite alguma dinâmica e eu acho que para o conceito de tipologia desbloquear o seu sentido estático há que aceitar que a arquitectura, para além de uma dimensão de permanência que é aquela que é empolada a partir dos anos sessenta, não só por arquitectos como por historiadores, contém em si também embriões de vulnerabilidade, ou seja, não há, em minha opinião, nenhum edifício construído que é impossível falar de que é totalmente inalterável. Porque, de facto, é condição da própria arquitectura uma certa vulnerabilidade. O que eu quero dizer com isto é que a visão histórica do edificado “congelada” no tempo seria, um pouco caricaturalmente, a ideia de tipologia. Como diz o Manuel Solà-Morales, e bem quanto a mim, é a mesma coisa que ver um filme olhando só para o fotograma, ou seja, é olhar para uma coisa que é aceitável do ponto de vista teórico, mas que não tem qualquer hipótese de existência enquanto realidade física.

No entanto, eu continuo a pensar que um edifício que é declarado Monumento pode entrar na categoria do “congelado”, porquê? Porque o Monumento é uma estrutura física construída que toscamente, se quiser, perdeu, na designação clássica do triângulo Vitruviano, o *utilitas*. Eu digo perdeu o *utilitas* mal porque nós também nos habituámos a considerar que o *utilitas* é sempre interpretado na base do funcionalismo. Eu continuo a achar que há um *utilitas* simbólico. Mas não é um *utilitas* no uso do sentido pragmático, ou seja, Monumento, pelo sentido da própria palavra, quer dizer o Momento, portanto o edifício passa a ser representativo de um momento e, nesse sentido ele é esvaziado, se quiser, da função “uso” para ser transformado numa função evocadora ou evocativa. Mas, mesmo neste sentido, há problemas com o *firmitas*. Ou seja, não há *firmitas* que seja eterno em arquitetura, portanto, ou há manutenção, mas aí admito que possa até haver manutenção no sentido clássico do restauro, retirando a tipologia Monumento, a tipologia que ultrapassou a sua dimensão do *utilitas*. Qualquer edifício que mantenha na perenidade a dimensão arquitectónica, ou seja, onde co-existe *venustas*, *firmitas* e *utilitas* que não seja um Monumento, está vulnerável a uma mutação que tem a ver com o simples facto (vide novamente Rafael Moneo o artigo sobre a Mesquita de Córdoba) que os edifícios têm uma vida própria, ou seja, os edifícios ou as estruturas edificadas têm uma vida. E o que é que é essa vida? O Moneo é muito claro. Não é a vida orgânica. Não é o edifício que é projectado, construído, envelhece e cai. Não é isto. É a vida que o edifício tem que pode ser ciclos de perca, ciclos de retoma ciclos de abandono, que pode acabar no campo da arqueologia, mas tem sempre a ver com a interferência das estruturas, portanto do *firmitas* e da *venustas* com a *utilitas*. A vida do edifício tem de facto a ver com a maneira como é que essa estrutura resiste, ou não, ao uso que tem. Portanto, eu estou, quando falo em reciclagem do edifício, a chegar ao ponto em que um determinado edifício que tinha, e ainda tem, *firmitas* e *venustas*, mas que a *utilitas* desapareceu por obsolescência. Como é o caso do edifício industrial, dos cinemas, os sanatórios, que são um caso típico, e Portugal está cheio deles. O Caramulo por

exemplo está a reutilizá-los para Hotéis. O que é que eu quero dizer é que sem o *utilitas* o edifício já não funciona. E, portanto, das duas uma, ou ele passa a categoria de Monumento, que é possível, mas a noção que eu tenho é que pensar que todos os edifícios passam a categoria de Monumentos envolve sempre muito dinheiro. E pode-se justificar de facto quando é a Torre de Belém, por exemplo, ou os Jerónimos, ou muitos outros casos em que se justifica perfeitamente o esforço nacional para fazer isso. Ora, o que acontece é que não há meios para que todos os edifícios sejam Monumentos, portanto entra a vulnerabilidade e ataca em força, porque a vulnerabilidade dos edifícios entra normalmente por várias vias, a mais incontrolável é o cataclismo, o terramoto, o fogo, as inundações. Ou a outra coisa, que é muito pior, que é a acção humana projectada, cujo absurdo máximo, mas que é rigorosamente fruto do projecto, é a guerra. Uma cidade pode ser destruída por uma acção projectada, não por um arquitecto, mas por um estratega militar. Ou, e esse é aquele que particularmente me interessa, porque é aquele que hoje em dia está mais no centro do debate da própria arquitectura, eu estou agora a falar num período em que a questão energética e a questão da sustentabilidade é muito importante, que é o abandono, o puro e simples abandono que é o processo mais eficaz de a vulnerabilidade ir até ao fim. Ou seja, não serve, não se usa, não se mantém, acaba, ou eventualmente...

J.B. - Abandona-se e faz-se de novo

G.B. - Sim essa era a tese dominante da arquitectura durante muitos anos, a estratégia da substituição. Não sempre. Há casos históricos muito importantes de reutilizações e adaptações. Que é sempre uma questão delicada, eu acho que é sempre uma questão delicada, porque quando eu digo que uma tipologia pode ser reciclável é numa perspectiva de que toda acção humana arquitectónica projectada, em princípio, pode ser sujeita a um ciclo de reabilitação. Reabilitação normalmente, sobretudo se trata de um novo uso, implica qualquer transformação. Quer dizer, eu conheço relativamente bem o centro histórico da cidade de Siena, em Itália. Quando um tipo passeia pelas ruas, é de bom-tom dizer isto, está como estava no século XV e eu diria que é capaz de estar a 80%, não está como estava no século XV. No século XV simplesmente não havia vidros, ninguém punha vidros nos caixilhos. Mas eu admito que Siena possa, por fora, estar a 70%, por dentro está para aí a 40/50%, é inabitável, é impossível habitar um edifício. Garanto-lhe que todo o centro de Siena, deve ser das cidades históricas mais habitadas, e eu conheço algumas casas que visitei, todas excepcionalmente bem equipadas, casas de banho, sistemas de aquecimento, casas quentes, e grande parte delas têm elevador obviamente porque são prédios de 5/6 andares. A própria regulamentação a própria normativa, ou seja, a vida, a interferência do edificado com a vida, faz com que os edifícios se adaptem, como quiser, eu chamo-lhes reciclados. Digo que a tipologia é reciclável dentro de certos limites.

J.B. - Já que falou de reabilitação, que relação podemos estabelecer entre a reciclagem e a reabilitação?

G.B. - Vamos lá ver, reabilitação quer dizer um edifício que não está habilitado para um uso vai ser habilitado para esse uso. Há aqui um problema que eu devo dizer que tenho muita dificuldade porque eu não sou historiador, não tenho a perspectiva analítica, portanto, muitas vezes dispero conceitos porque são aqueles que eu manipulo nos projectos e uso nos projectos. E percebo que para quem manobra estes termos eles devem ser balizados, deve haver, pelo menos, um consenso entre eles. Por acaso, o que eu tenho visto é que, apesar de tudo, neste tipo de termos tem havido um consenso bastante aberto, pelo menos internamente. Eu o que acho é que, por exemplo, reabilitar, reabilitar quer dizer tornar novamente habilitado. Portanto, quer dizer de certo modo intervir no edifício para o reabilitar para um determinado uso, que poderá eventualmente ser outro que não o primitivo.

Susana Lobo (S.L.) - Quando há essa reabilitação do edifício, não há uma reciclagem do edifício?

G.B. - Eu creio que há, em minha opinião há, mas eu quando digo reciclagem (eu escrevi há pouco tempo um pequeno texto para um catálogo de uma exposição que está na Corunha), e reconheço que vi até hoje muito pouca gente falar em reciclagem de edifícios, de certo modo eu tenho clara consciência que estou a forçar o tema. E estou a forçar um tema porque me interessa reforçar também outros aspectos. Como sabe, o debate não é só na arquitectura. O debate na cultura hoje em dia, quando nós vivemos o momento cultural que vivemos, em que sabemos que todas as energias que se tem utilizado até agora não são recicláveis, são energias a fundo perdido. Energias, essas sim, não são recicláveis, são renováveis. E são várias, o Sol, o vento a água.

S.L. - Será que a reciclagem não implica também uma vertente material, os materiais que são utilizados são materiais reciclados, e não implica uma maior rapidez de transformação, ou seja, um tempo mais curto na utilização dos edifícios? A reabilitação eu penso sempre como uma coisa perene. Uma pessoa intervém no edifício para ele ter mais não sei quanto tempo de vida, enquanto a reciclagem implica um tempo de vida do novo ciclo mais curto e mais frequente.

G.B. - Isso, se quiser, sim, porque, como sabe, a velocidade de transformação dos modelos de vida, qualquer sociólogo ou antropólogo diz isso, é uma condição da cultura contemporânea. Eu acho que reciclagem, neste sentido de reutilização de uma determinada tipologia arquitectónica sempre existiu na história. Como sabe, as muralhas das cidades medievais, a certa altura, foram transformadas em casas, as próprias arenas,

o teatro, o mosteiro. Para mim o termo que me interessa mais quando falo de reciclagem é a reciclagem tipológica. Também sei que não é pacífico. Calculo que um historiador tenha mais resistência que um arquitecto em entender o que é uma reciclagem tipológica. Precisamente porque o conceito de tipo evoluiu muito para o congelado no tempo. Tipo como uma forma arquitectónica que, de certo modo, é... é muito como é que hei-de dizer... Rossi diria muito clássica. É uma velha discussão que o Moneo também levanta sobre a questão da flexibilidade na arquitectura, por exemplo, agora estamos a falar de outro tema.

Há as duas teses, quer dizer, há o tipo que diz o edifício mais flexível é o edifício que é menos rígido, e portanto, que é totalmente adaptado, modulado com elementos ligeiros, extensível, que é um pouco a teoria baseada no funcionalismo; e há outra teoria que diz o edifício mais flexível é o edifício clássico, onde a ordem perene do tempo facilmente aceita outros usos. A noção que eu tenho é que nem um nem outro, portanto, tanto um como outro esquecem outras dimensões da arquitectura, que de facto não são muito faladas. Eu nunca mais me esqueço do primeiro texto crítico em relação à definição tipológica dos anos sessenta e toda a interpretação que a escola italiana lhe deu e eu acho que a discussão tipológica entra na arquitectura muito marcadamente pela importação de um raciocínio histórico.

J.B. - Mas então reciclagem e reabilitação convivem perfeitamente?

G.B. - Eu acho que têm pontos de convergência. Se for a um dicionário de sinónimos se calhar vem lá o sinónimo. Como sabe, os sinónimos são palavras que supostamente têm o mesmo significado, mas nós depois sabemos que às vezes têm nuances, que não são bem a mesma coisa. Reciclagem, quer dizer, ninguém hoje em dia, creio eu, tem qualquer dúvida sobre aquilo que eu dizia há bocado, reciclar o betão, é uma operação com contornos de tal maneira simplificados.

S.L. - Há a reciclagem do uso e há a reciclagem do material e agora estávamos a falar da reciclagem tipológica. A reciclagem tipológica tem a ver um pouco, também, com a reciclagem de usos. Como é que entra a reciclagem material nisto? Parece que é uma coisa um pouco à parte. Não é obrigatório haver uma reciclagem material quando há uma reciclagem de uso?

G.B. - Não é obrigatório, a reciclagem material é um discurso que pode ter a sua autonomia.

S.L. - Mas provavelmente é o grande ponto de diferença entre reciclagem e reabilitação. Porque a reabilitação também implica uma adaptação, uma adequação de uso.

G.B. - É verdade, mas..., sim, quem sou eu... eu presumo que os termos têm uma alta carga sinónima, mas onde é que estão as divergências, não sei. Para mim reabilitar é pegar num edifício que está não habilitado e torná-lo habilitado, independentemente da habilitação. Reciclagem é pegar num edifício, que tinha uma determinada forma e um determinado uso, ou seja, porque vamos lá ver, para mim não faz sentido falar... se calhar a diferença está aqui. Eu quando digo reciclagem tipológica estou a dizer reciclagem arquitectónica, ou seja, para mim a noção de tipo não faz sentido se não tiver as três vertentes vitruvianas. Ponto. Se faltar uma delas já deixa de ser arquitectura e eu diria deixa de ser tipo. Eu se calhar estou a ser extremamente heterodoxo mas, na maneira como eu vejo e em toda a discussão e sobretudo nas clivagens, quando se fala de tipo, que ainda hoje há e Moneo quando escreve está perfeitamente consciente disso, para mim quando se fala em tipo eu estou a falar numa arquitectura total. Uma arquitectura que é forma, uma arquitectura que é beleza, que tem carga estética que corresponde a um determinado período de uma cultura que o fez. E que além disso tem um uso e portanto quando eu digo reciclar uma tipologia estou a dizer reciclar isto tudo. A reciclagem do material, em minha opinião é uma coisa que está muito aquém disto é uma coisa que eu diria...

J.B. técnica.

G.B. - Sim praticamente de âmbito puramente tecnológico, tecnológico e energético esse componente é muito importante mas enfim, nas tecnologias tal como hoje elas se põem, a questão da reciclagem dos materiais eu creio que também existiu na história mas não há dúvida que hoje é muitíssimo mais importante do que existiu na história. Porque o mundo não pára de crescer demograficamente, os recursos são finitos e a sociedade preocupa-se com o futuro das próximas gerações.

S.L. A minha questão é: a reciclagem implica, ou pode implicar uma alteração da forma?

G.B. - Pode naturalmente, claro que pode. Aqui há tempos fui a uma conferência do Herzog em Lisboa em que ele dizia que em arquitectura nada é imutável. E eu acho que ele tem razão. O que há é arquitecturas de longuíssima duração, e há arquitecturas... Nem as pirâmides do Egipto são imutáveis.

J.B. - Mas parece que a reciclagem tem mais abertura, é mais proactiva, implica um maior distanciamento em relação à história, penso eu, ou uma maior imparcialidade em relação à história.

G.B. - Não, eu pessoalmente acho que estes termos sempre existiram. O que eu acho é que há visões, há percepções e há sensibilidades em relação a estes conceitos que vão, de certo modo, adquirindo outras nuances.

J.B. - Mas, por exemplo, a reciclagem, e falou há pouco que era polémico, eu estive numa conferência em que o arquitecto Ricardo Cruz assumiu a reciclagem como um princípio, mesmo no seu método de projecto, e acabou por ser criticado, no final. Muitas vezes também aparece a palavra reciclagem entre aspas, porque é que será que há esta polémica?

G.B. - Por uma razão muito simples. Eu diria que a reabilitação hoje em dia está muito mais comumente aceite, mais estabilizado do que a reciclagem, ou doutra maneira, no âmbito arquitectónico a reabilitação, hoje em dia, é um conceito que tem muito mais história, já tem muito mais passado e, portanto, já é muito mais comumente aceite. A reciclagem, nos materiais é perfeitamente aceite. Neste termo de edifício ou tipologia eu tenho plena consciência que estamos a falar...

S.L. - Mas a reciclagem de materiais é uma coisa que, como falou, desde sempre existiu, nas muralhas que são transformadas...

G.B. - Claro, grande parte das pedreiras eram muralhas. Está ali à mão vamos utiliza-las. De resto ainda há pouco retirei de uma revista alemã Detail um excelente artigo sobre reciclagem de materiais em arquitectura e é obvio que eles começam nessa incursão histórica. O que acontece é que hoje, a questão da reciclagem, e note, se isto fizesse sentido e se ela se vier a consolidar no domínio da arquitectura é das últimas consolidações, porque a reciclagem é já perfeitamente aceite no campo energético, por exemplo, no campo ambiental. É impossível falar, hoje em dia, de ecossistemas de equilibrados sem admitir que os próprios ciclos da natureza se reciclam e que há esta noção, que sempre existiu, só que digamos que é uma espécie de neologismo na arquitetura.

S.L. - Na sua exposição que está agora na Corunha pelos vistos um dos núcleos é chamado de “Reciclagem”.

G.B. - Eu tinha um espaço na Corunha que era um espaço péssimo para fazer uma exposição, porque era um edifício em que tudo ligava com tudo e portanto um espaço muito complicado. E eu propus, fazer ao contrário. Criar três espaços e três espaços que

não contactam ou contactam só com elementos muito pontuais entre eles. De tal maneira que quando estou num espaço percebo um determinado âmbito, quando passo para o outro tenho um pé direito duplo, quando passo para o terceiro está tudo acachapado. Tinha dezasseis projectos que queria mostrar e queria que essa apresentação dos projectos servisse para debater determinadas questões sobre a arquitectura e sobretudo, em minha opinião, sobre a arquitectura contemporânea. A relação da arquitectura com a cidade, e há um primeiro núcleo que é sobre os vazios da cidade, é outro chavão que ainda hoje tem contornos porque coincide com a noção de espaço em arquitectura. O que é que é vazio, o que é que é espaço, sendo um tema em que têm aparecido imensos contributos ultimamente. O segundo chavão é sobre a arquitectura como contentor de vida, outro neologismo que eu inventei, de certo modo. Não é que não haja mais gente a falar disto, mas é uma ideia muito recente. Quer dizer, por que raio é que a arquitectura pode ser um contentor de vida? Pensa-se logo que é um contentor daqueles dos barcos, não é. E o terceiro que é a reciclagem. Portanto, são estes três temas que constam no catálogo, com uma sequência de projectos. Estes temas são absolutamente transversais. Eu podia a propósito da reciclagem, se calhar, estar a falar de um projecto que eu usei para falar dos vazios da cidade, tanto faz, também lá está. Para cada tema há um texto, agora estes textos, eu volto a dizer que é o que eu digo sempre, eu não sou, não fui, nunca serei, nem quero ser um teórico de arquitectura no sentido clássico. A mim a teoria que me interessa é aquela que resulta da reflexão sobre o trabalho que eu faço e que os meus colegas fazem e que eu vejo à minha volta.

J.B. - Mas em relação à exposição e ao chavão da reciclagem, por exemplo o edifício do Estoril-Sol aparece como reciclagem, como é que o podemos definir esse edifício como reciclagem?

G.B. - Sim, já não é uma reciclagem tipológica. É a tal historia. É uma falta de rigor clamoroso, a única maneira de meter o edifício do hotel Estoril-Sol numa discussão sobre reciclagem seria sobre a reciclagem de um sítio e não a reciclagem do edifício. Portanto, isso eu acho que é pertinente, porque bem ou mal, com crítica ou sem crítica a perspectiva que sempre me interessou no Estoril-Sol é a relação de uma forma construída com uma realidade geográfica e topográfica, muito forte que está completamente escondida, que ninguém consegue ver a não ser que vá de helicóptero, e que tem uma boca e uma presença de entrada que estava completamente tapada com o edifício antigo e que hoje, bem ou mal, começa a funcionar. O edifício funciona como uma espécie de grande porta de entrada à escala de um parque que tem quase um quilómetro de comprimento e que é um vale fabuloso feito pela erosão de um ribeiro durante milhares de anos, e que tem umas espécies fantásticas lá dentro porque resulta de umas brisas que se cruzam entre o mar e o interior que infelizmente está muito mal tratado pela Câmara, mas que pelo menos a praça

de entrada está acabada de fazer e está impecável e funciona bem.

S.L. - Já agora, outra obra dessa mostra é a pousada de Viseu? Aí entende reciclagem em que sentido?

G.B. - Aí é uma reciclagem tipológica, nitidamente quanto a mim, embora com uma carga de grande permanência tipológica. Eu costumo dizer que em Viseu as duas transformações do ponto de vista do tipo de edifício que existia, uma é no pátio a outra é na cobertura. O pátio do hospital era um espaço exterior, passou a ser um espaço interior passou a ser o núcleo do hotel, e a cobertura, que era uma cobertura em telha, que em minha opinião era um mal entendido neoclássico, ou seja, mal feito.

Quando eu fiz o projecto tinha muito pouca informação histórica sobre o edifício. Mas quando vi o edifício é absolutamente notável, porque um hospital é sempre vida. Vide o que aconteceu aqui com os edifícios hospitalares em Coimbra. Um hospital é um edifício que está sujeito a bombardeamentos contínuos, por causa da evolução tecnológica da saúde, de facto, e, portanto, as partes que estavam mais estragadas eram os blocos cirúrgicos, mas mesmo assim ele resistiu de uma maneira incrível. E quando se vê a tectónica do edifício, que quanto a mim é um terço do tipo, é o *firmitas*, não é o *venustas*, é o *firmitas* se quiser, portanto a tectónica do edifício é impressionante, a perenidade daquele edifício é impressionante. Tudo aquilo é edifício original com algumas adaptações, um bocado desastradas, mas que eram tão desastradas que até foi muito fácil derrubá-las e resolvê-las.

S.L. - estava a falar há pouco da cobertura...

Portanto o que é que tinha, o edifício era um edifício neoclássico em granito que tinha aquela coisa que é clássica, na arquitectura clássica e neoclássica, que é nas fachadas uma distinção muito clara entre embasamento, corpo do edifício e cornija. E como é um edifício mais ou menos cúbico, esta corpositude neoclássica quando termina numa cornija com uma certa expressão e com o frontão à frente e aparece por trás da cornija um telhado empinadíssimo, levando a pensar que se está a falar da arquitectura do estado novo e não da arquitectura clássica. Isto foi um argumento que eu usei para transformar a cobertura. Refez-se o pavimento, que era o nível do tecto que existia por baixo da cornija, e sobre ele foi acrescentada uma construção diria quase miesiana, muito ligeira, que mete uma série de quartos com uma tectónica já muito mais ligeira, que gira para os quatro lados e portanto que tem uns terraços com uma vista absolutamente fabulosa, e recua, e a sombra da laje ligeiramente balançada do último piso, de certo modo reforça o corpo da cornija neoclássica, é como se eu tivesse a cornija e agora tivesse um segundo remate recuado que fizesse um aro de sombra à volta daquilo.

S.L. - e é a partir daí que lança a cobertura que vai cobrir o pátio?

O pátio não, é uma estrutura totalmente autónoma, tem umas asnas metálicas que são depois forradas e tem um sistema de lanternins. Mas, portanto, é um pouco a ideia de um pátio que em certa medida, no hospital, existia por óbvias razões higienistas do seu próprio funcionamento.

J.B. - Eu tentei perceber melhor o que era a reciclagem. Julga que um compromisso entre os três pilares da arquitectura (*utilitas, firmitas, venustas*) fundidos com os três princípios do desenvolvimento sustentável (economia, ambiente, sociedade) pode ajudar a definir o que é que é este processo de reciclagem?

G.B. - Eu acho que a transição do termo de reciclagem para o campo da arquitectura passa por aí, passa por lidar com a transversalidade de conceitos. Eu creio que sim, de facto no século XIX ela existiu mas ninguém estava interessado em falar disso.

J.B. - Se calhar, para terminar, e atendendo à sua experiência e olhando o panorama construído em Portugal, considera que a reciclagem é uma necessidade, uma possibilidade ou uma urgência?

G.B. - Como é que eu respondo a essa pergunta? Vamos lá ver. Eu acho que é importante discutir a reciclagem, se entender, entre outras coisas, que a reciclagem quer dizer, cada vez mais, pegar em edifícios existentes e pô-los a viver. Edifícios que por um lado estão caducos, quer dizer, o Hospital de Viseu estava há doze anos completamente abandonado, os centros históricos, a Villa de Estói foi saqueada, vandalizada, quer dizer, conseguiu-se agarrar aquilo mas já com perdas irre recuperáveis em muitas coisas e como não se pensou em reconstruir, até porque não havia dinheiro pois são operações caríssimas. Mas, portanto, eu acho que intervir no existente é de facto um dos conceitos para mim da reciclagem. O parque construído que se degrada, promover a habitação muito mais na habitação reciclada ou reabilitada, se quiser, do que fazer construção nova. Acho que este tema é muito importante ser falado, hoje em dia, e é muito pouco falado.

J.B. - eu vi uma estatística em que haviam 680 000 edifícios abandonados que para as nossas necessidades serviam para dezasseis anos.

G.B. - Não tenha duvida, não tenha duvida, ainda por cima em Portugal é o absurdo total porque os planos de expansão, os chamados PDM que se enxamearam nesse país todo criaram zonas de construção nova de habitação que, de facto, se tivesse havido condições para as fazer, estávamos num país completamente surrealista, porque eram dez vezes as necessidades que nós temos, dez, ou vinte, ou cem, não sei... Quer dizer, uma coisa completamente absurda, mas isso era uma perspectiva. Porque, infelizmente, por exemplo,

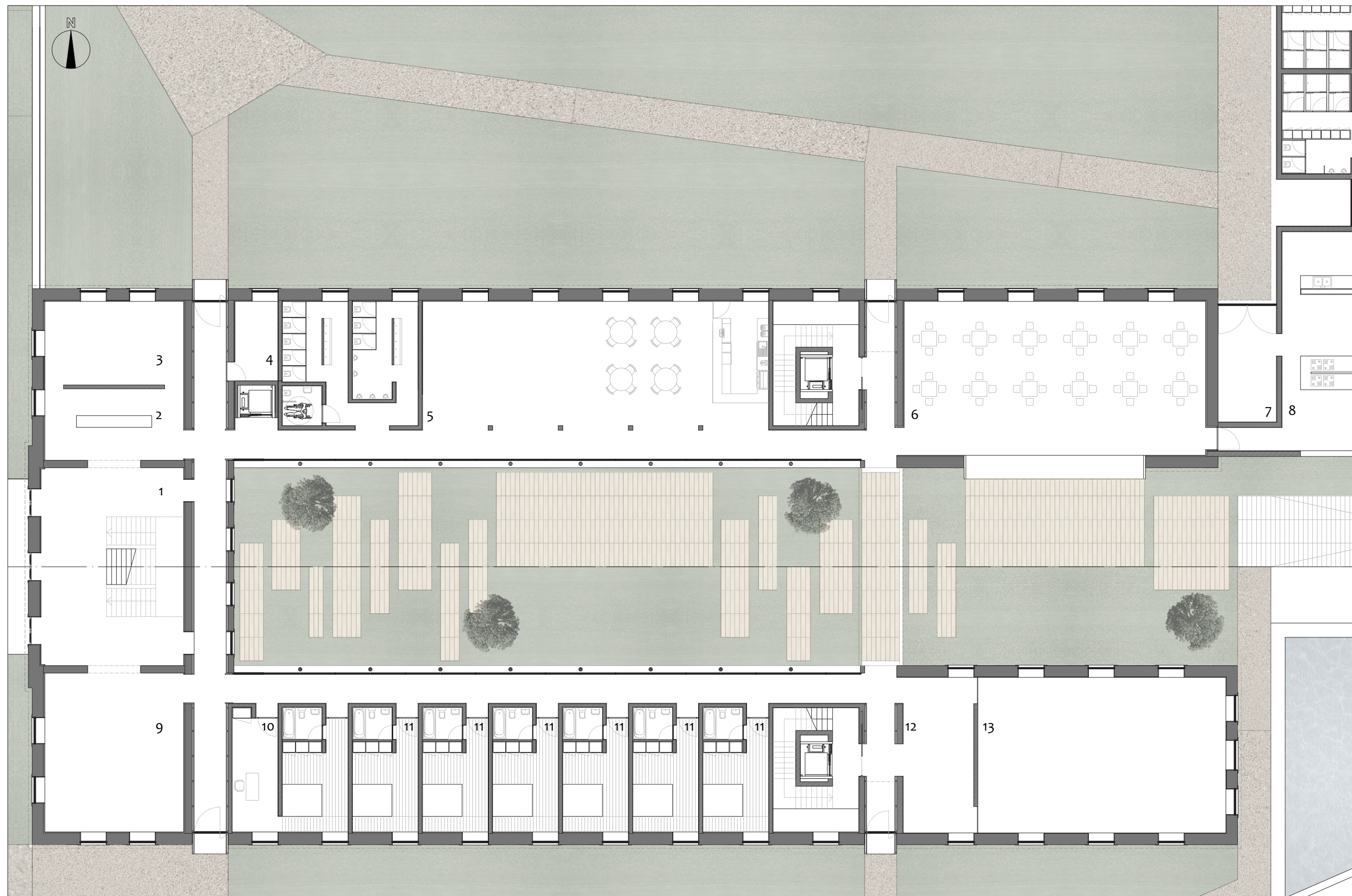
outra questão que eu acho que vem um pouco associada a esta questão, para não ser polémico, da reabilitação dos centros históricos, é o recentrar das cidades, e de certo modo acho que é muito importante também, como antídoto à infundável periferia. Porque, isso sim, é que é a coisa mais anti-ambiental, anti-sustentável, anti-ecológica, que existe. E eu acho muito engraçado porque os ecologistas do nosso país “mandam-se como gato a bofé” quando fazem projectos de densidade razoável de construção e não dizem nada quando se continua a “comer” o território. A baixa densidade espalhada pelo terreno, só em gasolina, só na dependência do automóvel, é uma coisa completamente absurda. Portanto, eu acho que, nesta perspectiva, é muito importante falar de reciclagem, não lhe chamo arquitectónica, mas esta ideia resulta de facto de uma incorporação de uma transversalidade. Mas eu não vejo muito os professores de projecto, quando dão um programa de edifício, darem também um edifício existente, e eu acho que era muito interessante, acho que as escolas de arquitetura deviam estar a fazer isso com grande convicção, sobretudo em Portugal. Toma lá este hospital que esta a cair de podre, chove lá dentro, toma lá o sanatório, e agora toma lá um programa e trabalha sobre isto.



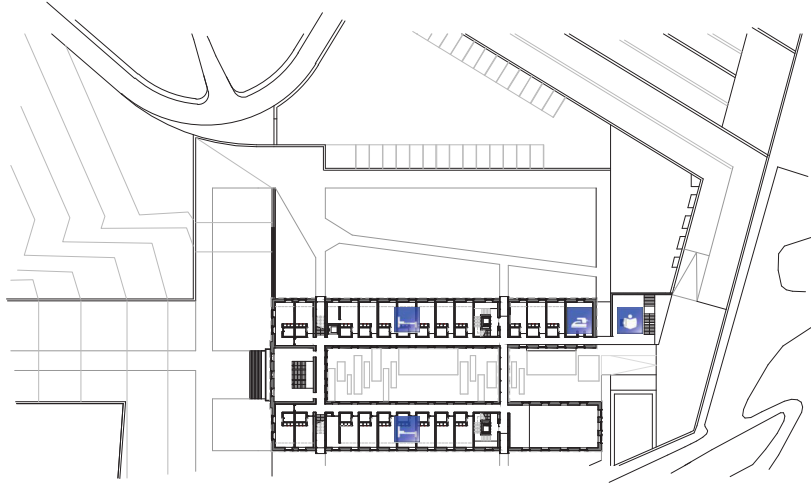
Planta Piso 0



Esquiço de projecto



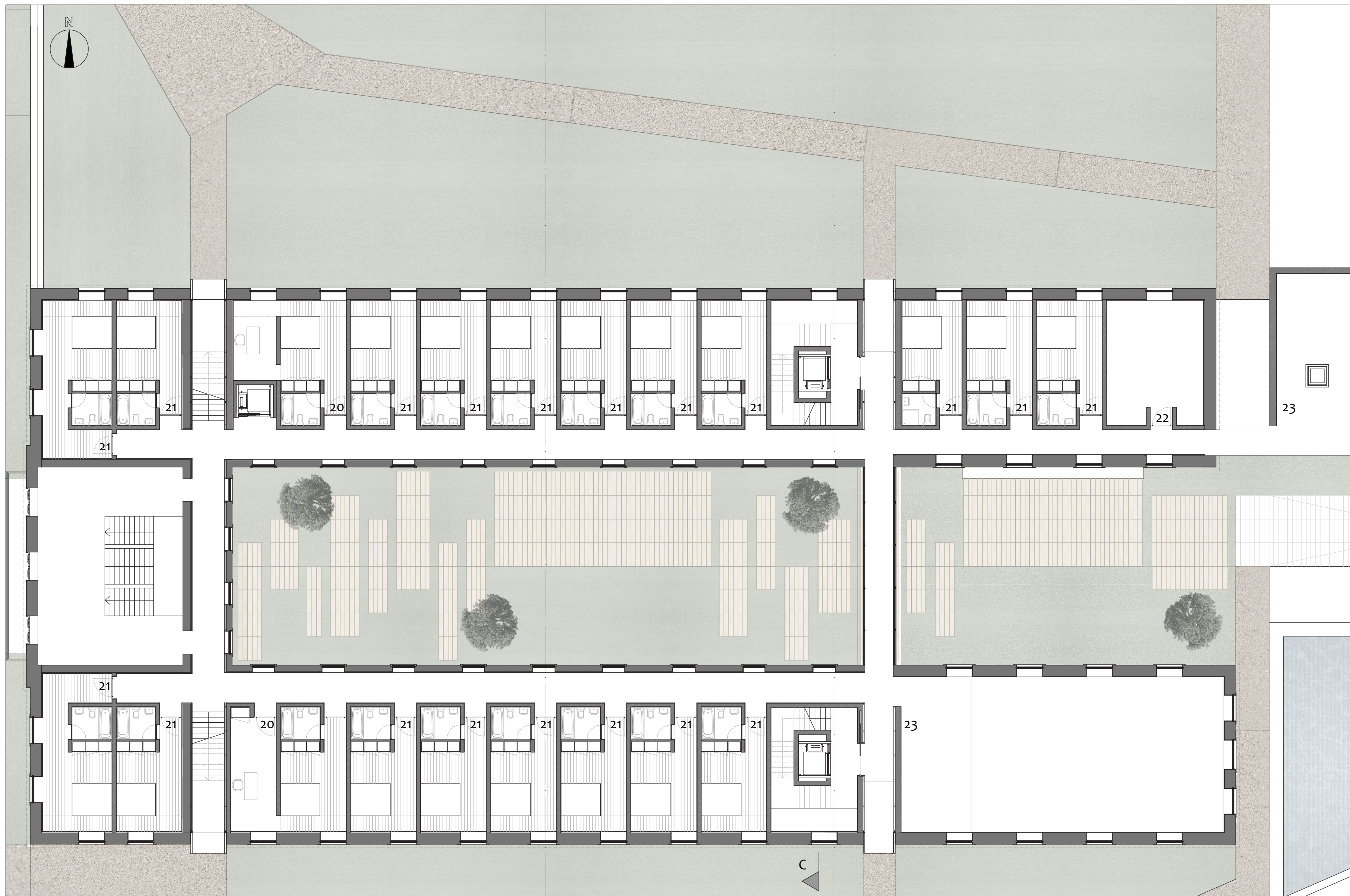
Legenda: 1- Átrio 2- Recepção 3- Back office 4- Área técnica 5- Sala de convívio 6- Restaurante 7- Despensa 8- Cozinhas 9- Sala de jogos
 10- Quarto/escritório 11- Quarto 12- Foyer 13- Sala polivalente



Planta Piso 1

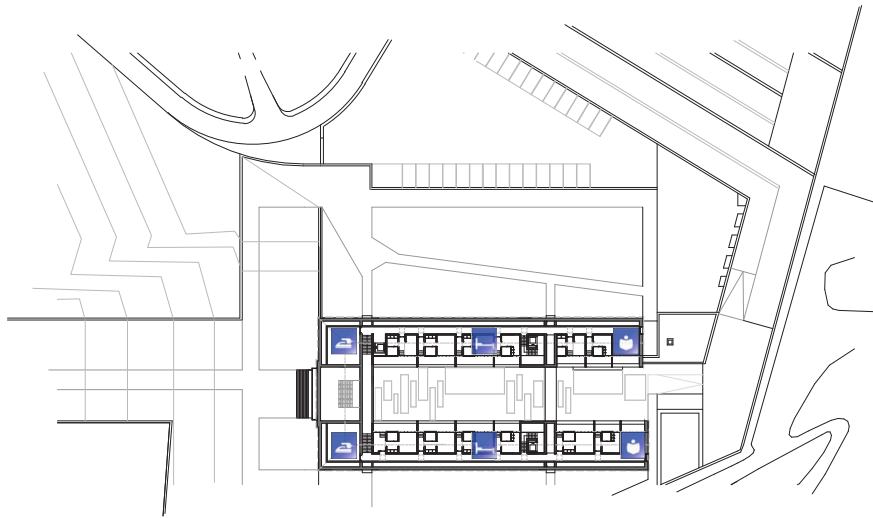


Perspectiva isométrica

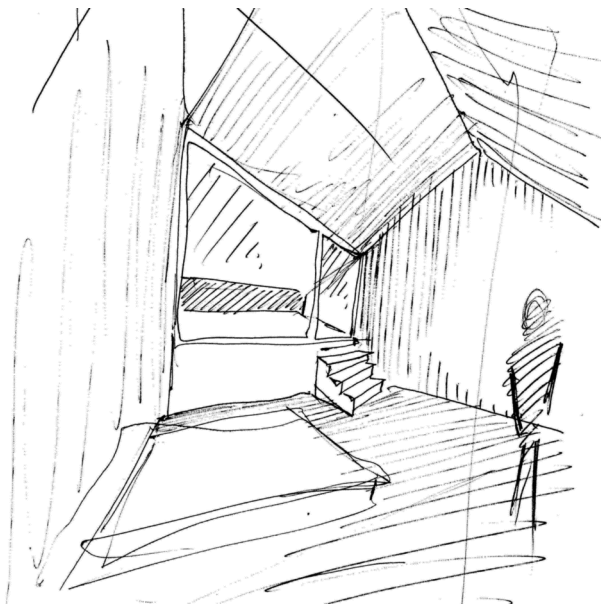


Legenda: 20- Quarto/escritório 21- Quarto 22- Área de serviço 23- Sala de estar
- 155 -

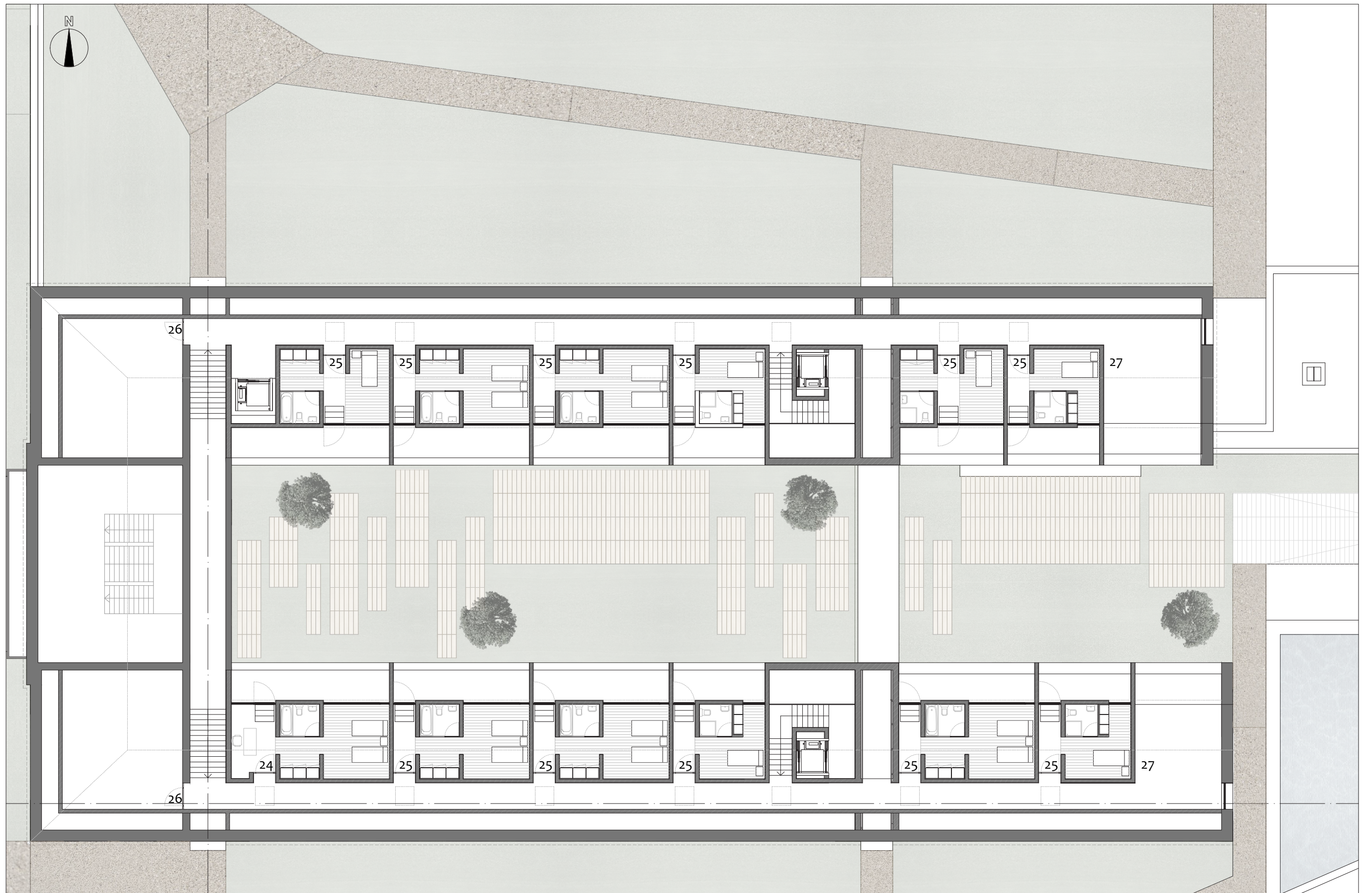
Esc. - 1/200



Planta Piso 2

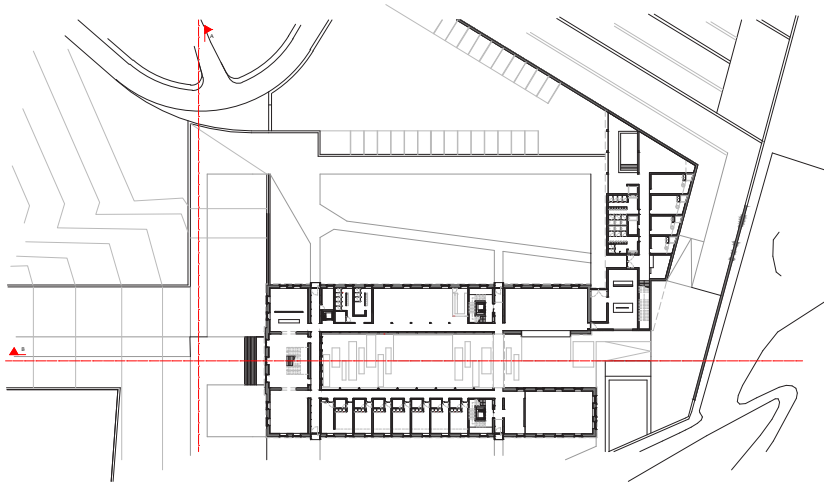


Perspectiva do quarto



Legenda: 24- Quarto/escritório 25- Quarto 26- Área técnica 27- Sala de estar

Esc. - 1/200



Cortes A e B



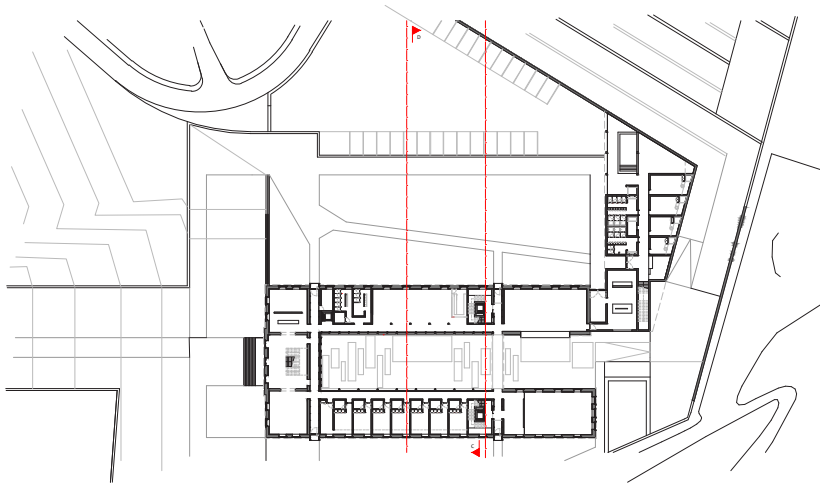
Vista sul



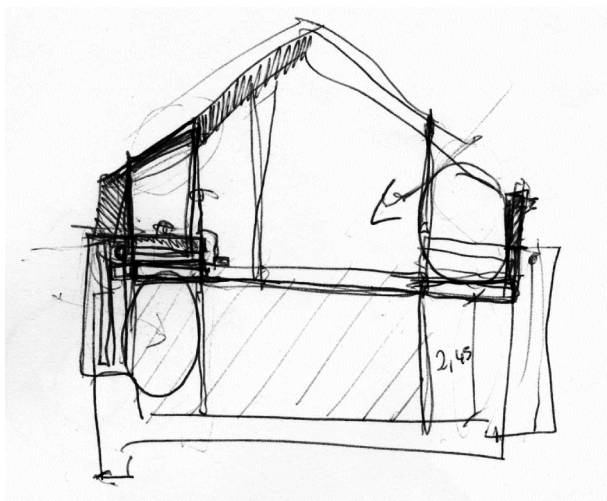
Corte A



Corte B



Cortes C e D



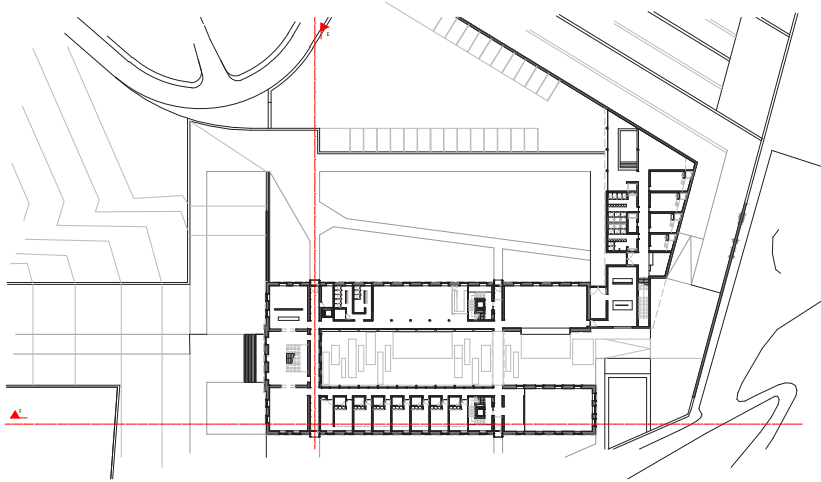
Esquicho do corte pelos quartos



Corte C



Corte D



Cortes E e F



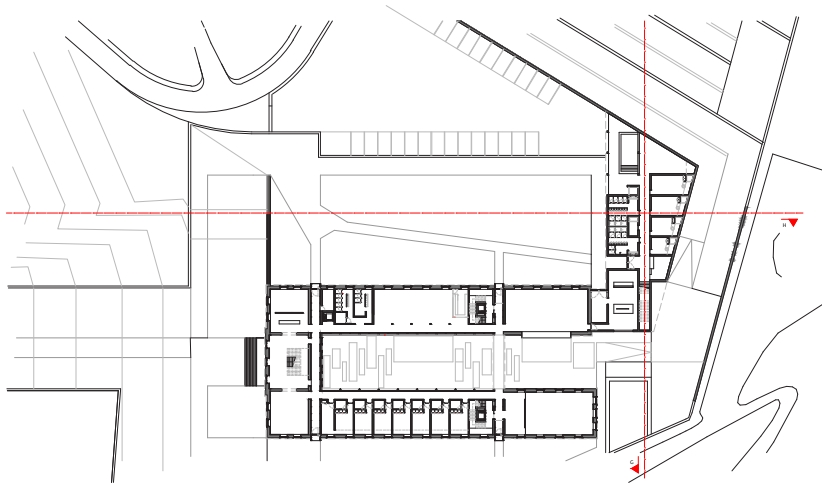
Entrada lateral



Corte E



Corte F



Cortes G e H



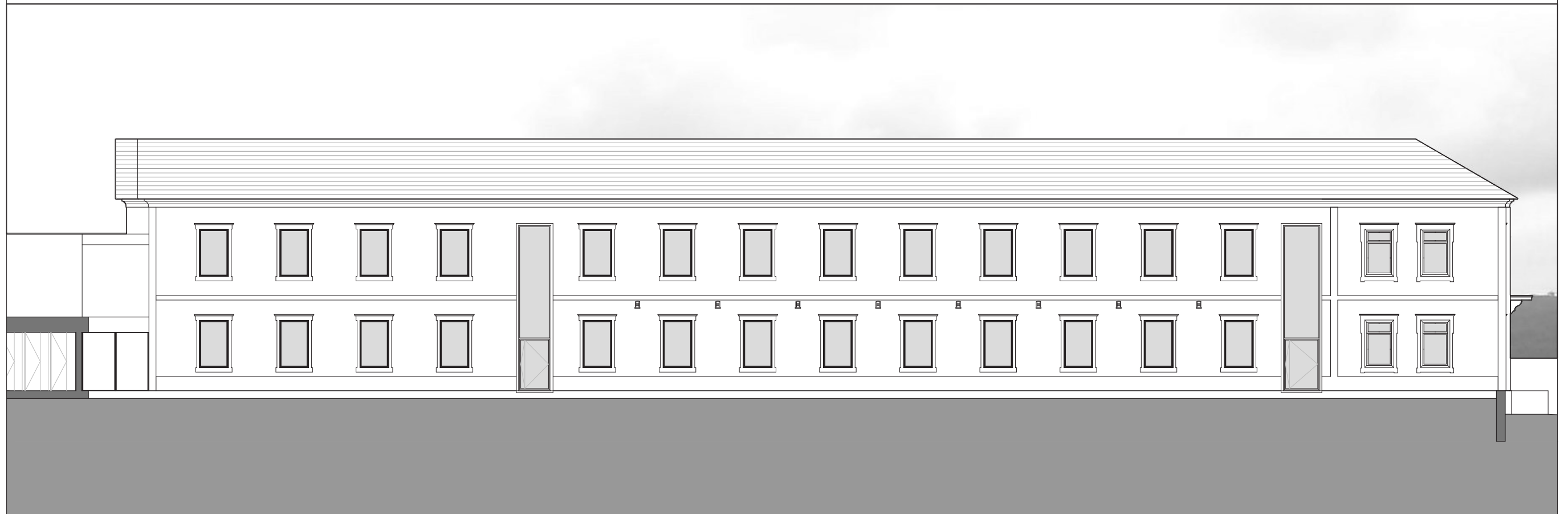
Sala de massagens



Piscina interior do SPA



Corte G



Corte H